



MOISÉS E SIPHORAH

de F. V. Lorenz

Uma via poética à Transcendência

**CADERNOS DE
EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

ELISA GONSALVES POSSEBON
FABRICIO POSSEBON

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

Libellus
Editorial

PROVE[®]
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

MOISÉS E SIPHORAH

de F. V. Lorenz

Uma via poética à Transcendência

Elisa Gonsalves Possebon

Fabricio Possebon

MOISÉS E SIPHORAH

de F. V. Lorenz

Uma via poética à Transcendência



João Pessoa, 2026

Conselho Editorial

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)

Elisa Gonsalves Possebon (UFPB)

Fabricio Possebon (UFPB)

Fátima Sousa Lima (UFOPA)

Fernando Pita (UERJ)

Francisco Pegado Abílio (UFPB)

Luiz Gonzaga Gonçalves (UFPB)

Telmo Adams (UNISINOS)

Ricardo Lucena (UFPB)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na fonte – Libellus Editorial**

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

Ed24

MOISÉS E SIPHORAH de F. V. Lorenz Uma via poética à Transcendência
/ Elisa Gonsalves Possebon, Fabricio Possebon – João Pessoa: Libellus
Editorial, 2026.

196 p.;

Bibliografia
ISBN 978-65-5264-068-0

1. Educação I. Possebon, Elisa Gonsalves, II. Possebon, Fabricio, III. Título
IV. Série

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – 370

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão escrita da editora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
UMA VIA POÉTICA À TRANSCENDÊNCIA	08
MOISÉS E SIPHORAH	86
ANEXOS	
QUE É O OCULTISMO	161
CABALA - A TRADIÇÃO ESOTÉRICA DO OCIDENTE	163
RELIGIÃO DOS EGÍPCIOS	166
FILOSOFIA E REFORMA RELIGIOSA, NO ANTIGO EGITO	170
A BÍBLIA E O ESOTERISMO	173
A COSMOGONIA DE MOISÉS. GÊNESE, CAPÍTULO I	182
CRONOLOGIA DO POETA FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191
SOBRE OS AUTORES	192

INTRODUÇÃO

Em Educação Emocional, temos interesse nos trabalhos que homens de gênio, em todos os lugares e épocas, produziram e que possam ser bem compreendidos e aproveitados naquilo que chamamos regulação emocional. O bem-estar emocional é por si mesmo um objetivo, mas ele pode ser também um caminho para aquele que busca o transcendente.

Neste Caderno de Educação Emocional, recuperamos uma obra poética que está “esquecida”, há mais de um século. Trata-se do poema “Moysés e Siphorah¹”, de Francisco Valdomiro Lorenz, publicado pela editora O Pensamento, em 1920. O trabalho de vida do prof. Lorenz é vasto e aqui nos concentramos em informar o que publicou mais diretamente em saúde e bem-estar.

Há três obras de medicina, em sentido amplo:

- . Receituário dos Melhores Remédios Caseiros.
- . Homeopatia Doméstica Brasileira.
- . Pequeno Consultório Hermético.

Outra parte de sua obra está focada na Espiritualidade e Transcendência, oferecendo sempre muitos ensinamentos práticos para o buscador:

- . Diálogos Iniciáticos.
- . Raios de Luz Espiritual. Ensinos Esotéricos.
- . Lições Práticas de Ocultismo Utilitário.

Corroboram esses ensinamentos, dito ocultos ou esotéricos, uma série de publicações sobre Astrologia, Cabala, Quiromancia, Orações. Há ainda uma via à transcendência oferecida pelo Prof. Lorenz, através do *lógos*. São contos, romances, fábulas e uma biografia:

- . Contos e Apólogos.
- . No jardim da alma.
- . O filho de Zanoni.
- . Um Apóstolo do Progresso. Páginas de história Tcheca².
- . Chamas de Ódio e o Puro Amor.

¹ Há várias grafias para este nome bíblico: Séfora, Sephora, Zípora, etc. Nesta obra deve ser lido “Siforá”.

² Trata-se de uma biografia de João Amos Komensky, mais conhecido como Comenius. Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1924.

Destaca-se finalmente sua obra poética. Citamos somente as originais em língua portuguesa:

- . Ensinos Paternos (1910³).
- . Moisés e Siphorah (1920).
- . Krishna. O salvador da Índia (1922).

Portanto, naquilo que entendemos como uma possibilidade de ascensão ao transcendente, pela via do *lógos*, ou seja, da palavra, os seus poemas ocultistas sobre Moisés e Krishna plenamente respondem ao anseio do buscador, em nosso entendimento.



Francisco Valdomiro Lorenz

³ Trata-se de poemas educativos para a juventude.

Em nosso ensaio, nas páginas seguintes, defenderemos que a experiência transcendente é essencialmente afetiva, portanto o seu caminho “natural” é pela via do *páthos* (paixão, comoção, emoção, sentimento). Avançaremos do *páthos* ao *lógos*, exemplificando tudo com nossos trabalhos de Educação Emocional⁴, para finalmente chegar ao conceito de *lógos* afetivo, como uma outra possibilidade para o buscador do transcendente. As fotografias são abundantes e pessoais, mostram nosso envolvimento na temática e constituem uma narrativa paralela ao ensaio.

Em resumo, por hipótese, o poema “Moisés e Siphorah” é capaz de envolver o leitor emocionalmente em sua narrativa, permitindo que o mesmo passe a um estado de consciência sutil e elevado, estado esse absolutamente necessário ao que busca o transcendente. Nosso convite é que o leitor tente esse exercício, sem medo de se perder!

⁴ Recuperamos e algumas vezes atualizamos muitos textos já publicados por nós sobre Educação Emocional, nos últimos anos, deixamos todavia de indicar detalhadamente cada ocorrência.

UMA VIA POÉTICA À TRANSCENDÊNCIA

O que entendemos por transcendência

Transcendência é passar além, é movimentar-se para o lado de lá. O termo implica por si mesmo a dualidade de um lado de cá e outro de lá, em outros termos, um mundo comum, conhecido, e outro incomum, desconhecido. O perigo do desconhecido está aqui também implícito, nessa reflexão simples do termo.

O mundo comum e conhecido parece ser aquele dominado pela consciência: tenho clareza de quem sou, onde estou, em que momento estou, ou seja, tenho uma identidade, aqui e agora. Por outro lado, a ingestão de uma bebida alcoólica, por exemplo, leva à perda da identidade, já não sei mais quem sou, onde estou e que momento estou. É uma perturbação que me conduz a outro lugar.

Charles Tart⁵ introduziu o termo “Estado Alterado de Consciência”, definindo-o:

Uma alteração qualitativa no padrão comum de funcionamento mental em que o experienciador sente que a sua consciência está radicalmente diferente do seu funcionamento ‘normal’.

Entendemos que na transcendência, no lado de lá, estaremos em um Estado Alterado de Consciência. A pergunta que se coloca é: por que seria desejável entrar nessa condição?

Stanislav Grof⁶, define a Psiconáutica como:

a busca e o uso sistemáticos de estados holotrópicos de consciência para cura, autoexploração, atividade ritual, inspiração artística e como uma busca espiritual, filosófica e científica. É uma resposta a um profundo anseio por experiências transcendentais, que Andrew Weil descreveu no seu livro *The Natural Mind* como o impulso mais profundo da psique humana, mais poderoso do que o sexo.

Os estados holotrópicos de Grof são estados alterados de consciência, mas o que destaca em sua definição é o “impulso mais profundo da psique humana”. Isso parece dizer que a condição humana leva à busca pelo transcendente, está além de uma vontade consciente e motivada, por alguma razão específica e pontual, é absolutamente natural. Seria então excepcional o não buscar o transcendente. Somente um indivíduo, em situação

⁵ Fundamentos científicos para o estudo de Estados Alterados de Consciência. Charles Tart in *Mística e Ciência*. Pierre Weil. Petrópolis: Vozes, 1978.

⁶ *O Caminho do Psiconauta*. Enciclopédia para Jornadas Internas. Stanislav Grof. Rio de Janeiro: Capivara, 2020.

patológica, se contentaria com o mundo de cá, nunca se aventurando ao de lá, ou melhor, nunca entrando em estados alterados de consciência. Mas não é da perturbação caótica da consciência que vamos tratar ao lidarmos com a transcendência, aqui nesse ensaio, como é o caso do resultado de alguma bebida ou pancada na cabeça ou qualquer outro acidente cerebral ou uma doença psiquiátrica. Aqui tratamos da busca, em sentido amplo, como diz Grof: espiritual, filosófica e científica. Vale sempre a pena recordar a definição de Espiritualidade de Herald Koning⁷:

É definida como uma busca pessoal pela compreensão de questões fundamentais sobre a vida, o espírito, o significado da existência e sua dimensão não material e sobre a relação e conexão com o sagrado ou transcendental, que pode ser ou não baseada e mediada por uma religião ou tradição de uma comunidade.

Embora essa sintética definição não nomeie o caráter “natural” da busca, tem o mérito de evidenciar os aspectos fundamentais da vida como seu objeto. Voltemos ao Grof que melhor responde ao nosso anseio de compreensão. Há um impulso natural no ser humano para buscar o transcendente, e o transcendente por si mesmo é um estado alterado de consciência, ou seja, entramos em um estado alterado de consciência para buscar a compreensão do que seja ele mesmo e, nesse estado, temos a possibilidade de encontrar algumas respostas para as questões fundamentais da vida, bem como nos desenvolvermos em aptidões artísticas, por exemplo. Não é então necessário responder porque buscamos e qual vantagem teríamos, já que é a própria natureza que nos mobiliza. Um benefício instintivo sempre existe, embora não seja sempre evidente.

Uma lista dos recursos que podem provocar estados alterados de consciência engloba os seguintes elementos, focando os sentidos:

. Audição: permanecer em silêncio, ouvir sons da natureza (mar, cachoeira, etc.), ouvir instrumentos graves, em cadências rítmicas ou não (tambor, *didjeridou*, gongo, sino, etc.), recitar oração (mentalmente ou não), cantar e ouvir mantras e músicas ditas transcendentais, ouvir o som interno (por exemplo, com o exercício do yoga *bhramari*⁸).

. Visão: contemplar a natureza e suas paisagens, mandalas e símbolos sagrados, cores, imagens de santos e heróis, expor-se à luz estroboscópica, permanecer na escuridão.

⁷ **Handbook of religion and health: a century of research reviewed.** Herald Koning. New York: Oxford University, 2001.

⁸ **Luz sobre el Pranayama.** B.K.S. Iyengar. Barcelona: Kairós, 2016.

Há uma linha do Tantra yoga, em que se fazem exercícios de contemplação de partes íntimas de uma mulher.

. Olfato: sentir o cheiro de óleos essenciais e incensos; sentir o cheiro das florestas e bosques, flores e árvores, da chuva, etc.

. Gostação, aqui pensando em sabores que remetem a episódios emocionalmente marcantes, como recordações da infância, etc. Também a dieta e o jejum.

. Tato e movimento corporal: fazer danças, exercícios, giros, marchas, ritos, caminhadas e corridas, receber e dar carícias, receber massagem, praticar respiração (por exemplo: *pranayama*), meditar, mortificar, praticar o hipnotismo.

Há ainda o uso de substâncias, como as alcoólicas acima comentadas. Além de purgantes e laxantes, as substâncias psicoativas constituem um grupo importante para promover estados alterados de consciência, em particular os psicodélicos (ayahuasca, jurema, peiote, LSD, cogumelos mágicos, MDMA, etc.)⁹, as ativadoras do Sistema Nervoso Central, como cafeína, cocaína e nicotina, etc., e depressoras do Sistema Nervoso Central, como ópio, morfina, heroína e codeína, etc. A medicação psiquiátrica também provoca esses efeitos.

Voltemos ao ponto principal de nosso interesse. Se o impulso pela busca ao transcendente é natural, portanto desejável, e se o transcendente é um estado alterado de consciência, e se há uma gama imensa de recursos para se chegar a esse estado, como escolher aquele que de fato preencherá nosso anseio?

Existe uma brincadeira, não somente de crianças mas de adultos também, em que se inclina a cabeça sobre um cabo de vassoura e se gira em torno dele, muitas vezes, até provocar uma forte perturbação na consciência, em seguida tenta-se chegar a algum lugar, e, evidentemente, não se consegue mas tomba-se pelo chão, provocando imensos risos. Existe, por outro lado, na dança sufi, um giro feito com grande velocidade, sob músicas específicas, mas o dançarino não se perturba no sentido acima da brincadeira, mas adentra um estado sutil de alteração, é por esse motivo que podemos dizer que é uma dança sagrada, devocional e de interesse ao buscador da espiritualidade. O que então distingue um giro do

⁹ **Paraísos Artificiais.** O haxixe, o ópio e o vinho. Charles Baudelaire. Porto Alegre: L&PM, 2009.

outro? O que distingue uma bebedeira em um bar do uso da ayahuasca, em uma sessão do Santo Daime, por exemplo?

A resposta é o uso de técnicas. Cada qual pode, por sua conta e risco, usar todos os recursos acima elencados, mas o caminho mais seguro é o conhecimento das técnicas. O cuidado principal é que o estado alterado de consciência buscado se transforme numa experiência mística, como definida por Rolando Toro¹⁰:

A vivência mística é acompanhada de uma total mobilização afetiva, na qual se combinam alegria indescritível (beatitude), sensações corporais de prazer abrasador (orgasmo e nupcias com o universo), sensações corporais de leveza, fluidez, calafrio e iluminação interna; percepção absolutamente diáfana da relação viva que existe entre todas as criaturas e sentimento de entrega amorosa à bem-aventurança de formar parte da criação; extensão e fusão da consciência do tempo e do espaço. Passado, presente e futuro se fundem em um eterno presente.

O que se quer evitar, nessa busca pelo transcendente, é o que Toro chama de Experiência Contaminada (*idem*, p. 15):

A Experiência Mística pode aparecer às vezes contaminada com certos conteúdos simbólicos e/ou expressões dissociativas que deformam seu sentido puro. Alguns sintomas desta Experiência Contaminada são os seguintes:

1. Dissociação corpo-alma (Desdobramento).
2. Deformação da percepção de objetos e transformação destes.
3. Medo e angústia.
4. Alterações formais do esquema corporal.
5. Encontro com seres fantásticos.
6. Anestesia do corpo.
7. Visão alucinatória de objetos imateriais.
8. Sentimentos de onipotência (poderes mágicos).
9. Mudanças patológicas de consistência da Realidade (achatamento dos espaços, imobilidade cristalizada da paisagem, imagens pavorosas, transformação monstruosa da autoimagem, etc.).

Concluiremos esse item da discussão com a nossa compreensão do que seja transcendência, a partir das fontes consultadas:

A busca e o uso sistemáticos de estados alterados de consciência, ou seja, estados em que o indivíduo sente não ser o seu estado normal, para cura, autoexploração, atividade ritual,

¹⁰ Rolando Toro, Apostila de Biodanza, Transcendência, p. 14.

inspiração artística e como uma busca espiritual, filosófica e científica. Os temas do buscador são fundamentais da existência humana, como o propósito da vida, a alma, a morte, o sagrado, etc., sendo essa busca um impulso natural, irresistível e motivador para uma mente saudável. O estado alterado de consciência é um **estado afetivo** por excelência, estando diminuída a capacidade de raciocínio lógico. Há muitas maneiras de provocar esse estado alterado, todavia o recurso que de fato leva ao resultado da transcendência requer técnicas apropriadas, para evitar qualquer contaminação.



Fabricio Possebon recebendo um tratamento ayurvédico, 2025

A via à transcendência pelo *páthos*

Os gregos antigos usavam a palavra *páthos* para designar paixão, comoção, emoção e ideias correlatas, como encontramos, por exemplo, em Aristóteles, na *Retórica*. Em Educação Emocional, marcamos algumas distinções. Empregamos normalmente, em nossos estudos, os conceitos que abaixo reproduzimos:

Emoção: estado complexo do organismo caracterizado por uma excitação ou perturbação. Relaciona-se com um objeto específico. Possui duração breve no organismo, ocorre diante de uma situação ou acontecimento externo (situação) ou interno (evocação pelo pensamento). A emoção é uma reação intensa e relativamente breve que surge a partir de um estímulo, gerando movimentos expressivos e causando sensações corporais. A emoção depende de avaliações subjetivas, isto é, depende da forma como a pessoa percebe que o estímulo vai afetar o seu bem estar. Nesta avaliação, subjetiva e inconsciente, intervêm conhecimentos preexistentes, crenças, valores, objetivos pessoais, dentre outros, resultando na reação emocional. Isto significa que o estímulo só existe se tiver a função de significante para a pessoa. Exemplos: raiva, medo, alegria, vergonha, culpa, orgulho, altruísmo, etc.

Sentimento: o sentimento se origina de uma emoção. Ele é mais duradouro e estável que a emoção e envolve o componente cognitivo. O sentimento envolve estados afetivos mais estruturados e complexos e apresentam uma menor implicação fisiológica. Ele se caracteriza por um elevado conteúdo cognitivo que envolve interpretações, atribuições, inferências, razões, etc. Exemplos de sentimentos: amor, felicidade, serenidade, aborrecimento, submissão, otimismo, pessimismo, distração, apatia, desapontamento, interesse, maravilhamento, aprovação, desaprovação, aceitação, vigilância, admiração, desprezo, intimidação, tédio, menosprezo, mágoa (ressentimento), rancor, etc.

Em nossa definição acima de “transcendência”, negritamos os termos “estado afetivo”. Queremos com isso dizer um estado em que está em ação emoções ou sentimentos, como acabamos de os definir. Os sentimentos e emoções que causam prazer favorecem a busca do transcendente, como amor, alegria, serenidade, esperança, gratidão, maravilhamento, otimismo, etc. Nesse sentido, a Educação Emocional, como uma disciplina que procura harmonização e equilíbrio, ou seja, bem-estar, nas emoções e sentimentos, então automaticamente é uma disciplina que favorece a busca pelo transcendente.

Do mesmo modo, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, ao oferecerem inúmeros recursos para equilíbrio do ser integral, automaticamente também favorecem ao buscador do transcendente, embora essa busca não seja seu objetivo principal, pelo menos do modo como são entendidas no sistema de saúde oficial. Daremos, na sequência, algumas breves informações das práticas que empregamos em Educação Emocional, a partir de textos sobre elas por nós mesmos já publicados. Apenas alguns

parágrafos são exibidos, com a indicação de onde foram obtidos. São suficientes para o objetivo de apresentar as técnicas.



Elisa Gonsalves praticando mudrá

AROMATERAPIA¹¹

Aromaterapia é a técnica terapêutica que faz uso do óleo essencial. Este pode ser inalado (puro ou misturado), aplicado sobre a pele (uso tópico) ou ingerido, sendo este último procedimento o menos usado na atualidade, ou melhor dizendo, para muitos terapeutas ele é fortemente desaconselhável.

São conhecidos hoje muitos óleos essenciais, mas este número é de fato aberto a quase todas as plantas aromáticas existentes. De qualquer planta é possível aplicar o processo de extração, embora nem todas evidentemente fornecerão um óleo essencial, que consideraremos terapêutico. Uma dúvida que permanecerá é esta: extraído um óleo essencial de uma planta qualquer, qual o seu uso? Como testar um óleo novo, sem riscos graves para o experimentador? Se ele tiver efeito terapêutico para um rato de laboratório, isto significa que terá para um humano? A partir destas ponderações básicas sobre segurança é que podemos entender porque o uso do óleo essencial depende principalmente da tradição. A descrição de seu uso se baseia em vários séculos de emprego sendo assim validado. Há evidentemente contradições entre as fontes históricas, mas de uma maneira geral elas concordam em suas linhas mestras.

Na realidade brasileira, a Aromaterapia está amparada pela Portaria n.702 (21 de março de 2018), do Ministério da Saúde, como uma Prática Integrativa e Complementar (PIC). Não faz parte do elenco da medicina oficial, porque o óleo essencial é um produto holístico. Cada óleo possui uma grande quantidade de princípios ativos e a chamada medicina oficial só reconhece os produtos que possuem apenas um único princípio ativo isolado. Deste modo, a prescrição de um óleo essencial contemplará uma gama variada de características (sintomas se pensarmos estritamente em terapia). Já o fármaco, em que foi isolado um único princípio ativo, teria supostamente a precisão de ser prescrito para um único dado sintoma ou característica. Supostamente, repetimos, ele teria sido cientificamente testado e teria garantido seu resultado. A enorme bula com inúmeros efeitos colaterais descritos parece demonstrar que o caráter científico do fármaco de um único princípio ativo nem sempre funciona, com a segurança e o preço com que são comercializados.

Por esta exposição, ainda que sucinta, entende-se porque não pertencem à receita do médico os fitoterápicos, os florais e os óleos essenciais. O não reconhecimento pela classe médica destes produtos não significa que sobre eles não existam estudos acadêmicos, feitos com todo o rigor metodológico. Também não significa que eles não funcionem, ao contrário, pois um produto natural tem, muitas vezes, séculos de uso por

¹¹ Parágrafos extraídos de: AROMATERAPIA - o bem-estar pelo olfato in **Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares de Saúde**. Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2019, p. 95-120.

milhões de pessoas, sendo imensamente conhecido o seu valor, diferente de um fármaco recém-lançado cujo uso seguro é uma temeridade afirmar. Talvez possamos entender a postura da classe médica a partir da lógica mercadológica da indústria farmacêutica, já que o isolamento de um princípio ativo é um processo sofisticado que não pode ser feito em casa, mas cria a dependência com o fornecedor.

Breve histórico

O emprego de plantas medicinais identificadas pelo olfato deve ser tão antigo quanto a história da humanidade. O homem primitivo podia, quando os sentidos do olfato e do paladar eram tão ou mais desenvolvidos que a visão e a audição, encontrar instintivamente uma planta e fazer uso dela terapêuticamente. Já em tempos históricos, temos registros de inúmeras plantas medicinais, todavia persiste a dúvida se este homem das antigas culturas conhecia o destilador, pois este é o instrumento necessário para a extração do óleo essencial. Parece que o conhecia de maneira rudimentar mas não está claro se este era capaz de extrair a substância de que estamos tratando. Há outras possibilidades dadas pelos vegetais, como os chás, as águas aromáticas, a aplicação tópica, os banhos, mas o óleo essencial é algo de outra natureza.

O árabe Avicena (século X d.C.) é o primeiro a respeito de quem temos certo o emprego do destilador, para a obtenção do óleo essencial da rosa. Na Idade Média ocidental, já há o detalhamento do aparelho bem como a descrição do uso de inúmeros óleos essenciais. René-Maurice Gattefossé (1881-1950), químico e perfumista francês, introduziu o termo *aromatherapie*, aromaterapia, na década de 30 do século passado, para a técnica que já vinha sendo empregada, aperfeiçoando a sua compreensão e dando-lhe o “tom” que a partir de então é visto nesta terapia. Distingue-se hoje claramente a aromaterapia da perfumaria, distinção que talvez os antigos não fizessem. O perfume oferece um aroma agradável que se pretende ligar a um indivíduo, principalmente por razões subjetivas. O perfume será sua identidade, não havendo nenhum compromisso terapêutico, embora muitos óleos essenciais estejam presentes na sua composição. Se se pretende determinado efeito emocional, o perfumista pode até empregar substâncias nocivas, como o tabaco, ou algum óleo essencial que eleve a pressão arterial. Nada disso importa, já que o aroma agradável foi obtido!

Uso do Óleo Essencial

Um planta como a Camomila pode gerar um fitoterápico, como o chá, ou um medicamento homeopático, ou um floral, ou dela ser extraído o óleo essencial para a

Aromaterapia. Trata-se de produtos diferentes, cada qual inserido em seu sistema terapêutico próprio, embora todos terão um traço comum, que é o poder calmante da camomila.

O óleo essencial requer certos cuidados na manipulação, além da evidente atenção com o custo. O produto é volátil, significa que rapidamente se evapora se seu recipiente for deixado aberto, significa também que se incendeia. Deve ser conservado em local seco, mas ao abrigo da luz e do sol. Normalmente usam-se frascos de cor âmbar. Algumas pessoas são alérgicas ao contato direto sobre a pele, pode também causar queimaduras, sobretudo os óleos cítricos, se a pele oleada for exposta ao sol. Sua diluição não se faz pela água e sim pelo álcool, sendo este o produto usado para limpeza das mãos se se quer retirar o excesso de óleo.

Pode-se usar o óleo pela aspiração, diretamente sobre o recipiente aberto, uma ou duas vezes ao dia. Igualmente uma gota pode ser depositada sobre uma mão. Esfregam-se as mãos e, após o aquecimento, aspiram-se as mãos oleadas. Sendo uma substância concentrada e para alguns alérgica, pode-se dissolvê-lo num óleo carreador, que é um óleo vegetal (semente de uva, maracujá, gergelim, abacate, girassol, etc.). Numa proporção que contenha mais carreador do que óleo essencial, esfregamos esta mistura nas mãos, punhos, colo e pescoço, aspirando-a também. Outra opção é pingar algumas gotas do óleo essencial num hidratante, o mais neutro possível, e aspirar e/ou usá-lo localmente.

Há uma descrição estabelecida pela tradição quanto ao uso dos óleos essenciais sob os aspectos físico, psicológico e espiritual.

MANDALATERAPIA¹²

É a técnica de pintar mandala, consciente de sua função terapêutica, escolhendo as cores e as usando nos locais internos do círculo, de modo a obter os efeitos desejados. As palavras-chave na mandalaterapia são a escolha da cor e seu posicionamento. Nesta técnica não se observará se o traço é forte ou fraco, curto ou longo, embora estes dados possam ajudar em uma melhor compreensão do estado daquele que almeja os benefícios, chamado aqui de paciente.

O termo sânscrito designa normalmente “círculo”¹³. Um termo mais vasto é yantra¹⁴, que significa “diagrama”, no sentido mágico. Do modo como aqui neste texto estamos entendendo, mandala é um tipo particular de yantra. Mandala é para nós um diagrama mágico, com o detalhe de ser circular. Exemplificando a diferença, lembramos o conhecido som sagrado *om*, da tradição indiana, cuja representação é ॐ, portanto este desenho é um yantra e não uma mandala, embora algumas vezes ele apareça no interior de uma mandala. Em síntese, a mandala é um círculo mágico. A questão que se impõe é a seguinte: onde está a magia do círculo, o que ele tem, além de sua área geométrica calculada como $A = \pi r^2$, em que r = raio?

No estudo do antropólogo Marcel Mauss (2003, p. 174), a magia

trabalha no mesmo sentido em que trabalham nossas técnicas, indústrias, medicina, química, mecânica, etc. A magia é essencialmente uma arte de fazer, e os mágicos utilizaram com cuidado seu *savoir-faire*, sua destreza, sua habilidade manual. Ela é o domínio da produção pura, *ex nihilo*; faz com palavras e gestos o que as técnicas fazem com trabalho.

E ainda “mas pode-se dizer que ela é sempre a técnica mais fácil. Ela evita o esforço, porque consegue substituir a realidade por imagens” (*idem*, p. 174). Os próprios magistas têm de sua arte uma visão bem mais “nobre” do que a moderna antropologia racionalista, por exemplo, em Giordano Bruno (1548-1600) (p. 29) vemos:

emprega-se o termo *magos* para designar aquele que realiza prodígios pela simples aplicação de princípios ativos e passivos, tal como em medicina e em química: trata-se daquilo a que comumente se chama de *magia natural*.

¹² Parágrafos extraídos de: MANDALATERAPIA – para a compreensão do homem integral in **Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares de Saúde**. Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2019, p. 21-52.

¹³ Algumas definições extraídas do *Sanskrit-English Dictionary* de Monier Williams (versão digital) para ao verbete **māṇḍala**: *m̐(ā)n*. circular, round; *n*. a disk (esp. of the sun or moon); *n*. anything round; *n*. a circle, globe, orb, ring, circumference, ball, wheel; *n*. the path or orbit of a heavenly body; *n*. a halo round the sun or moon; *n*. a ball for playing.

¹⁴ No mesmo dicionário citado acima, uma das definições para **yantra**: “an amulet, mystical diagram supposed to possess occult powers”.

Acrescentamos algumas definições dos modernos magistas, como Aleister Crowley (1875-1947): “a ciência e a arte de fazer com que as mudanças aconteçam de acordo com a Vontade”, e Ellen Evert Hopman (1952-): “a aplicação consciente da imaginação e atenção focada para atingir uma meta desejada por intermédio da visualização” (citações extraídas de ZELL-RAVENHEART, p. 67).

A temática é extensa, mas para o propósito deste ensaio entenderemos que um círculo mágico é uma figura que, segundo os magistas, é capaz de operar alguma mudança, quando a vontade do operador se concentra sobre ele. A nova questão que naturalmente decorre desta definição é: qual o princípio desta operação, ou seja, agindo sobre um objeto tem-se uma resposta em outro? Será respondido com uma voz da mesma tradição dos magistas:

É preciso observar que, quaisquer que sejam as maravilhas que as figuras realizam, quando as traçamos em papel, placas ou imagens, elas só o fazem graças à virtude adquirida de figuras mais sublimes, sendo por essas afetadas por aptidão natural ou por semelhança, uma vez que são configuradas à sua maneira exata, assim como o eco é a reprodução exata em uma parede oposta, ou, como a reprodução em um vidro oco, dos raios solares refletidos sobre um corpo oposto de madeira ou outro material combustível que o faz queimar; ou como uma harpa que causa ressonância em outra harpa, fenômeno tão somente possível pela figura igual e apropriada, pois quando duas cordas são tocadas em uma, com igual intervalo de tempo e moduladas à mesma intenção, a outra também se agita (AGRIPPA, p. 454).

A resposta de Agrippa (1486-1535) é, em resumo, uma ação por simpatia. Assim, se se desenha uma figura de uma pessoa, estabelece-se um vínculo entre ambos; o que se fizer na figura, estará sendo feito na própria pessoa, por simpatia. A mandala ou círculo é todavia um yantra privilegiado. Sobre isto diz Agrippa (p. 453):

As figuras geométricas formadas a partir de números também são igualmente poderosas. Destas, a primeira é o círculo, que responde à unidade e ao número 10; pois a unidade é o centro e a circunferência de todas as coisas; e o número 10, somado sobre si, retorna à unidade de onde se originou, sendo o fim e o complemento de todos os números. Um círculo é chamado de uma linha infinita na qual não há *terminus a quo* nem *terminus ad quem*, cujo começo e fim estão em todos os pontos, de onde também um movimento circular é chamado de infinito não de acordo com o termo, mas com o lugar; portanto, sendo o círculo a maior e mais perfeita de todas as figuras geométricas, é considerado o mais apropriado para amarrações e conjurações; e, pelo mesmo motivo, aqueles que adjuram espíritos malignos costumam se cercar com um círculo.

Deste modo, segundo a tradição magista, se se quer agir sobre alguém, por simpatia, o melhor desenho mágico a fazer seria um círculo, com a intenção de que seja a imagem da pessoa.

Na técnica da mandalaterapia, o procedimento terapêutico começa com o paciente tomando uma mandala em branco desenhada em uma folha, isto é, sem cores.

Coloca então sua intenção de que esta mandala seja ele mesmo, seu Ser. As cores que vai pintar, e onde vai pintar, serão escolhidas para serem aplicadas em seu Ser. Por simpatia, o que fizer nesta mandala, estará fazendo em si mesmo. Diremos que se colocar a cor branca na mandala, no local que representa sua alma, estará por simpatia colocando a cor branca em sua alma. Na tradição, o branco representa pureza, amizade e sinceridade, ou seja, estará colocando terapeuticamente estas características em sua alma, curando-a de impurezas, inimizades e falsidades.

APLICAÇÃO DA TÉCNICA

Tratamento

Uma vez feito o diagnóstico, conforme veremos logo abaixo, a colocação das cores se fará tendo como referência a representação do Ser: no centro da mandala está a alma, esta é envolvida pelo mental, este pelo emocional, que por sua vez é envolvido pela vitalidade e, finalmente, o corpo físico abriga todo o conjunto.

O protocolo do tratamento tem os seguintes passos, a serem feitos pelo paciente:

- 1) inicialmente, ele escolhe uma mandala em branco. Há alguns modelos que podem ser usados, todavia qualquer mandala pode ser empregada nesta técnica, de preferência as mandalas simétricas.
- 2) assume mentalmente que irá representar o seu Ser. Pode reforçar isto escrevendo seu nome sob a mandala.
- 3) esparrama o material de colorir sobre a mesa (lápiz ou giz). Deve usar as sete cores do arco-íris, preto, marrom, branco, cinza. Não pode faltar nenhuma cor para não comprometer o resultado.
- 4) inicia o trabalho de pintura, conscientemente escolhendo o local e a cor a serem postos, terapeuticamente pensando. Por exemplo, se seu diagnóstico apresenta uma alma “negra”, ou seja, em luto e pesarosa, deve agora preencher o círculo central, que é sua alma, com a cor branca ou lilás.
- 5) não há restrição para quantas mandalas pintar, nem quanto tempo gasta para cada uma delas.
- 6) terminada a pintura, ele deve olhar para ela e dispor sua vontade para que se realize, em seu Ser, a cura esperada.

Diagnóstico

O diagnóstico do estado geral do paciente é também uma mandala a ser pintada. O protocolo é simples:

- 1) coloca-se uma mandala em branco para ele pintar, dispondo o material de colorir.
- 2) recomenda-se que pinte livremente, escolhendo as cores e locais segundo seu próprio gosto.
- 3) interpreta-se a mandala pintada, com os mesmos recursos que posteriormente serão empregados na terapia. Por exemplo, se o paciente pintou a alma de vermelho, ou seja, o círculo central, isto significa que, neste momento, ele tem o seu íntimo voltado para preocupações de ordem material.

Observações: a mandala do paciente indicará todos os locais e cores que precisam ser harmonizados. O diagnóstico será somente a primeira mandala, porque uma vez explicado ao paciente o princípio de funcionamento da técnica, ele não mais pintará mandalas inconscientemente, mas sim de modo terapêutico. Somente, em uma ocasião futura, quando ele não mais detiver a lembrança da técnica é que poderemos fazer um segundo diagnóstico.

Em síntese, os princípios de cor e posicionamento funcionam sempre, a diferença é a consciência deles por parte do paciente: de modo inconsciente tem-se o diagnóstico; de modo consciente, a terapia. Pintam-se muitas mandalas para reforçar a consciência, isto é propriamente falando o tratamento.

Conclusão

Nossa proposta foi apresentar a técnica da mandalaterapia, procurando compreendê-la teoricamente. Valemo-nos muitas vezes da voz da tradição, reconhecendo que a moderna ciência, de orientação positivista, nem sempre tem elementos para explicar o seu funcionamento. Os sistemas mágicos apresentam o conceito de *simpatia* para o fenômeno de conexão entre as coisas em geral, de modo particular aqui foi tratada a ligação entre o Ser e a mandala que o representa. Há outras abordagens teóricas possíveis como, por exemplo, o que encontramos na clássica obra de Giuseppe Tucci “Teoria e Prática da Mandala”.



Fabrizio Possebon ministrando mandalaterapia

BIBLIOGRAFIA

AGRIPPA, Henrique Cornélio. **Três Livros de Filosofia Oculta**. Compilação e Notas por Donald Tyson. São Paulo: Madras, 2012.

BRUNO, Giordano. **Tratado da Magia**. Introdução, tradução e notas de Rui Tavares. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da Magia. in **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

TUCCI, Giuseppe. **Teoria e Prática da Mandala**. Com particular atenção à moderna psicologia profunda. São Paulo: Pensamento, 1993.

ZELL-RAVENHEART, Oberon. **Grimório para o Aprendiz de Feiticeiro**. São Paulo: Madras, 2016.

BIODANZA¹⁵

O objetivo deste artigo é apresentar a Biodanza enquanto um sistema de desenvolvimento humano criado por Rolando Toro Araneda. Para tanto, pretende-se refletir sobre o conceito de Biodanza e seus conceitos estruturantes de dança, música e vivência. Além disso, busca-se examinar as questões principais das cinco linhas de vivência da Biodanza – afetividade, vitalidade, criatividade, sexualidade e transcendência – destacando os elementos que possam contribuir para o campo da espiritualidade e saúde.

BIODANZA: ELEMENTOS FUNDANTES

A Biodanza é um sistema de desenvolvimento humano criado por Rolando Toro no qual os movimentos e as cerimônias de encontro, acompanhados de música e canto, geram vivências capazes de modificar o organismo nos níveis imunológico, homeostático, afetivo-motor e existencial.

A concepção teórica e estruturante da Biodanza parte do pressuposto de que, no ser humano primitivo, a percepção da totalidade era algo natural: a harmonia do universo estava também nele. A sucessão do dia e da noite, o curso da lua, o nascer e o pôr do sol, o ritmo das quatro estações, o vaivém do mar, a melodia do vento. O voo das aves, as migrações de certas espécies, eram também expressão de ritmo e harmonia. Não se dissociando do universo, as pautas musicais da natureza imprimiam no homem uma ressonância profunda.

A Biodanza se propõe a um reencontro com o que há de mais primitivo no ser humano, que é o reconhecimento profundo de que o próprio corpo é um fragmento não isolado do universo vivo: o som de seu coração, a cadência do andar, a oscilação do sono e da vigília, o ritmo respiratório. Esta unidade e o reconhecimento de que a vida no universo pulsa em ritmos e harmonias, cria uma musicalidade em todos os seres, que se realiza como uma força ordenadora pró-vida (princípio biocêntrico) e permite a realização da dança como uma expressão genuína deste movimento interior e universal. Esta noção de unidade é o cerne da concepção de espiritualidade subjacente a toda a proposta da Biodanza:

La percepción de la “Unidad Suprema” experimentada por los místicos es perfectamente coherente con esta visión. Podemos descubrir en estados expansivos de consciencia esta realidad fundadora y penetrar en las raíces de una “Cultura de la vida” (Toro, 2009, p.76).

¹⁵ Reproduzido aqui o texto integral de Elisa Gonsalves: BIODANZA: encontros de espiritualidade e saúde in **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. Elisa Gonsalves Possebon e Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2017, p. 109-125.

A percepção musical na Biodanza não é somente um ato auditivo. A música é ouvida com todo o corpo; ainda mais, com todos os tecidos corporais. Os seres vivos no mundo possuem ritmo, harmonia, sons. Dançam. Quando uma pessoa realiza a sua própria dança, entrando em contato com o seu próprio movimento natural, consegue sentir-se integrante do cosmos. A dança, enquanto um movimento profundo e intenso de entrega, tem o poder de identificação com a totalidade.

Neste sentido, a vida tem uma qualidade sagrada que pode ser acessada para superar patologias das civilizações. O retorno ao primitivo é compreendido como curativo. Distante da dicotomia entre sagrado e profano, Rolando Toro terá como proposição a hierofania como a manifestação do sagrado.

A Biodanza é compreendida como uma “dança do amor”, restabelecendo o sentido cósmico dos impulsos vitais do indivíduo.

A metodologia da Biodanza consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo, que vão permitir o desenvolvimento de potenciais genéticos.



A vivência é um conceito chave e é entendida como o momento vivido com intensidade e não apenas com o que é experimentado. Apenas no aqui e no agora, no presente, podem ser vivenciadas, de forma profunda e regeneradora, e, em grupo, experiências de bem viver.

Os benefícios da Biodanza são reconhecidos mundialmente. Dentre eles, podemos destacar os seguintes: aumento da energia vital e disposição para a ação; aumento da integridade motora (ritmo, coordenação, flexibilidade, harmonia de movimentos); resistência ao estresse; estimulação do processo de autoconhecimento; melhoria da autoestima; capacidade de substituição da depressão por novas motivações para viver; melhoria da capacidade de

comunicação e vínculo afetivo; regulação do sono e da pressão arterial; estimulação da criatividade, no sentido da renovação existencial; aumento da resposta imunológica.

Rolando Toro identificou 5 potenciais genéticos que são bloqueados ao longo do tempo: afetividade, criatividade, vitalidade, transcendência e sexualidade. Esses potenciais são portais de acesso ao sagrado, daí a necessidade de desbloqueá-los. Nas palavras de Rolando Toro

Mi tesis es que todos los aspectos de la vida humana, considerados tradicionalmente como parte de la esfera psíquica, tienen un origen biológico; es decir, son generados en el corazón de los procesos celulares, alcanzan por diferenciación la cualidad de impulsos, pulsiones e instintos, y se transforman en los seres humanos en vivencias, emociones y sentimientos (Toro, 2009, p.133).

Assim nasceu um conjunto estruturante lógica e sequencialmente determinado para induzir vivências para o desenvolvimento de cada um desses potenciais; e a esse processo de desenvolvimento denominou-se linhas de vivência. Vejamos cada uma delas.

LINHA DE VIVÊNCIA DE AFETIVIDADE

A afetividade é um estado de afinidade para com os seres, capaz de originar sentimentos de amor. Nas palavras de Rolando Toro,

Por “afectividad” entendo un estado de afinidad profunda hacia los otros seres humanos, capaz de originar sentimientos de amor, amistad, altruismo, maternidad, paternidad, solidaridad. Sentimientos opuestos, como la ira, los celos, la inseguridad, la envidia pueden también ser considerados sin duda como componentes de este complejo fenómeno. En mi opinión, de todas maneras, la afectividad no es solamente la expresión de un sentimiento individual o una forma sutil de comunicación, sino también la manifestación de mensajes relacionales preexistentes en cada uno de nosotros que predisponen los vínculos afectivos entre los seres humanos; estamos en efecto unidos por múltiples canales de conexión, de los cuales no estamos conscientes (Toro, 2009, p.143).

Assim, a linha de afetividade é considerada a expressão da identidade. Nesta concepção, as pessoas que possuem uma identidade débil, com problemas de estima, são incapazes de amar pois têm medo da diversidade, do que é novo ou diferente de si, não conseguindo criar vínculos saudáveis e nutritivos com outras pessoas.

Compete à Biodanza organizar um conjunto de vivências para promover um estado evolutivo superior que não está necessariamente unido à sensibilidade nem à inteligência. O sentimento de amor à humanidade, expresso em ações, está ligado

ao processo evolutivo da espécie. Pessoas inteligentes e sensíveis, mas sem capacidade de amor, são capazes de inconcebíveis níveis de violência.



É importante destacar que, diferente de outras vivências em que predominam estados passageiros “aqui e agora”, Rolando Toro define afetividade como um processo mais complexo, com uma duração no tempo maior, incluindo inclusive processos conscientes e representações simbólicas.

Os transtornos da autoestima (sentimentos de inferioridade ou superioridade) são obstáculos para que as pessoas possam expressar livre e naturalmente o amor, o altruísmo, a amizade ou a maternidade. As pessoas que estão com a identidade enfraquecida não conseguem “identificar-se” com outro, e seu comportamento é defensivo, intolerante ou destrutivo.

Isso significa que o medo e a intolerância ao diferente, ao estranho, à diversidade, é produto da insegurança diante do que é diverso. Nasce aí uma zona de desconforto, gerada pelo medo de se deparar com o desconhecido, pois o outro não é sentido como um semelhante e sim como um estranho.

Nesses termos, a aversão ao que é diferente de si pode desencadear horrores. Verdadeiras tragédias humanas já foram vividas na história da humanidade pela ausência deste vínculo profundo de solidariedade e amor ao próximo. O fortalecimento da identidade das pessoas é o caminho para o desenvolvimento de uma ética prática.

LINHA DE VIVÊNCIA DE VITALIDADE

Do ponto de vista existencial, vitalidade significa ter fortes motivações para viver e possuir energia disponível para a ação (“ímpeto vital”). Sentimentos de

alegria interior, entusiasmo, plenitude existencial, são características de uma pessoa vital. A vitalidade está vinculada ao humor endógeno (estados de ânimo, eufórico ou depressivo).

As pessoas normalmente podem estabelecer uma conexão altamente precisa com todas as manifestações de vida que as rodeiam. Uma espécie de sabedoria milenar orienta os seres vivos para as fontes nutritivas do mundo; a percepção se dirige para aquilo que gera neles vida e mais vida. Todavia, muitas pessoas perderam, por um lento processo de degradação instintiva, a capacidade de conexão à vida.

A conexão à vida se encontra, hoje em dia, totalmente atrofiada. Quase não há “reflexos de vida” no cidadão comum de nossas metrópoles. Poder-se-ia alegar que a doença é a incapacidade de estabelecer *feedbacks* com tudo aquilo que está vivo no ambiente.



Para a avaliação da saúde em Biodanza, foram selecionados alguns “Índices de Vitalidade” (Toro, 2009) significativos:

1. Capacidade de esforço
2. Vitalidade do movimento
3. Estabilidade neurovegetativa
4. Potência dos instintos
5. Estado nutricional

De acordo com Toro (2009), o indivíduo que tem vitalidade pode, a princípio, possuir características fáceis de reconhecer, como por exemplo o riso fácil, a agilidade dos movimentos, a sonoridade e expressão da voz, dentre outros. No entanto, é preciso atentar para a seguinte questão:

No obstante, el campo de la vitalidad se extiende bien más allá del terreno de los índices clínicos, e incluye aquél que podría llamarla "vitalidad existencial". Ciertas personas cuyos índices clínicos están en sus valores óptimos sufren sin embargo de sérios conflictos emotivos, de dificultad de comunicación, de ausencia de una visión global de la existencia, etcétera. Tarde o temprano los índices clínicos de vitalidad son influenciados por las otras líneas de vivencia: sexualidad, creatividad, afectividad, trascendencia (Toro, 2009, p.136).

Nesses termos, em uma sessão de Biodanza, pode ser relativamente fácil descobrir, pela leitura dos movimentos, aquelas pessoas que têm maior vitalidade; no entanto, a simples potência dos movimentos não é equivalente à vitalidade. Pessoas aparentemente fortes podem sofrer de transtornos graves como hipertensão, diabetes, epilepsia ou graves problemas psicológicos.

LINHA DE VIVÊNCIA DE SEXUALIDADE

Sexualidade e vida estão indissoluvelmente ligadas. O desejo sexual constitui uma forte motivação para viver. A sexualidade humana adquire expressões emocionais, efetivas e de refinamento de grande importância. A sexualidade é um modo de ser e de crescer. Toda nossa existência se desdobra sobre a trama sexual. A identidade humana se organiza no fluxo natural da energia erótica. A energia erótica é energia cósmica que gera vida.

Se a sexualidade é "um modo de ser", significa que a sexualidade não é apenas uma expressão das glândulas endócrinas e da genitalidade. Tampouco está limitada à função reprodutora ou ao orgasmo. A sexualidade abarca a totalidade do ser. Nossa existência está impregnada de sexualidade e, até poderíamos afirmar, que a vivência de estar vivo se nutre dessa energia difusa de erotismo. Separar nossa percepção do mundo de seu componente sexual é uma grave dissociação que afeta diretamente o Inconsciente Vital (Toro, 2009).

"Vivência sexual é difusa", isto é, não está localizada só nos genitais; é uma sensação corporal relacionada com profundas necessidades internas, com elementos de angústia, com estados de humor endógeno e desejos de fusão global com os elementos e com os seres humanos.

A vivência da sexualidade é uma expressão do inconsciente vital que se manifesta como sensações de prazer cenestésico de intensidades variáveis e que podem conduzir ao estado de êxtase.

A força secreta de nossas motivações existenciais é a sexualidade. A vivência da sexualidade é primordialmente corporal e logo pode derivar em fantasias ou em ações.

Experimentar um intenso desejo sexual mobiliza o organismo inteiro. O desejo ativa as glândulas sexuais, acelera o ritmo do coração, agita a respiração e

mobiliza ciclos completos de ações para alcançar sua satisfação. Nas palavras de Rolando Toro,

Reforzar la propia sensibilidad para encontrar las vías que conducen al placer es parte del aprendizaje propuesto en la Biodanza. Aprender a disfrutar de todos los grandes y pequeños placeres de la vida es la cosa más importante. El placer de la danza, en el sentido que le da la Biodanza, es la primera apertura. Aprender a sentir la música en estado de trance es otra. Hacerse consciente de los placeres cotidianos es la tercera vía. Desarrollar todas las posibilidades del erotismo es la cuarta. (Toro, 2009, p.138).

Os prazeres cotidianos estão à nossa disposição: o prazer de um banho na temperatura adequada, com sabonetes suaves, e do contato de toalhas macias; o prazer de pisar na grama, na areia da praia, num tapete suave; ou de caminhar pela rua com sapatos cômodos e agradáveis; o prazer de respirar, de beber água; o prazer dos alimentos, de comer uma fruta, tomar um suco.

LINHA DE VIVÊNCIA DE CRIATIVIDADE

A noção de criatividade, entretanto, está para além do aspecto cognitivo. Ao definir criatividade através de uma “narrativa do extraordinário”, Rolando Toro fala de uma manifestação de forças universais ou espirituais, de uma superabundância colocada em movimento para gerar o novo.

Toda pessoa carrega dentro si o poder de manifestar as coisas do universo e o artista é apenas aquele que tem a coragem de expressar suas potencialidades. Nas palavras de Rolando Toro “Esta línea está vinculada al instinto de exploración y a los impulsos de innovación presentes en los organismos vivientes.”(Toro, 2009, p.138).

O conceito de criatividade pode ser compreendido como a capacidade de criar inovações que comunicam uma mensagem, mesmo que potencial, aos outros. A criatividade produz uma ressonância no outro. A criação artística emerge quando a espontaneidade e a inventividade do fluxo-fantasia estão em unidade profunda.

Para Rolando Toro a criatividade humana é uma manifestação sutil das formas biocósmicas que estão presentes no indivíduo. Segundo ele,

Comprendo que esta idea pueda parecer difícil para aquellos que están habituados a ver el fenómeno creador como una manifestación sólo de la mente. Ha llegado el momento de asumir nuestra grandeza, no formando parte de la mente unicamente, sino de la existencia toda. Para decirlo en modo aún más radical: nuestra grandeza se encuentra en nuestra vida. Es entonces el caso de abandonar los abordajes tradicionales de la psicología de la creatividad para entrar de lleno en la narración de lo extraordinario (Toro, 2009, p.139).

Distante do conceito elitista que separa os gênios criadores das pessoas comuns, Rolando Toro coloca a necessidade de permitir a expansão dos impulsos naturais criativos, que são de origem biocósmica. Nesses termos, todas as pessoas possuem capacidade de criar.



O processo criador pode ser entendido como uma gestação, por ter uma qualidade visceral, por ser a arte de deixar frutificar.

LINHA DE VIVÊNCIA DE TRANSCENDÊNCIA

Em Biodanza, o conceito de transcendência se refere a superar a força do Ego e ir “mais além” da autopercepção, para identificar-se com a unidade da natureza e com a essência das pessoas. O conceito de Transcendência consiste em a função natural do ser humano de vinculação essencial com todo o existente: seres humanos, animais, vegetais, minerais; em síntese, com a totalidade cósmica. Transcender é superar um limite.

Para Rolando Toro (2009), quem não pode abandonar a consciência de si mesmo, não tem a possibilidade de ingressar na experiência transcendente.



A percepção de si mesmo como intimidade e como abertura amorosa influi, indubitavelmente, sobre a evolução das pessoas, inundando-as de vitalidade e unidade interna. A experiência transcendente, por sua vez, dirige o indivíduo para experimentar o sagrado, o maravilhoso.

Nas palavras de Rolando Toro,

En Biodanza el concepto de “transcendencia” se refiere a la superación de la fuerza del próprio Yo y a la posibilidad de andar más allá de la autopercepción, para identificarse con la unidad de la naturaleza y la esencia de las personas (Toro, 2009, p.144).

Certamente existem fatores inibidores da percepção, vinculados à rigidez do ego e ao bloqueio afetivo. Pessoas egocêntricas são incapazes de perceber com profundidade a outras pessoas. Na Biodanza as pessoas, ao relacionarem-se em uma Dança de Amor, restabelecem um sentido cósmico, integrando-se a uma unidade maior, que transcendem a si mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Biodanza, para além da dicotomia entre o sagrado e o profano, proclama a unidade cósmica como possibilidade de acessar o maravilhoso, o sagrado que há em cada indivíduo. Este acesso se dá mediante o movimento corporal e sua expressão mais livre e íntima, no viver o aqui e o agora repleto de sentido.

A dança do amor encarna e dá vida ao divino, revelando-se um caminho para a espiritualidade, ao mesmo tempo em que pretende reorganizar neurofisiologicamente o indivíduo através do aceleração de processos bioregenerativos.



Elisa Gonsalves no Congresso Internacional de Biodanza, França

Biodanza é um caminho para a espiritualidade e para a saúde? Creio que sim. Os aspectos teóricos são desafiantes e suas vivências insubstituíveis e curativas. É uma possibilidade, enquanto prática integrativa e complementar, de cuidar de si e de outro.

REFERÊNCIAS

TORO, Rolando. **Biodanza**. Santiago: Cuarto Propio. 2009.

GONGOTERAPIA¹⁶

O gongo em questão, mais corretamente designado por Tam-tam, não é usado aqui como um instrumento musical no sentido estrito do termo, ou seja, capaz de produzir uma música com seus elementos constituintes identificáveis: som, ritmo, melodia e harmonia. Seu uso é basicamente para gerar vibrações multivariadas que são entendidas como terapêuticas para a harmonização e cura do indivíduo. Insere-se assim a Gongoterapia nas propostas das Práticas Integrativas e Complementares (PIC), que vêm sendo incentivadas pela Organização Mundial de Saúde e, no Brasil, pela Ministério da Saúde.

Em nosso entendimento, o espaço que ganham estas novas ideias terapêuticas decorre do local deixado pela chamada medicina oficial, sofrendo esta de certo desencanto pelos resultados nem sempre satisfatórios, pelo seu custo econômico nem sempre acessível, enfim pela sua crescente desumanização. Nossa opção metodológica propõe inicialmente entender este desencanto que nos parece fruto da desilusão causada pelo Cientificismo em geral, não especificamente da medicina. Frente a esta realidade, a transdisciplinaridade, ou seja, junção e sinergia dos métodos analítico e sintético, oferecem um caminho para a superação da visão de mundo cientificista, atingindo assim uma visão holística.

A contribuição que a Gongoterapia pode oferecer à Espiritualidade fica clara, a partir da concepção que adotamos para o “Ser” (Possebon, p. 125). Sendo o Ser, em síntese, uma entidade complexa e pluridimensional, formada por inúmeros envoltórios (somático, vital, emocional, mental e espiritual), conceitua-se saúde como a harmonia entre estas partes constituintes e doença, a desarmonia entre elas. A Gongoterapia é uma técnica que permite harmonizar os envoltórios, deixando assim transparecer, em sua plenitude, a essência do Ser, a chamada “alma”. A busca por algo que seja transcendente, que estamos entendendo como Espiritualidade, depende de o sistema estar plenamente harmonizado.

O gongo é um instrumento constituído por um disco de metal suspenso, fixado a um suporte por meio de cordas, e percutido por meio de uma baqueta. A chapa de

¹⁶ Parágrafos extraídos de: O GONGO TERAPÊUTICO: um caminho para a espiritualidade in **Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares de Saúde**. Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2019, p. 121-148.

metal é levemente encurvada. Há basicamente duas propostas de construção: ter uma dada afinação ou ser indefinido quanto à nota raiz. Os gongos pequenos e aqueles grandes, que possuem uma protuberância central, normalmente repercutem as notas, do dó 1 a dó 5 ou sol 5, a depender dos detalhes construtivos. Já os grandes, com diâmetro acima de setenta centímetros e sem a protuberância central, chamados Tam-tam, não geram uma nota definida e empregam-se mais focadamente na proposta da Gongoterapia. Ao ser percutido o Tam-tam, uma infinidade de notas soa simultaneamente (Bosh, 2013).

Uma sessão terapêutica de gongo usa um espaço acusticamente favorável, no sentido de evitar os ruídos externos, manter uma boa ressonância, e ainda propiciar conforto quanto à iluminação, ventilação e circulação de pessoas. Deste modo, uma sala fechada tem algumas vantagens sobre espaços abertos. Os participantes da sessão são acomodados em colchonetes, deitados cada qual na postura que lhes produza maior bem-estar. Proteção para os olhos ou uma venda é recomendável para que a vista descanse e não seja perturbada por quaisquer objetos que retenham sua atenção. Um gongo (ou mais de um) é posicionado em local estratégico neste espaço de forma que sua sonoridade ecoe livremente. Em algumas tradições, os participantes voltam seus pés para o gongo; em outras, ao contrário, voltam suas cabeças.

Supõe-se que um tempo muito curto, exposto sob o gongo, seja insuficiente para os benefícios esperados, talvez o tempo padrão dos atendimentos das práticas integrativas e complementares seja o ideal, ou seja, em torno de uma hora para uma sessão.

Desenvolve-se a sessão com o gongoterapeuta percutindo o instrumento. Deste modo, cada percutida no instrumento é única, ou seja, a sonoridade emitida, por consequência da percussão, é única também. Se o terapeuta tentasse percutir o gongo sempre do mesmo modo, no mesmo lugar, com a mesma baqueta, não conseguiria o mesmo som, mas é justamente o contrário o que ele procura: diversificar os locais pela superfície da chapa metálica, modular a força da batida e o modo de bater, escolher tipos diferentes de baqueta, aproveitar o som ecoado e faz soar outro encima do anterior. Em síntese, em uma sessão de gongo não se repete de modo algum qualquer sonoridade. É bem diverso este trabalho comparado com o tocar uma música, em que uma partitura procura guiar o músico para que ele execute com fidelidade o plano previamente traçado, ainda que tal fidelidade seja uma abstração.

Um sinal convencional informa quando se encerra a percussão do gongo, então os participantes vagarosamente se restabelecem e podem livremente narrar suas experiências. O terapeuta sugere e recomenda um número de sessões para cada participante, a partir do relato de cada um, fazendo uma anamnese, segundo suas necessidades particulares identificadas. Não parece existir excesso de sessões, em que alguém pudesse ter algum dano por frequentar muitas, principalmente se pensarmos

numa organização semanal, quinzenal ou mensal de encontros terapêuticos. Não há risco para o sistema auditivo porque a sonoridade produzida é baixa.



Gongo terapêutico



Sessão terapêutica com o gongo, conduzida por Fabricio Possebon

BIBLIOGRAFIA

BOSH, Agnès (coordenação). O gongo. São Paulo: Salvat, 2013.

POSSEBON, Fabricio. Espiritualidade e Saúde: a experiência grega arcaica. in revista Interações – Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, jul./dez. 2016.

REIKI¹⁷

O uso da imposição das mãos para tratamento de doenças humanas já data de milhares de anos. Podemos encontrar escritos egípcios por volta de 1552 a.C., em que são descritos o uso da imposição das mãos no tratamento médico. Os gregos, por sua vez, faziam uso do toque terapêutico em seus templos (GERBER, 2007). Na Bíblia, encontramos várias referências deste uso, em que Jesus com o uso das mãos realizava curas. Várias referências, em diversas épocas da História podem ser encontradas mencionando o uso da imposição de mãos como um recurso terapêutico, desde tempos mais remotos até a atualidade.

Dentre esses métodos por imposição das mãos, está o Reiki, que foi sistematizado por Mikao Usui, no começo do século XX, após pesquisar sobre os métodos que o Buda e o Cristo usavam para realizar curas. “Usui alegava que o conhecimento do que ele mesmo chamou de Reiki era comum na Índia na época de Buda (Sidarta Gautama) e fazia parte também dos ensinamentos do antigo Budismo Tibetano”.

O Reiki, considerado como uma prática complementar de saúde, auxilia no alívio das emoções, como medo, raiva e tristeza. Estudos realizados no âmbito da medicina convencional constataram que a aplicação do Reiki pode provocar melhora significativa nos pacientes: mudanças fisiológicas como melhora do sistema imunológico e aumento nos níveis de hemoglobina. Constatou-se também uma melhora considerável no bem-estar emocional destes. A palavra Reiki é dividida em duas partes, REI ‘a energia do universo’, onde estão inseridos todas as coisas e KI ‘energia vital’ a energia que dá vida ao corpo. Consiste no direcionamento da energia universal para o corpo da pessoa que recebe a aplicação. São empregados nesta técnica, símbolos especiais, que segundo seus adeptos, conferem mais poder ao tratamento.

Há três níveis de iniciação, que são consideradas sagradas, e somente nos níveis mais altos é que os praticantes recebem instruções quanto ao uso dos símbolos sagrados, recebidos por Usui em suas meditações. Uma vez que o Reiki lida com o sagrado – nas relações com o espaço sagrado, com os rituais de iniciação, com o uso dos símbolos sagrados – faz-se necessário um estudo dessas relações. Nossa pesquisa se encaixa na

¹⁷ Artigo completo: Ferreira, Renata Shirley da Silva & Possebon, Fabricio. (2021). **O Reiki e o Sagrado**. *Revista Encontros Teológicos*, 36(1). <https://doi.org/10.46525/ret.v36i1.1529>.

linha de espiritualidade e saúde, e conceitos como o de espiritualidade, sagrado, religião necessitam de uma minuciosa atenção. Adotaremos, por exemplo, a definição de espiritualidade proposto por Marcelo Saad, Danilo Masiero e Linamara Rizzo Battistella, que diz:

Espiritualidade é a propensão humana para encontrar um significado para a vida através de conceitos que transcendem o tangível, um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal. [...] As implicações da espiritualidade na saúde vêm sendo estudadas cientificamente.

Os adeptos do reiki vivenciam uma realidade sagrada, a vida para quem é praticante tem outra conotação. “Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas” (ELIADE, 1992, p. 13).

Tomemos como exemplo os 5 princípios (Gokai) do reiki:

“O método desconhecido que convida à felicidade. A terapia espiritual para todos os distúrbios da mente e do corpo. Só por hoje

Não se zangue
Não se preocupe
Expresse sua gratidão
Seja aplicado em seu trabalho
Seja gentil com os outros

De manhã e à noite, sente-se em posição gasshō e repita estas palavras em voz alta para seu coração”.

Estes princípios são mais do que simples enunciados, são expressões de uma realidade viva, são incorporados, uma vez que os praticantes de reiki se sentem em unidade com o meio em que vivem, com a natureza, com o mundo, com o cosmos e percebem ou, pelo menos, compreendem o real significado de cada expressão.

Para os reikianos – nome dado aos praticantes do reiki – o ato de imposição de mãos é mais do que a simples atitude: é um ato sagrado, é o direcionamento de uma energia cósmica universal, inteligente, reorganizadora que irá beneficiar o indivíduo que a recebe. O reikiano é um homem com o olhar “primitivo” dentro da sociedade moderna.

MEDITAÇÃO

Meditação como recurso terapêutico

Neste breve texto, objetivamos explorar a definição de meditação dada por uma fonte oficial, sobretudo no que diz respeito ao aspecto terapêutico da prática, e procurar algum embasamento acadêmico para as afirmações apresentadas.

A Portaria Ministerial do Ministério da Saúde n. 849 de 27 de Março de 2017 reconhece a prática da meditação e a introduz no Sistema Único de Saúde. Não é irrelevante, portanto, termos este reconhecimento público, pois ele implica, em princípio, a confirmação da prática, sua validade, seu uso e eficácia. Não faria sentido pensar que a instância máxima da saúde em nosso país estivesse dando aprovação a algo incerto, duvidoso, mesmo prejudicial à população. Evidentemente, o reconhecimento oficial não significa que pesquisas não são mais necessárias e que esteja tudo já resolvido, pelo contrário, agora é o momento de confirmar e manter a conquista feita, ampliando o leque de suas possibilidades.

Convém, primeiro, compreender o que o Ministério da Saúde entende por meditação, em sua portaria já citada: “é uma prática de harmonização dos estados mentais e da consciência, presente em inúmeras culturas e tradições. Também é entendida como estado de Samadhi, que é a dissolução da identificação com o ego e total aprofundamento dos sentidos, o estado de “êxtase”.” A primeira parte da definição contém a palavra-chave “harmonização”, no texto tratando-se de “estados mentais e da consciência”, mas pensando em um modelo de ser integral, constituído de dimensões, diríamos melhor que é a harmonização da dimensão física, da energética, da emocional, da mental, da espiritual, da social, da cósmica, e tantas quantas dimensões entendermos existir (POSSEBON, 2016, p. 115-128). Em resumo, trata-se da harmonização do ser integral, esta é a “verdadeira” definição da meditação. Apesar de reconhecer a prática de meditação em inúmeras tradições, a segunda parte da definição a vincula à tradição do yoga.

A sequência do texto ministerial é todo dedicado aos benefícios terapêuticos da prática, vamos sintetizá-lo com as seguintes palavras-chaves: atenção, autoconhecimento, concentração, percepção, relaxamento, autodisciplina e bem-estar. Em termos pontuais, são citados o combate ao estresse, à hiperatividade e à depressão. Não é pouco portanto o que a meditação “promete”.

A questão que se coloca é sobre evidências científicas para a “promessa” da meditação, ou seja, que pesquisas foram feitas que de fato comprovam as palavras-chaves do texto ministerial. O artigo de Viscardi *et alii* (2018) encerra uma pesquisa feita com um grupo pequeno de meditadores, em Unidade Básica de Saúde, na cidade de Florianópolis, utilizando a técnica de observação sistemática, por dois meses, em 2015, e concluiu que a

meditação é “potencializadora da promoção da saúde, particularmente a partir das oportunidades de desenvolvimento de habilidades pessoais, como o reconhecimento de formas de autocuidado e de autonomia” (p. 19).

Uma síntese de evidências, com suas correspondentes pesquisas, é dada por Dienstmann (2018, p. 23), por exemplo,

pesquisas feitas em 2012 no Laboratório de Neuroimagem da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, descobriram que quem medita há bastante tempo tem um córtex mais ‘giroscópico’, que lhe permite processar informações e tomar decisões mais rapidamente do que os não participantes.

Outro exemplo significativo (*idem*, p. 25):

Um estudo internacional de 2014 descobriu que a meditação de atenção plena reduzia sintomas de depressão em adolescentes quando comparados com os do grupo controle. Isso também ocorreu depois de seis meses de prática de atenção plena, sugerindo que ela pode, igualmente, ajudar a prevenir o surgimento de sintomas de depressão.

Queremos ainda citar o trabalho de Ramiro Calle que, embora não se enquadre em uma pesquisa acadêmica, todavia encerra muitos anos de vivência prática no ensino da meditação, sobretudo numa área não tão explorada como a meditação com crianças. Diz Calle (2016, p. 24):

La práctica de la meditación le enseñará al niño a superar distracciones, centrarse más en lo que hace, incluido el estudio, superar el estrés escolar, valorar cada instante, canalizar su agitación infantil, contar con medios para no dejarse tanto abatir o vencer por estados mentales y emocionales perturbadores.

Concluindo, constatamos que o documento oficial investigado, ou seja, a portaria ministerial n. 849, apesar de sua brevidade, não se equivoca quanto ao aspecto terapêutico da prática da meditação. As pesquisas acadêmicas, que ainda têm muito a investigar, e a longa prática dos meditadores, como o exemplo pontual que demos, ensina que realmente esta prática antiga é capaz de operar “milagres”, e que aquilo que promete ela de fato cumpre.

Meditação na Educação Emocional

Das muitas práticas utilizadas no processo de Educação Emocional, a meditação tem um lugar especial. Se inicialmente ela foi criada para ajudar na superação do sofrimento, na atualidade ela se coloca como uma poderosa ferramenta de crescimento pessoal, de saúde e de promoção do bem-estar.

Meditar é um exercício da mente, permitindo o autoconhecimento, conhecer seus pontos fortes e fracos, para poder fazer uma intervenção eficiente. É um processo de contemplação.

É comum as pessoas associarem meditação com religião. Apesar de ser utilizada em alguns contextos religiosos, na Educação Emocional ela não é utilizada com conotação religiosa. Consideramos a meditação um exercício de harmonização das diversas dimensões que constitui o ser humano: física, energética, emocional, cognitiva, intuicional, espiritual, social e cósmica.

O processo meditativo permite que o indivíduo esteja focado em um único objeto, em uma única coisa, afastando-se de qualquer perturbação. A mente se acalma, permitindo o relaxamento e também o desenvolvimento da capacidade de concentração.

É importante destacar que meditar não traz os mesmos efeitos do sono profundo. O sono profundo é um estado de inconsciência que permite o descanso; já na meditação ocorre um estado de consciência elevado que produz o relaxamento e a capacidade de ter um foco.

Existem vários tipos de meditação e, a rigor, não existe um estilo que seja melhor ou superior a outro. Tudo está na dependência dos objetivos a serem alcançados. No entanto, podemos dizer, em termos gerais, que o processo meditativo envolve cinco pontos: relaxamento; imobilidade; interiorização; consciência; e foco.

O convite portanto é este: conhecer as diversas técnicas meditativas existentes; escolher aquela que melhor corresponda a sua própria índole; dedicar-se a ela, organizando-se com a sua disponibilidade de tempo, esforço necessário, ambiente e contexto, dando-lhe um voto de confiança e não esperando resultados imediatíssimos; prosseguir pacientemente, colhendo seus benefícios, ainda que pareçam poucos, e ter certo de que outros mais virão com o tempo e persistência.

Meditação com a vela (trátaka)

Várias culturas praticam algum tipo de meditação com a fixação do olhar num ponto fixo. Os gregos antigos conheciam uma prática, chamada *omphaloskepsis*, contemplação do umbigo.



Sátiros em *Omphaloskepsis* (contemplação do umbigo), Museu do Louvre
www.flickr.com/photos/greggman/4305490456/in/photolist-7ysLj5-a5Vsnw-hGT6T-hGT8v

Na tradição do yoga, há também uma postura de contemplação do umbigo, chamada *nābhi-darśanāsana*:



https://wiki.yoga-vidya.de/Nabhi_Darshanasana

A prática indiana, chamada *trátaka* (fixação do olhar), ajuda no desenvolvimento da concentração, do foco, da atenção. É bem simples:

Preparação: atrite as palmas das mãos, uma na outra, até produzir calor. Cubra os olhos com as palmas, formando uma conchinha, bloqueando qualquer entrada de luz e permitindo que os globos oculares assimilem o calor.

Prática: olhe para o centro da chama de uma vela. Não feche os olhos. Não pisque. Relaxe os olhos. Fique nesta posição até os olhos lacrimejarem ou você se cansar. Ao se cansar, feche os olhos e descanse, vendo mentalmente a vela. Repita o aquecimento. Repita a prática.

Observação: não trave a respiração. Quanto mais você conseguir relaxar os olhos, mais fácil fica. Quanto mais você se esforçar para não piscar, mais difícil. Não arregale os olhos. Duração de 5 minutos, prática diária. Distância de 50 cm da vela.

BIBLIOGRAFIA

CALLE, Ramiro. **Meditación para niños**. Barcelona: Kairós, 2016.

DIENSTMANN, Giovanni. **Meditação**. Orientações passo a passo para praticar, acalmar a mente e alcançar o bem-estar. São Paulo: Publifolha, 2018.

POSSEBON, Fabricio. **Espiritualidade e saúde: a experiência grega arcaica**. Revista Interações, PPGCR PUC Minas, Belo Horizonte. V. 11, N. 20, 2016.

VISCARDI *et alii*. **A meditação como ferramenta lúdica: potenciais e limites à promoção da saúde**. Journal of Management & Primary Health Care, v. 10, n. 5, 2019.

AYURVEDA¹⁸

Ayurveda, o nome da medicina indiana tradicional, provém de duas palavras sânscritas: “āyus”, que significa vida, poder vital, vigor, saúde, vida longa; e “veda” que significa conhecimento ou sabedoria – principalmente o conhecimento sagrado. Assim, Ayurveda significa a Ciência ou Conhecimento da Vida, podendo também ser compreendida como Ciência da Vitalidade, Ciência da Saúde e da Longevidade ou Sabedoria de Vida. O Ayurveda agrega em si mesmo tantos os princípios relativos à saúde do corpo físico, como os princípios espirituais tradicionais da cultura indiana.

Os cinco elementos e a teoria tridosha.

No Ayurveda, todos os temas são abordados de acordo com um conjunto de teorias: a dos cinco elementos (éter, ar, fogo, água, terra); o tridosha, ou os três humores corporais; os tecidos do corpo; os três malas (urinas, fezes e suor); e a trindade da vida: o corpo, a mente e percepção espiritual.

Vejamos algumas dessas ideias. Na medicina indiana, o corpo é visto como o microcosmo que reflete as mesmas propriedades do universo (macrocosmo). O universo é constituído de cinco elementos fundamentais que são terra (prithivi), água (jalam), fogo (agni), ar (vayur) e éter ou espaço (akasha). Sendo assim, o corpo reflete a mesma combinação de elementos em sua estrutura. A combinação desses elementos fundamentais, água, terra, ar, fogo e éter, dá origem aos doshas ou “humores” corpóreos, que são divididos em número de três (tridoshas), a saber, Kapha, Pitta e Vata, algumas vezes traduzidos como fleuma, bÍlis e vento.

Na tradição indiana, cada um deles é formado pela combinação de dois elementos: Kapha = terra + água; Pitta = água + fogo; Vata = ar + éter. A teoria dos três doshas (tridosha) é o princípio que rege toda a atuação do Ayurveda. A infinita e complexa interação destes três princípios reflete o aspecto mais material da criação dos níveis macro ao microcÓsmico em todos os seres vivos.

Os doshas também são a ponte entre nossa mente e nossa fisiologia. Cada um dos doshas está relacionado a uma essência sutil. Vata está relacionado com o Prana (a energia vital), que se subdivide em cinco tipos de prana (ou vayus = ventos). Pitta está associado a Tejas ou Agni, o fogo essencial (cujo aspecto mais importante para o Ayurveda é o fogo digestivo). Kapha está associado a Ojas, a energia mental.

¹⁸ Artigo completo: BIANCHINI, Flávia; POSSEBON, Fabrício. Ayurveda: a ciência da vida. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v. 12, n. 1, p. 8–21, 2014. DOI: 10.18224/cam.v12i1.3025. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/3025>. Acesso em: 9 abr. 2026.

Esses três humores – Vata, Pitta e Kapha – governam todas as funções biológicas, psicológicas e fisiopatológicas do corpo, da mente e da consciência. Atuam tanto no equilíbrio como no desequilíbrio; nas preferências pessoais; governam a criação, manutenção e destruição dos tecidos do corpo e na eliminação dos resíduos; agem nos fenômenos psicológicos, incluindo emoções como medo, angustia e ganância; e atuam na mais alta escala de emoções humanas como a compreensão, a compaixão e o amor. Os doshas combinam-se na formação dos diferentes tecidos do corpo, tais como músculos, sangue, ossos, cartilagens, pelos, secreções, pele, etc. O equilíbrio entre esses humores ou doshas, em proporção e ação, é a base para o bom funcionamento do corpo.

Quando os doshas estão em estado irregular, ocorre doença. O equilíbrio dos três doshas promove perfeita saúde. As doenças, portanto, envolvem desordens em um ou mais desses doshas. Tais desordens ocorrem em consequência de dietas, práticas ou hábitos de vida inadequados. O corpo de cada indivíduo apresenta uma natureza própria que é uma combinação dos humores de acordo com o planeta (loka) ou ambiente (desha) em que se desenvolve.

Além do corpo, o ser humano é também formado por outros órgãos imateriais: buddhi (discernimento), ahamkara (individualidade) e manas (mente). No momento da concepção a nossa constituição é definida e estará presente em maior quantidade no nosso organismo, por toda a vida. Ao nascermos, tal proporção está em equilíbrio natural, mas com o tempo e a vida desregrada surge o desequilíbrio com o predomínio de um ou mais desses doshas, contribuindo para o surgimento e desenvolvimento de doenças. Desse modo, cada pessoa tem uma proporção desses doshas de forma individual, o que lhe confere características psicossomáticas particulares. Por isso, o médico ayurvédico procura, através da inspeção criteriosa, avaliar as características particulares (proporções dos doshas) de cada pessoa, levando em consideração o tipo físico, psicológico, local e época do nascimento, práticas profissionais, hábitos de vida e muitos outros fatores, prescrevendo, assim, o tratamento e dieta adequados.

Para se descobrir qual é o dosha do paciente, os médicos primeiramente submetem o paciente a um questionário. Como muitos pacientes possuem características de todos os biotipos, o médico completa essa informação a partir de um exame feito no pulso do paciente. Ele coloca os dedos anular, médio e indicador no pulso da pessoa e consegue então determinar se a pessoa é Vata, Pitta ou Kapha – ou então se ela tem dois ou três desses tipos juntos. Na visão ayurvédica, um excesso ou deficiência destas características próprias do biotipo indica um desequilíbrio no dosha (humor biológico) correspondente, o que gera alterações patológicas no corpo físico. Para cada

tipo de constituição, existe um determinado tipo de tratamento para uma doença específica.

O tratamento segundo o Ayurveda

A visão do Ayurveda não é de tratar a doença, mas o doente como um todo, cuidando dos sintomas, proporcionando cura e fortalecimento, o que abrange os aspectos corpóreos e mentais. Para a medicina Ayurveda, saúde significa estar bem de corpo e mente. Como cada pessoa tem sua própria constituição (dosha), não existem tratamentos ou medicamentos aplicados em massa, iguais para todos, mas cada tratamento é planejado de forma individual, específica. Tendo em vista que as doenças surgem de uma desordem nas proporções e ações dos doshas, o tratamento consiste em elevar ou diminuir o nível ou proporção do(s) dosha(s), levando-os ao equilíbrio nas suas proporções originais.



Os autores estudando Ayurveda em K erala, Índia, 2026

O Ayurveda, como ciência integral, considera que a doença se inicia muito antes de chegar à fase em que ela finalmente pode ser percebida. Assim, pequenos desequilíbrios tendem a aumentar com o passar do tempo, se não forem corrigidos, originando a enfermidade muito antes de podermos percebê-la. O médico ayurvédico pode ele mesmo prescrever e aplicar os tratamentos, como pode também contar com o auxílio de um terapeuta especialmente treinado em um determinado tipo de tratamento. Assim, há o terapeuta especializado em técnicas de relaxamento, ou na confecção de medicamentos a partir dos minerais, aquele especializado em fitoterápicos (ervas e plantas), outros ainda conhecedores dos métodos de Hatha-Yoga, tais como, pranayanas (técnicas respiratórias), ásanas (posturas) e mudrás (gestos) e, ainda, aqueles treinados no controle dietético, os quais são especialistas na arte de combinar diferentes alimentos e condimentos para regular os doshas, curar e fortalecer o paciente. Há, ainda, o médico/professor ou mestre da ciência, chamado vaidya. O terapeuta sempre trabalhará sob a supervisão do mestre e/ou do médico.

YOGA¹⁹

DEFINIÇÕES

O modo como o Yoga é entendido entre nós vincula-se fortemente à compreensão que dele tiveram os ocidentais, durante o período em que ocuparam a Índia. Sobretudo os ingleses, afastando-se de possíveis aspectos transcendentais, compreenderam o Yoga principalmente como uma prática corporal, falando em termos gerais e não pela voz dos orientalistas. A definição que o Ministério da Saúde apresenta, em sua Portaria n. 849, de 27 de março de 2017, quando de sua oficialização no Sistema Único de Saúde (SUS), contempla este olhar:

É uma prática que combina posturas físicas, técnicas de respiração, meditação e relaxamento. Atua como uma prática física, respiratória e mental. Fortalece o sistema músculo-esquelético, estimula o sistema endócrino, expande a capacidade respiratória e exercita o sistema cognitivo. Um conjunto de ásanas (posturas corporais) pode reduzir a dor lombar e melhorar. Para harmonizar a respiração, são praticados exercícios de controle respiratório denominados de prânâyâmas. Também preconiza o autocuidado, uma alimentação saudável e a prática de uma ética que promova a não-violência. A prática de Yoga melhora a qualidade de vida, reduz o estresse, diminui a frequência cardíaca e a pressão arterial, alivia a ansiedade, depressão e insônia, melhora a aptidão física, força e flexibilidade geral.

Nesta definição, são destacados os benefícios para a qualidade de vida, lembrando os males que assolam os homens na modernidade: ansiedade, depressão e insônia. Apesar de sua brevidade, a definição coloca o Yoga entre as práticas corporais que requerem consciência, concentração e atenção, ou seja, não se trata de movimentos repetitivos, maquinais e exaustivos, com a finalidade de trabalharem exclusivamente músculos e articulações²⁰.

Como contraponto a esta visão, simples e concreta, damos alguns esboços do pensamento indiano antigo.

Na clássica obra *Yogasutra, Aforismos do Yoga*, de Patanjali (c. III-II a.C.), na segunda sentença, lemos:

*Yoga é a cessação dos turbilhões da consciência*²¹.

¹⁹ Parágrafos extraídos de: YOGATERAPIA - o saber que vem do oriente in **Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares de Saúde**. Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2019, p. 53-94.

²⁰ Há quem denomine a prática puramente mecânica de “ginástica”. Se assim for, Yoga não é uma ginástica. Todavia, esta definição de ginástica não corresponde ao que historicamente fizeram os gregos, nem ao que, na modernidade, fazem os seus adeptos mais conscientes da técnica.

²¹ *chitta*, no original sânscrito.

Iyengar (1997, p. 28) explica então o caminho proposto pelo Yoga, para a tranquilização da consciência:

O Yoga é uma forma sistemática de ensinar ao homem a ir, com meticulosidade e eficácia, atrás da divindade que se encontra em seu interior. Desvenda ao homem, desde o corpo externo até o si-mesmo interior. Avança passando do corpo aos nervos, e dos nervos aos sentidos. Desde os sentidos adentra na mente²², controladora das emoções. Desde a mente penetra no intelecto²³, que guia a razão. Desde o intelecto, seu caminho conduz à vontade²⁴, e daí à consciência (chitta). A última fase vai da consciência ao Si-mesmo, seu ser autêntico (Âtmâ²⁵) (tradução nossa da edição em espanhol).

Yoga é então uma escola de pensamento²⁶ que procura oferecer uma via para a equilíbrio de todos os componentes do ser integral (envoltórios físico, sensorial ou vital, emocional, mental e intuicional), de modo que, uma vez que tudo se harmonize, floresça a essência do ser, sua alma.

Este estado pleno de realização interior é chamado de *samâdhi*, termo normalmente traduzido por “iluminação” ou “êxtase”. Como se trata de um caminho para dentro (e não para fora, em busca de um suposto ente divino qualquer, como indica o prefixo *ex*), o investigador romeno Mircea Eliade propõe empregar o termo “ênstase”, estado interno (1996, p. 45 e 76). Deste modo, o Yoga não prevê a existência de nenhuma divindade a quem se dirigir.

A partir desta concepção, entendemos a definição de Yoga de um dos autores antigos, Vyâsa²⁷, na obra *Yoga-Bhâsya: Yogah samâdhih*, ou seja, Yoga é ênstase.

Sendo então uma via para se chegar à iluminação, a tradição yóguica oferece inúmeros passos a seguir. A mais antiga sistematização, o já citado Patanjali, na obra *Yogasutra*, propõe oito membros, no original sânscrito *ashtanga*. Parte de uma ética, passa por técnicas específicas, para se chegar ao último membro: o *samâdhi*.

²² No original sânscrito: *manas*. Da mesma raiz que o latino *mens, mentis* e o grego *ménos*. Explica também Iyengar (2016, p. 24) o seu significado: “*manas*, isto é, a mente individual que tem o poder e a faculdade de atenção, seleção e rejeição; a faculdade oscilante e indecisa da mente”.

²³ No original sânscrito: *buddhi*. “A capacidade de decidir, aquela que determina a distinção entre as coisas” (IYENGAR, 2016, p. 24).

²⁴ No original sânscrito: *ahamkâra*, literalmente “eu faço”; o ego.

²⁵ A essência do ser, o que poderíamos traduzir por “alma”. No latim *anima*; no grego *psykhé*.

²⁶ Em sânscrito *darshana*. O que chamamos de religião, o indiano melhor denominaria *dharma* (lei, norma). Hinduísmo é para eles *Sanata dharma* (a lei eterna). Uma distinção clara entre uma prática salvacionista, como o Yoga, com práticas religiosas não pode ser traçada, porém tradicionalmente entendiam *darshana* como algo distinto de *dharma*.

²⁷ Citado em FEUERSTEIN, George. **A tradição do Yoga**. São Paulo: Pensamento, 2001, p. 35.

YOGATERAPIA

Se o Yoga é esse sistema integrativo completo e complexo, que por si mesmo é uma resposta ao sentido da vida, na visão de seus adeptos, a Yogaterapia não pretende ir tão longe. Embora utilize os mesmos meios e recursos do Yoga, a Yogaterapia tem um objetivo mais imediato e concreto: visa atender a um consulente que procura alívio para algum problema que o aflige, qualquer que seja a esfera de onde possa provir este mal: física, vital, emocional, mental e mesmo espiritual. Assim, os manuais de Yogaterapia, de modo geral, se organizam por enfermidades. Sirvam de exemplo a obra de Christine Campagnac-Morette, a de Tara Stiles e a dos Dr. Pierre Jacquemart e Saida Elkéfi; em parte, também a obra de Nilda Fernandes. A referência completa destes trabalhos se encontra na bibliografia.

Alguns conceitos-chave para o entendimento do sistema todo precisam ser postos; começamos pelo *prâna*. Segundo Iyengar (1997, p. 36):

Prâna é a energia que impregna o universo em todos os níveis. Trata-se de energia física, mental, intelectual, sexual, espiritual e cósmica. Todas as energias vibrantes são prâna. Todas as energias físicas, tais como o calor, a luz, a gravidade, o magnetismo e a eletricidade, são também prâna. Prâna é a energia oculta ou potencial que se encontra em todos os seres e que se vê liberada em grau máximo nos momentos de perigo. É o motor primário de toda atividade. É a energia que cria, protege e destrói. O vigor, a potência, a vitalidade, a vida e o espírito são todas formas de prâna.

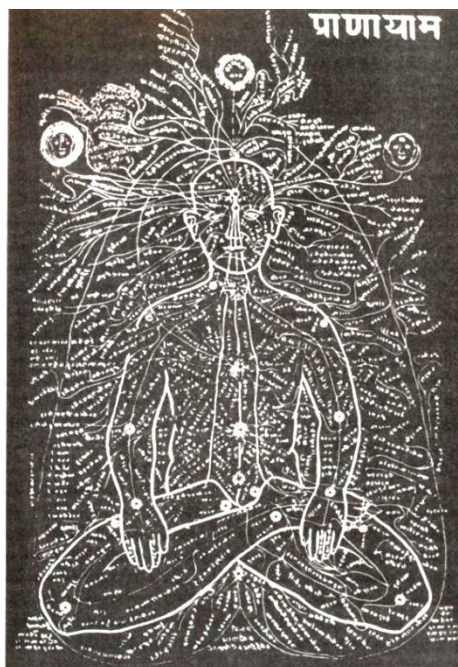
O antigo indiano, como outros povos da Antiguidade, cedo associaram o fenômeno vida com a respiração. Estar vivo é estar respirando. Logo, o *prâna*, força ou princípio vital, é também respiração, sopro, vento, alento. *Prânâyâma* é normalmente traduzido como exercício de respiração, mas é mais do que é isto, é exercício de vitalidade.

O *prâna*, mantenedor da vida, é absorvido pelo indivíduo sobretudo pela respiração, mas também pelos alimentos, pelo Sol²⁸ e pela Lua. Ele vem, portanto da atmosfera, do espaço, entre o céu e a terra, que os antigos chamavam de Éter que, em sânscrito se traduz por *Akasha*. Alguns autores preferem fazer a seguinte distinção: *Prâna* (em maiúsculo) como a fonte, no *Akasha*; *prâna* (em minúsculo), aquele já pertencente a cada indivíduo.

A tradição indiana não é uniforme no entendimento de como o prâna circula e se distribui pelo organismo. Normalmente, é apresentada uma rede de canais, *nâdîs*, que passam por centros de energia, *chakras* (termo que significa “roda” ou “anel”, por causa de seu suposto formato). A Yogaterapia, em seu nível avançado, explora a natureza e o funcionamento de, no mínimo, os sete *chakras* principais e os três principais canais:

²⁸ “El Sol, los rayos cósmicos, las masas de agua en movimiento y en evaporación son los principales factores de ionización y cargan de prana al aire” (LYSEBETH, 2014, p. 32).

sushumnâ, que percorre o centro da coluna vertebral; *pingalâ*, que irradia a energia vinda do Sol, sobe circulando os chakras; *ida*, que irradia a energia lunar, sobe também circulando os chakras, mas em sentido contrário a *pingalâ*.



Esta ilustração antiga (LYSEBETH, 2014, p. 217) apresenta inúmeros chakras e canais. Observe que o canal central passa pelos chakras, mas os dois canais laterais sobem paralelamente. Todos os três terminam no chamado terceiro olho, o centro de energia da sabedoria, o chakra *âjnâ*.

Dados estes conceitos-chave, passamos para a terapêutica propriamente dita. Doença, na Yogaterapia, é entendida como um bloqueio, uma perturbação na circulação da energia, *prâna*. Na compreensão da doença, há que considerar os três corpos, *sharîras* (ou mais detalhadamente, os cinco envoltórios, *koshas*), os sete centros de energia, *chakras*, e os três canais, *nâdîs*. Nos pontos onde a energia está bloqueada, em diversos graus, é porque existe um nó, *granthi*. Fisicamente a marca de um bloqueio é a dor. Em sentido amplo, a enfermidade está espelhada na desarmonia dos chakras e dos envoltórios/corpos.

Yogaterapia, em resumo, não objetiva atingir o *samâdhi*, a iluminação, mas livrar o indivíduo basicamente de alguma enfermidade, mais claramente apontada por uma dor.

SUAS TÉCNICAS

Há muitas técnicas na Yogaterapia e, em cada uma delas, há também muitas possibilidades e variantes. Neste item, nos limitaremos ao fundamental, ou seja, aos elementos mínimos que possam propiciar uma reequilibração do ser integral, de tal modo

que um interessado possa praticá-los com risco reduzido, seguindo as orientações dadas. Evidentemente, a melhor solução será sempre ter a presença de um profissional devidamente capacitado.

KRIYÂ é um conjunto de técnicas de purificação corporal. Apresentaremos uma simples, que faz uso de um pequeno recipiente, chamado LOTA, para a limpeza das narinas. Esta técnica é denominada NETI. Aquece-se levemente uma certa quantidade de água, e nesta acrescenta-se um pouco de sal. Esta água amornada é passada de uma narina a outra, conforme mostra a ilustração, depois inverte-se a direção. Fecha-se a glote para que a água não desça pela garganta. Notar-se-á como se respira melhor, após a prática deste *kriyâ*.

Nenhuma prática da Yogaterapia é puramente corporal, deste modo pode-se ampliar o raio de ação da limpeza, colocando para si mesmo a intenção da purificação. As fossas nasais são o principal meio por onde a energia vital universal, *prâna*, adentra o ser, energizando-o. Tenha assim em mente o grande benefício deste *kriyâ* e usufrua dele, fazendo também deste momento uma vivência.



Purificação, *kriyâ*, das fossas nasais, denominada *neti*

PRÂNÂYÂMA, controle ou exercícios de respiração. São técnicas de energização pelo *prâna*, mais do que atividades físicas de respiração. Vejamos uma delas: BHRÂMARÎ. Acomodado em local agradável, coluna ereta, com os polegares, direito e esquerdo, tape respectivamente os ouvidos. Com os demais dedos, tape os olhos e as narinas, como mostra a ilustração. Encha os pulmões de ar e solte lentamente pela boca, emitindo simultaneamente um ruído, imitando assim uma abelha. O ruído é lento e profundo, digamos, interno, para si mesmo. Repita a “respiração da abelha” algumas vezes. Notar-se-á que durante a prática, por um curto momento, parece que esvaziamos a mente, libertando-nos de quaisquer pensamentos, sobretudo os indesejáveis. É ativado principalmente o

centro de energia da sabedoria, *âjnâ chakra*, fazendo vibrar o envoltório feito de beatitude, *ânanda maya kosha*.



Respiração da abelha, *bhrâmarî*

NIDRÂ, literalmente sono, é um conjunto de técnicas para atingir o estado profundo de relaxação. Apresentaremos apenas uma: deitado na posição *shavâsana*, postura do cadáver, com braços e pernas separados do corpo, olhos fechados, boca entreaberta, com respiração tranquila, mas percebendo a inalação e exalação, imóvel, conforme a ilustração, vamos mentalmente repetindo: relaxo meus dedos do pé direito, relaxo a planta do pé direito, relaxo o meu calcanhar direito e assim vai, detalhadamente, até o couro cabeludo. Plenamente relaxado, permaneço um pouco neste estado e começo a retornar readquirindo consciência de cada parte do corpo. Faço movimentos lentos para animar o corpo; finalmente, virando de lado, com o auxílio das mãos, me levanto. Importante não esquecer que o relaxamento também é uma vivência, portanto coloco na prática uma intenção de bem-estar, uma vontade de harmonizar-se consigo mesmo.



Postura do cadáver, *shavâsana*

MUDRÂ é uma técnica que emprega as mãos e também posições corporais, segundo as descrições das obras antigas. Neste item, trataremos exclusivamente daqueles mudrâs que usam as mãos. Vejamos a definição de Ingrid Ramm-Bonwitt (1987, p. 7):

Mudrâ, uma palavra com muitos significados, é caracterizada como gesto, posicionamento místico das mãos, como selo ou também como símbolo. Estas posturas simbólicas dos dedos ou corpo podem representar plasticamente determinados estados ou processos da consciência. Mas as posturas determinadas podem também, ao contrário, levar aos estados de consciência que simbolizam.

Nesta definição, nosso foco se concentra sobretudo na segunda parte. Se faço, por exemplo, o Garuda mudrâ, símbolo que representa o mítico pássaro Garuda, rei das aves, inimigos das serpentes, animal de montaria do deus Vishnu, ao mesmo tempo em que simbolizo Garuda, de certo modo, evoco as características do pássaro, na sua função de transportador do deus do Amor. Deste modo, o *Garuda mudrâ* atua no equilíbrio do *anâhata chakra*, o centro de energia do coração, despertando a compaixão, plenitude, solidariedade, cura, devoção, auto-estima, em suma, o amor.



O pássaro Garuda, levando Vishnu, deus do amor

De que maneira o mudrâ proporciona o benefício acima descrito? O gesto, aliado à intenção, promove a circulação da energia vital, *prâna*, pelos canais, *nâdis*, de modo que o centro de energia do coração, *anâhata chakra*, seja ativado. Uma vez ativado, este chakra age mais diretamente sobre o envoltório emocional, *mano maya kosha*. Como sabemos, nos sistemas integrativos, quando um envoltório vibra, ele faz vibrar os demais por reverberação. Assim, o ser como um todo se mobiliza para se reorganizar nesta nova condição, produzindo o bem-estar geral, despertando o amor, em sentido amplo.



Gesto do pássaro Garuda, portador do deus Amor, *Garuda mudrâ*

É fundamental recordar que o gesto sem a intenção não produz a vivência plena, ele deve ser emocionado, do contrário será sobretudo um gesto mecânico.

Se faço um *mudrâ* sem conhecer o que ele simboliza, que intenção eu coloco? Neste caso, colocamos uma intenção geral de bem-estar, de harmonia, e procuramos sentir em nós mesmos o que acontece.

Para impedir que a mente se disperse durante o *mudrâ*, anulando ou diminuindo o efeito vivencial, recomenda-se entoar um mantra. No do *Garuda mudrâ*, o mantra YAM é sugerido, pois é aquele que corresponde ao centro de energia do coração, *anâhata chakra*. O mantra é bem pronunciado, não gritado, de modo lento, abrindo bem a boca, para que o A seja sonoro e não nasalizado. Pode-se entretanto produzi-lo apenas mentalmente.

Em síntese, a melhor resposta deste *mudrâ*, para ativar o sentimento do amor, seria dada assim: acomodado em lugar agradável, sem ruídos externos, sentado com a coluna ereta, olhos fechados, respirando tranquilamente, faz-se o *Garuda mudrâ* na altura do peito, sem tocá-lo, por alguns minutos, e, durante este tempo, entoa-se YAM, mentalmente ou com voz baixa, lentamente, mas de maneira bem pronunciada e profunda. Não há

contraindicações, pode-se repetir este procedimento inúmeras vezes, ao longo do dia, se me proponho a fazê-lo terapêuticamente.

ÂSANA significa postura, atitude, posição. Segue o mesmo princípio apresentado para o *mudrâ*, ou seja, o *âsana* simboliza algo e, na mesma medida em que simboliza, também evoca os estados de consciência da representação. Concretamente, a postura corporal faz circular a energia vital, *prâna*, pelos canais, *nâdîs*, indo ativar os centros de energia, *chakras*, que fazem vibrar os envoltórios, *koshas*. A vibração dos envoltórios busca uma harmonização de todo o ser integral. Do mesmo modo comentado sobre o *mudrâ*, um *âsana* não ativa um único e exclusivo centro de energia, mas na descrição que apresentamos, há que ter presente que se trata do foco objetivado. Seguiremos o modelo acima, dando um ou mais *âsanas* que potencializam sua atuação em determinados centros de energia.

VÎRÂSANA, postura do herói.

Com a intenção de despertar a compaixão, a plenitude do ser, a solidariedade, a cura, a devoção, o amor e a auto-estima, fazemos a postura, conforme a ilustração. É ativado sobretudo o centro de energia do coração, *anâhata chakra*, fazendo vibrar o envoltório feito de mente – emoções, sentimentos, *mano maya kosha*. Recomenda-se o mantra YAM.



Postura do herói, *vîrâsana*

SIMHÂSANA, postura do leão.

Animado com a força e disposição do leão, fazemos o *âsana* conforme a ilustração. Sentado, com a coluna ereta, colocamos a língua para fora, o máximo possível, emitindo um sonoro ahhh. Simultaneamente olhamos entre as sobrancelhas. É parte do exercício vencer a inibição do movimento aparentemente ridículo. Será ativado sobretudo o centro de energia da expressão, *vishuddha chakra*, fazendo vibrar o envoltório feito de intelecto, *vijnâna maya kosha*, o que propiciará o desenvolvimento da expressão: saber ouvir, falar e calar.



Postura do leão, simhâsana

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Franz. **Medicina Psicossomática. Princípios e aplicações.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CAMPAGNAC-MORETTE, Christine. **Prévenir et Guérir par le Yoga. Manuel pratique.** Paris: Éditions du Dauphin, 2005.

CHRISTIANSEN, Andrea. **Mudras.** A sabedoria do yoga na ponta dos dedos. São Paulo: Pensamento, 2013.

CURSO DE CIÊNCIAS HERMÉTICAS. I-Educação Pessoal. São Paulo: Ed. Prof. Francisco Valdomiro Lorenz, 1997.

FERNANDES, Nilda. **Yoga Terapia.** O caminho da saúde física e mental. São Paulo: Ground, 2004.

- GERBER, Richard. **Medicina Vibracional. Um medicina para o futuro.** São Paulo: Cultrix, 2007.
- GOMES, Horivaldo. **Manual de Yogaterapia.** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Yoga Integral, 2015.
- _____. **Yoga Integral. O Yoga para uma nova era.** Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- HARO SOUZA KARTHYANANI, Catarina Garcia. **Yogaterapia.** Saúde e Paz. Ribeirão Preto: Power, s.d.
- HIRSHI, Gertrud. **Mudras.** El poder del yoga en tus manos. Barcelona: Urano, 1999.
- IYENGAR, B.K.S. **Luz sobre el Prânâyâma.** Barcelona: Kairós, 1997.
- _____. **Luz sobre o Yoga.** Yoga Dîpikâ. São Paulo: Pensamento, 2016.
- JACQUEMART, Pierre; ELKÉFI, Saida. **Yoga terapêutica.** São Paulo: Organização Andrei, 1988.
- LEADBEATER, Charles W. **Os Chakras.** Limeira: Conhecimento, 2009.
- LYSEBETH, André Van. **Pranayama. A la serenidad por el yoga.** Barcelona: Urano, 2014.
- MOTOYAMA, Hiroshi. **Teoria dos Chakras. Ponte para a Consciência Superior.** São Paulo: Pensamento, sd.
- RAMM-BONWITT, Ingrid. **Mudrâs.** As mãos como símbolo do Cosmo. São Paulo: Pensamento, 1987.
- STILES, Tara. **A cura pelo Yoga.** São Paulo: Pensamento, 2014.
- TEXIER, Martine & VINCENT, Philippe. **Yoga, Mudras e Chakras.** Os movimentos da energia vital. São Paulo: Pensamento, 2009.
- ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia.** São Paulo: Palas Athena, 1986.

Há dois saberes não considerados como Práticas Integrativas, na realidade brasileira oficial, mas que têm importante contribuição para a busca pela transcendência: o xamanismo e a psicodelia. Na sequência, damos algumas páginas para cada um deles.

A EXPERIÊNCIA XAMÂNICA DA EDUCAÇÃO²⁹

*Ñande Ru Pa-pa Tenondé
Guete rã ombo-jera
Pytû yma gui.*

*Nosso Pai Primeiro
Criou-se por si mesmo
Na Vazia Noite iniciada.
(Jecupé, p. 25)*

INTRODUÇÃO

Diferente do que ocorre com os animais, os quais já nascem quase “prontos”, ou seja, carregam o instinto que lhes possibilita o meio de sobrevivência no mundo, sendo restrito o papel do ensino/aprendizagem, o homem, por outro lado, está todo por fazer-se. Excetuando umas poucas ações, como sugar o leite materno, tudo o que necessita deve o homem aprender. Mas de quem ele aprende? É exatamente essa a definição de cultura. O aprendizado vem da sociedade em que vive, inicialmente dos pais e das pessoas do círculo familiar mais próximo, depois através de algum sistema educativo, elaborado e pensado justamente para integrar o indivíduo na sociedade, dotando-o dos saberes necessários. Cultura é, portanto, um conjunto de valores simbólicos que o homem aprende em seu meio, infinitamente variável, pois assim é o próprio meio, tendo como destaque a linguagem humana, traduzida em inumeráveis línguas (Saussure, Cassirer).

Em nossa complexa sociedade atual, dispomos desde escolas maternais até cursos de pós-doutorado, com inumeráveis variedades e especializações de todo tipo. Não é necessário, nem é possível, que o indivíduo aprenda todo o conhecimento da sociedade, basta que ele se especialize em algo, cumpra seu papel como uma engrenagem de uma grande máquina. No ponto extremo, mais distante de nossas sociedades tecnológicas, estão as sociedades arcaicas, grupos pequenos, que insistem em sobreviver, face à voracidade com que a modernidade devora o diferente e o estranho.

Nessas sociedades arcaicas, divididos em dois grandes grupos, o masculino e o feminino, os indivíduos aprendem o que é necessário para a sobrevivência, dominando a quase totalidade dos meios de produção. Assim, exemplificando para uma hipotética sociedade indígena, o menino aprende a caçar, a pescar, a combater, a manufaturar

²⁹ Reproduzimos integralmente o nosso capítulo de livro publicado sobre Xamanismo em **A Experiência e Educação**. Ana Maria Gonçalves (org.). Goiânia: FUNAPE / DEPECAC, 2010, p. 59-70.

artefatos como o arco, a flecha, a canoa, a cabana, e a tradição antiga das lendas e genealogias, ou seja, toda a literatura oral de seu povo. A menina, por outro lado, aprende a preparação dos alimentos, a agricultura, a manufatura de artefatos culinários, como colheres, potes, vasos etc. Evidentemente, a soma de saberes é de tal grandeza que é possível tal aquisição por parte de cada indivíduo. Destaca-se, todavia, nas sociedades arcaicas, uma figura especializada, chamada xamã.

O QUE É XAMANISMO

Em sentido amplo, xamã é sinônimo de feiticeiro, curandeiro, pajé, mago, bruxo, clarividente, vidente, visionário, conjurador, exorcista, médium, encantador, *medicine-man*. Evidentemente, esses termos nem sempre dizem o mesmo para nós, todavia eles não fogem da esfera do sobrenatural, do mágico, do supersticioso e do sagrado.

Em sentido estreito, como propõe Eliade (Eliade, 2002, p. 16), xamã é uma figura da tradição siberiana e centro-asiática, originalmente. Entre suas características, destaca-se a capacidade para o voo mágico, isto é, em estado alterado de consciência, em êxtase, o xamã sobe aos céus ou desce aos infernos, realizando contatos com deuses, demônios e espíritos dos mortos, para a cura ou o malefício de alguém. Ele ainda tem a capacidade de ver os espíritos, falar com eles, mesmo com os espíritos dos animais. O específico do xamã é a manutenção de sua própria consciência, por oposição aos magos de outras tradições, em que ocorre a possessão, ou seja, a perda da consciência própria, sendo a mesma substituída pela de um possessor (Eliade, 2002, p. 542).

O fenômeno do xamanismo se dá nas sociedades ditas primitivas, ou seja, sociedades animadas pelo pensamento mítico. Nelas os indivíduos vivem a experiência do sagrado na quase totalidade de suas vidas. Assim, o chão em que pisam é simultaneamente o solo e a deusa Terra, o astro que ilumina o dia é igualmente o deus Sol, e sucessivamente todos os elementos importantes de sua existência são vistos como divindades. A tendência, constatada em inúmeras sociedades ditas primitivas, é a superação dos deuses ancestrais, representativos dos mais simples elementos da natureza, por deuses mais humanizados e complexos. Na Grécia, o deus Caos, a Terra, o Céu etc., são substituídos no poder por deuses como Zeus, Hera, Apolo etc., que não são mais elementos simples, mas complexos de múltiplas funções, com representação humana. O Céu é grande e amplo, por outro lado, Zeus é astuto, poderoso, sábio, portador do escudo, senhor do raio, soberano, dispensador das honras, esposo de Hera, etc.

Existe, de fato, entre esses povos primitivos, um panteão de deuses comuns, pois há elementos na natureza que parecem importantes para todos os povos (Céu, Terra, Mar, Trovão, Vento, Inferno, Sol, Lua, Estações, etc.), mas há também aqueles específicos,

próprios da realidade cultural de cada um. Exemplificando com os animais: o elefante e o tigre eram sagrados entre os indianos; o crocodilo, o escaravelho e o hipopótamo foram venerados entre os egípcios; os gregos e os latinos temiam a doninha, animal furtivo e agourento; os índios Tupis consideravam a onça um animal sagrado, a ponto de também com ela executarem o canibalismo ritual, e os antigos chineses viam na tartaruga a representação do seu mundo.

O conhecimento das remanescentes sociedades primitivas revela uma multiplicidade de situações: há povos que ainda cultuam os deuses, que chamaremos de elementos da natureza, e há outros, todavia, que já possuem deuses mais complexos, ao lado daqueles.

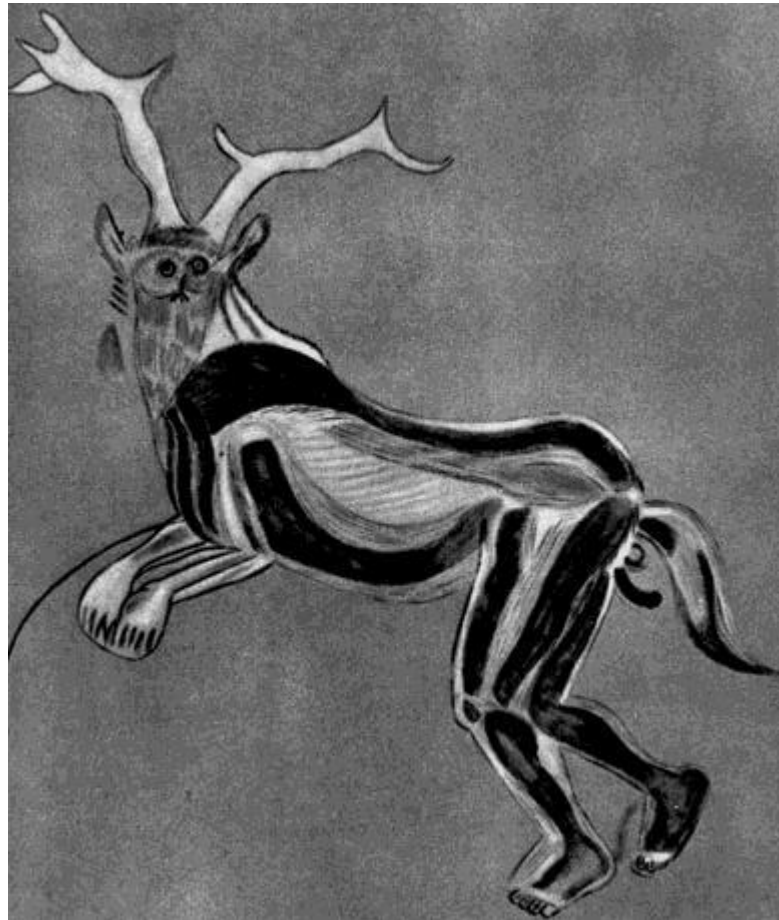
Se o investigador moderno pode estar bem instruído a respeito da distinção proposta por Eliade entre o xamã, que mantém sua consciência ativa, e os demais magos, eventualmente possuídos por consciência alheia, os antigos aventureiros das terras desconhecidas e pesquisadores nem sempre marcaram com clareza a distinção, colocando, muitas vezes, ambos num grande grupo de feiticeiros e descrevendo mais ou menos detalhadamente os seus feitos mágicos.

Em síntese, a alteração do estado de consciência é uma base comum dos fenômenos religiosos. Quando a alteração se dá no sentido de uma grande lucidez, um enlevamento, um êxtase, então temos o xamanismo, mas quando há uma perturbação e certa perda de identidade temos uma espécie de possessão, que não é o xamanismo, *stricto sensu*. A distinção nos parece basicamente didática, para classificação e entendimento do fenômeno, embora pensemos que um mesmo mago possa passar por ambas as experiências, em um mesmo contexto religioso.

Há basicamente dois modos de se entender os pontos comuns entre os xamãs, originalmente siberianos, e os demais magos, universalmente encontrados em toda parte e época: vias migratórias de difusão cultural, desde épocas muito recuadas, com o encontro das tradições, ou seria, por outro lado, um componente ontológico (A crise de iniciação de um xamã “lida com o material ontológico que pertence à experiência humana desde os tempos primitivos e com a interação entre o homem e os mundos natural e sobrenatural” (Santos, p. 26, comentando Joan Halifax), próprio do homem, algo a ser explicado pelo arquétipo jungiano.

No caso dos achados arqueológicos, sobre os quais não há texto, mas apenas há informação visual e descrição do sítio, é muito difícil decidir se estamos diante de um verdadeiro xamã ou de um mago possuído. Abaixo vemos a imagem de uma figura datada do paleolítico, da caverna dos “Três Irmãos”. É muito sugestiva a interpretação de tratar-

se de um feiticeiro, e não de um animal mítico. O rosto parece humano, bem como a posição semiereta. O que porta em sua cabeça e se estende pelo corpo é uma máscara, com uma capa, muito usual no universo do xamanismo. Ele parece executar uma dança ritual. Se a interpretação é correta, então desde os alvares da humanidade já está presente o feiticeiro (xamã ou mago possuído?), com as mesmas características gerais ainda encontradas nas remanescentes sociedades ditas primitivas.



Feiticeiro da caverna de *Trois Frères*, desenhado pelo abade explorador Breuil

A FORMAÇÃO DO XAMÃ

Vários são os processos para a formação dos xamãs. Daremos algumas descrições genéricas, sem especificar detalhadamente a qual grupo étnico elas pertencem. Quando os adultos observam determinadas práticas infantis, tidas como estranhas, isto pode significar uma tendência inata ao xamanismo. A dúvida não pode ser resolvida de imediato, então a criança é separada do convívio familiar e fica sob a tutela de um experimentado xamã. À medida que o tempo passa, pode-se concluir que houve um engano, então a criança retorna

a sua família, do contrário ela vai recebendo a formação completa que consiste em aprender o segredo da arte xamânica.

De acordo com a tradição científico-cartesiana, os saberes se distinguem por natureza. Aqui nos interessa a distinção entre ciência e magia. Do ponto de vista científico, o jovem aprendiz passa a conhecer o uso de determinadas plantas, como prepará-las e como aplicá-las. Aprende o valor dos minerais e de substâncias animais. Conhece massagens, banhos terapêuticos, dietas alimentares, exercícios físicos. Quanto à magia, ele aprende de viva voz os cantos sagrados, os ritos que deve realizar, os dias favoráveis e desfavoráveis, por meio de interpretação ao urro dos animais selvagens, ao piar das aves, ao observar os astros etc. Como veremos mais adiante, essa distinção de saberes é completamente estranha ao mundo xamânico, ou seja, o saber do xamã é holístico.

O aprendiz acompanha o mestre em inúmeras ocasiões e observa a aplicação dos conhecimentos, até o momento em que é considerado preparado para agir sozinho. A partir de então, ele fica sob sua própria responsabilidade, todavia é a comunidade que dará a aceitação ou não de sua arte, mediante as situações práticas em que se envolverá e dará solução. Há registros de xamãs que mantinham inúmeras crianças sob sua tutela. Evidentemente, a comunidade não necessita de muitos curandeiros, o que significa uma espécie de concorrência, em termos modernos, a uma determinada posição social, que é de prestígio. As famílias das crianças, em certa medida, auxiliam o sustento do xamã e seus aprendizes. Portanto, o saber a que o aprendiz tinha acesso, pela mediação do mestre, dizia respeito ao xamanismo, não havia acesso a saberes de outra natureza, de valor material prático para a vida da comunidade³⁰.

De modo completamente distinto é a formação por meio de inspiração. Nesse caso, algum fator externo entra em cena, provocando a revelação. Por exemplo, um indivíduo tem um sonho e por meio dele descobre que sua vocação é ser xamã. O sonho pode ser de outro indivíduo que então lhe revela o destino. Um acidente ocorre ou um fato atípico, como a queda de um raio em determinado local, ou o indivíduo sobrevive a uma longa doença: eis algumas outras possibilidades desencadeadoras da revelação. Do mesmo modo que espontaneamente algo ocorre, também pode haver a busca pelo xamanismo: o candidato se retira a uma caverna escura e lá permanece até que se sinta chamado, isto é, uma vigília, ou ele se submete a um jejum, isolado em um retiro, ou ele se aplica um flagelo, ou seja, uma penitência. Uma vez descoberto o talento, passa o futuro xamã a uma preparação que não terá a duração do jovem aprendiz, mas é igualmente importante para a sua formação. Igualmente, o xamã deve provar sua capacidade no dia-a-dia da

³⁰ Essa distinção não é absoluta. Não se consulta o xamã para saber como se constrói uma canoa, mas o xamã é chamado para provocar chuva, em época de estiagem.

comunidade, executando sua arte. É grande o risco de perder a vida, se ele falha muito e em assuntos de grande gravidade.

A ARTE DO XAMÃ

O xamã normalmente não atua sem estar com sua consciência alterada, então há um procedimento para provocar a alteração: ingestão de uma bebida alucinógena, aspiração da fumaça produzida pela queima de uma planta, prolongado jejum, experiência assustadora de passar a noite em uma cova escura, som ritmado de um tambor, etc. Como se pode notar, os mesmos elementos que podem revelar um xamã são também usados em sua arte. Alterada a consciência, o xamã está em transe e, nessa condição, executa a sua arte do voo mágico rumo ao céu ou ao inferno, ascendendo ou descendendo por uma corda ou árvore ou escada. Assim, ele transita pelos três mundos, respectivamente, céu, terra e inferno, por meio desse eixo, o *axis mundi*.

Nos lugares a que chega, ele busca ou leva instrumentos mágicos que permitem libertar ou prender a alma de determinado indivíduo, para o qual ele realiza o benefício ou o malefício. Segundo a distinção que anteriormente fizemos entre o xamã e os outros magos possessos, o xamã mantém sempre a consciência do que faz. No céu ou no inferno, ele entra em contato com os antepassados, com os espíritos e inclusive com outros xamãs, vivos ou mortos. Pode haver um combate entre xamãs.

Se mentalmente ou espiritualmente ele faz o voo, os que estão diante dele o veem executar uma série de movimentos ritualísticos, entoando cantos nem sempre compreensíveis, soprando um charuto, esfregando poções, dançando. A psicologia interpreta a crise xamânica como um colapso nervoso. Também fazer parte da arte do xamã o uso do fogo e a comunicação com os animais. O fogo é basicamente purificador e os animais são dotados de poderes que interessa aos homens possuir: olhar noturno e agudo, velocidade, ocultação, força, destreza, coragem, audição e olfato apurados.

O xamã normalmente habita em um local retirado e é procurado pela comunidade para resolver problemas específicos: curar uma doença, livrar alguém de uma maldição, prever o futuro, interpretar um fato estranho, amaldiçoar um inimigo. Mediante algum pagamento, ele executa sua arte mágica. É paradoxal o sentimento que a comunidade mantém para com o xamã: ele é admirado por poder resolver as questões que afetam a comunidade, mas é temido e odiado por escapar ao controle dos demais, ou seja, por ocupar uma posição de superioridade em uma sociedade basicamente igualitária.

VISÃO HOLÍTICA DO HOMEM

Conforme já comentamos, o xamanismo é uma prática antiquíssima, remontando ao período paleolítico, se a leitura feita das inscrições rupestres é correta. Na Antiguidade Clássica, o xamanismo é atestado entre os gregos e latinos. No oriente, entre os indianos. Todavia, é no período de colonização da África e das Américas que começam as descrições mais apuradas do fenômeno. Recordamos que a distinção, hoje clara, entre o xamã e o mago possuído nem sempre é evidente, nas descrições dos viajantes e aventureiros.

Inicialmente, os textos revelaram o indígena como um ser atrasado, com relação à civilização, ou seja, quando confrontado com o conjunto de crenças do conquistador, normalmente cristão. Todo o mundo mítico dos índios foi então associado ao mal, na visão cristã maniqueísta, e o feiticeiro, grande óbice à catequese, era o próprio representante do diabo e embusteiro, entre os nativos. Igualmente sob o controle do pajé estavam as práticas mais abomináveis como o sacrifício humano e o canibalismo.

Com a ascensão do Romantismo que propunha a busca pela originalidade, a volta às origens e a autenticidade, o xamã foi, em certa medida, recuperado e elevado a uma grandeza jamais imaginada. Deste modo, ele passa a ser denominado de político sagrado, artista, médico, mestre, juiz, cerimonialista, profeta, *magister artium* e poeta. A concepção que hoje reina está entre os dois polos opostos: curandeiro/médico, encantador/profeta.

Na visão romântica, o pajé se opõe ao sacerdote oficial de determinada religião, o qual executa mecanicamente os ritos e discursos teológicos, sem crer neles, supostamente. O pajé não procura uma ascensão profissional religiosa, não quer ser cardeal ou papa, não se importa com vestes pomposas, carros de luxo e palácios. Ele não se enriquece vendendo livros de autoajuda, nem é visto entre os ricos e políticos poderosos, assim ele representaria a autêntica expressão do sagrado, a mais sincera e pura. Não há fingimento em sua crença. Romanticamente, o xamã é uma figura admirável.

Sob esse olhar, não há porque procurar uma distinção, na prática xamânica, entre uma verdadeira ciência (botânica, zoologia, fisiologia, etc.) e uma magia ignorante (mantras, adivinhações, viagem astral, etc.), distinção, aliás, inexistente para o pensamento mítico. A autenticidade do xamã superaria essa dicotomia, elevando-o acima dos cientistas acadêmicos, com seus títulos e diplomas, e dos sacerdotes oficiais.

O pensamento do xamã sumariza o conhecimento das sociedades arcaicas. Nelas, a distinção entre o sagrado e o profano não é exageradamente distante. Tudo, na natureza, pode ser sagrado, a depender do momento e da circunstância. Uma simples pedra pode

tornar-se um objeto sagrado, uma simples formiga também. O homem arcaico, estando predisposto ao sobrenatural, o experimenta muitas vezes, ao longo de sua vida.

O xamã é, nestas sociedades, a própria encarnação do sagrado. Sua formação consiste basicamente em uma integração com as forças da natureza. Ele não se especializa, como o entomólogo, em uma dada formiga, ele não se especializa, como o botânico, em determinada palmeira, ele não se especializa em conhecer a história de seu povo, como o historiador de determinada orientação metodológica, nem investiga os antigos cantos literariamente, como um bacharel em Letras. Ele, todavia, conhece o todo e, mais do que isso, ele vive o todo. Sua formação é integradora e sintética e, da mesma maneira, ele irá formar seus novos aprendizes.

A interpretação proposta por Eliade (Eliade, 1985, 1992) para o desaparecimento dessas sociedades arcaicas e, concomitantemente, para o fim da visão holística, passa pelo fenômeno da dessacralização. Nas antigas sociedades sacralizadas, começa a surgir o chamado pensamento racional, em que as explicações dos fenômenos da natureza, então sob o domínio dos deuses, passam a ser dadas pelas leis da física, sempre constantes e independentes de qualquer vontade, tanto divina, quanto humana. Na Grécia, por exemplo, o *lógos* se separa do *mythos*, então unidos na época homérica. Assim, no IV séc. a.C., quando pela manhã, o sol nasce, temos duas explicações: a mítica (o deus Hélios parte com seu carro, puxado por quatro cavalos) e a racional (o movimento do astro em torno da terra).

O fenômeno da dessacralização não é completo em cada sociedade, pois temos indivíduos em diferentes estágios de sacralidade, desde os completamente céticos de qualquer explicação sobrenatural até aqueles ainda vivendo à maneira das sociedades arcaicas. De modo geral, nossas sociedades tecnológicas ocidentais se fizeram a partir da tradição do *lógos* racional, desde os pré-socráticos, passando por Aristóteles e recebendo uma ampla contribuição dos renascentistas, como Galileu, Copérnico e, mais recentemente, Pascal, Descartes e Newton. A especialização é naturalmente o ponto de chegada dessa tradição.

O sistema educativo moderno, como causa e consequência dessa sociedade tecnológica, busca sobretudo a citada especialização. O quanto antes o jovem escolher sua profissão, antes começa sua preparação e melhor se equipa para a vida em sociedade. Como benefício da especialização, temos a possibilidade de contarmos com o indivíduo que melhor conhece um dado assunto, por outro lado, o risco é estarmos com o profissional errado. Falta ao especialista moderno a visão de conjunto, pois a educação preocupou-se em dotar-lhe principalmente das técnicas específicas. Então, o que o xamã tem ainda a nos

ensinar é justamente essa visão integradora do mundo, cada parte só tem interesse naquilo que participa do todo.

Em síntese, a perspectiva da totalidade é algo que a modernidade parece sentir falta. Nossa sociedade ocidental moderna, cada vez mais, volta os olhos ao oriente, local que ainda preserva muito do saber antigo, não em busca apenas de um exotismo passageiro e modista, mas para encontrar aquele saber integrador. É o caso da acupuntura, do shiatsu, do budismo, do tai-chi-chuan, das artes marciais, do yoga, do i-ching, do feng-sui. É o caso também do crescente interesse pelos nossos saberes ocidentais, igualmente holísticos: homeopatia, bioenergética, técnicas mediúnicas, etc. Evidentemente, temos uma tradição holística dos alquimistas, dos magistas, da metafísica cristã, dos sistemas filosóficos das confrarias (Teosofia, Maçonaria, Ordem Rosa-Cruz, etc.), mas elas ocupam a marginalidade de nossa sociedade. Não fazem parte dos currículos do ensino oficial.

CONCLUSÃO

Os petróglifos do paleolítico parecem indicar a existência de uma figura mágico-religiosa: o xamã. Os textos da antiguidade também descrevem o mesmo personagem em ação: prevendo o futuro, curando, amaldiçoando, provocando chuva, enfim articulando a vida em sua sociedade. O xamã ainda está presente entre os aborígenes australianos, entre os indígenas americanos não aculturados, entre certas populações siberianas e esquimós. Há muito de xamanismo em nossas tradições de umbanda, candomblé e culto da Jurema. Essa figura ancestral tem um saber holístico, sua visão de mundo é integradora e em conformidade com a natureza, respeitando seu ciclo. É esse saber integrador que, ao que parece, sentimos falta hoje, por conta da modernização, que seguiu uma tradição racionalista e de saber especializado. O quanto vemos surgir e ressurgir, em toda parte, a busca pelo sobrenatural, pela autoajuda, pela magia e pelo orientalismo parece mostrar o quanto necessitamos de uma visão holística da vida. Não cremos que nosso sistema educativo oficial possa ensinar práticas xamânicas, mas pensamos que a elaboração de um currículo integrador entre as disciplinas seja uma possibilidade real.

Concluindo, propomos que o leitor volte à epígrafe deste ensaio e releia o texto xamânico sobre a origem de Deus, segundo a tradição oral guarani. Não é possível compreendê-lo racionalmente, então propomos que vivenciemos sua “verdade”.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus**. Mitologia Primitiva. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia das formas simbólicas**. II - O Pensamento Mítico. Tradução de Cláudia Cavalcante. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DODDS, E. R. **Les Grecs et l' Irrationnel**. Paris: Flammarion, 1977.
- ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Idéias Religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Mito y Realidad**. Tradução espanhola de Luis Gil. Barcelona: Editorial Labor, 1985.
- _____. **O Sagrado e o Profano**. *A essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **Tratado de História das Religiões**. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GILLETTE, Douglas. **O segredo do xamã**. Os ensinamentos perdidos dos antigos maias. Tradução de Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- JECUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé**. A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guaraní. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- MÉTRAUX, Alfred. **A Religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guaranis**. Prefácio, tradução e notas do Prof. Estêvão Pinto. São Paulo: Nacional : Universidade de São Paulo, 1979.
- POSSEBON, Fabricio. Teoria e prática na representação do indígena colonial brasileiro in SILVA, Sérgio Pereira da (organizador). **Teoria e Prática: algumas perspectivas**. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2007.
- SANTOS, Marcel de Lima. **Xamanismo: a palavra que cura**. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Puc Minas, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.



Fabricio Possebon com o kumu Durvalino Moura, de etnia desana, cujo nome de benzimento é kisibi.
Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena, Manaus, 2024

PSICODELIA

Os psicodélicos são os recursos mais poderosos para produzir Estados Alterados de Consciência, todavia são também os mais perigosos, pelo desconhecimento das reações do organismo diante destas substâncias³¹. Vejamos abaixo, como exemplo, a experiência de Aldous Huxley³², com a mescalina, componente psicoativo do cacto peiote. Observemos atentamente o que Huxley aprendeu, sentindo (ou seja, sem conseguir traduzir a experiência exatamente em termos racionais e articulados), estando com a mente expandida, sob o efeito da mescalina. Segundo entendemos, trata-se aqui de uma experiência genuína de Transcendência.

— Que me diz das relações espaciais? — perguntou o investigador enquanto eu olhava os livros. Era difícil responder. Na verdade, a perspectiva se tornara bastante estranha e as paredes da sala já não mais pareciam encontrar-se em ângulos retos. Mas não eram esses os fatos realmente importantes. O que mais ressaltava era a constatação de que as relações espaciais tinham perdido muito do seu valor e de que minha mente tomava contato com o mundo exterior em termos de outras dimensões que não as de espaço. Em situações normais o olho se preocupa com problemas tais como: Onde? — A que distância? — Como se situa em relação a tal coisa? Durante a experiência com a mescalina, as perguntas tácitas a que a visão responde são de outra ordem. Lugar e distância deixam de ter muito interesse. A mente elabora a compreensão das coisas em termos de intensidade de existência, profundidade de importância, relações dentro de um determinado padrão. Eu olhava para os livros, mas não me preocupava, em absoluto, com suas posições no espaço. O que notava, o que se impunha por si mesmo a minha mente, era o fato de que todos eles brilhavam com uma luz viva e que, em alguns, o resplendor era mais intenso que em outros. Nesse instante, a posição e as três dimensões eram questões de somenos. Não, evidentemente, que a noção de espaço houvesse sido abolida. Quando me levantei e pus-me a andar, eu o fiz com toda a naturalidade, sem erros de apreciação sobre a posição dos objetos. O espaço ainda estava ali; mas havia perdido sua primazia. A mente se preocupava, mais do que tudo, não com medidas e lugares, e sim com a existência e o significado. E, de par com essa indiferença pelo espaço, adquiri um descaso ainda maior pelo tempo.

— Parece haver bastante — foi tudo o que pude dizer quando o meu inquiridor me pediu que dissesse qual a noção que tinha dessa dimensão. Bastante; mas pouco se me dava saber, exatamente, quanto. Poderia, está claro, olhar para meu relógio; mas ele, sabia-o eu, estava em outro universo. Essa minha experiência tinha sido, e ainda era, de duração indefinida, também podendo ser considerada um perpétuo presente, criado por um apocalipse em contínua transformação.

...

A mescalina aviva consideravelmente a percepção de todas as cores e torna o paciente apto a distinguir as mais sutis diferenças de matiz que, sob condições normais, ser-lhe-iam totalmente

³¹ Sugerimos também a leitura de nossa monografia de Especialização em Dependência Química (Faculdade Dom Alberto, RS): *Ayahuasca: medicamento ou veneno?*

³² **As Portas da Percepção**. *O Céu e o Inferno*. Aldous Huxley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

imperceptíveis. Poder-se-ia dizer que, para a Onisciência, os chamados caracteres secundários das coisas seriam os principais. Contrariamente a Locke, ela consideraria as cores dos objetos como mais importantes e, pois, merecedoras de maior atenção que suas massas, posições e dimensões. Tal como ocorre com os consumidores de mesalina, muitos místicos percebem cores de uma intensidade preternatural, não só em seu mundo interior como também no das coisas objetivas que os rodeiam. Fato idêntico ocorre com os indivíduos suscetíveis a ou que sofrem de psicoses. Há certos médiuns para os quais as revelações que se manifestam, por breves períodos, nos indivíduos que ingerem mesalina são uma experiência diária, de todas as horas, por longos espaços de tempo.

Vejamos, na sequência, duas classificações das substâncias psicoativas, de autores consagrados na temática.

Classificação, segundo Lewin (1924), em cinco grupos:

1) EUPHORICA, eufóricos ou calmantes psíquicos: são substâncias que diminuem ou melhor suprimem os sentimentos e as sensações, no mais amplo sentido da palavra (estando entretanto a consciência algumas vezes conservada, outras vezes perdida, no todo ou em parte), e produzem um sentido de bem-estar físico e psíquico, também com o desaparecimento dos afetos.

Ópio, morfina, codeína, dionina, heroína, eucodal, clorodine, cocaína.

2) PHANTASTICA, fantásticos ou provocadores de ilusões dos sentidos. Encontram-se, entre tais, algumas substâncias muito diversas entre si pela estrutura química, além das substâncias vegetais que merecem mais propriamente esta designação, como a *Anhalonium Lewinii*, a *Cannabis indica* e as plantas que contém tropeína. Essas produzem uma excitação manifesta do cérebro, que se explica com o aparecimento de ilusões sensoriais, alucinações, visões, e pode ser acompanhada ou seguida por distúrbios da consciência ou de outros sintomas de defeito das funções cerebrais.

Anhalonium Lewinii (*Lophophora williamsii*) = peiote; *Cannabis indica*, maconha, haxixe; *agaricus muscarius* (*amanita muscaria*) = cogumelo mágico; solanáceas (meimendo - *hyoscyamus niger*; *datura*, *Duboisia hopwoodii*); *Banisteria caapi*.

3) INEBRIANTIA, inebriantes. Substâncias sintetizáveis, como o álcool, o clorofórmio, o éter, a benzina, que produzem, num primeiro momento, uma excitação dos centros do cérebro, seguida de uma diminuição ou também do desaparecimento temporário das suas excitações.

Álcool, clorofórmio, éter, benzina, protóxido de azoto (óxido nitroso, gás hilariante ou do riso).

4) HYPNOTICA, hipnóticos (para produzir o sono)

Clorálio hidrato, veronal, paraldeide, bromuro de potássio, bromural, kawa (*Piper methysticum*).

5) EXCITANTIA, excitantes. Provêm do reino vegetal, e produzem uma excitação do cérebro, sem distúrbios da consciência: tal excitação pode ser somente subjetiva ou manifestar-se também de modo objetivo. Pertencem a este grupo as substâncias que contém cafeína (como o catha), o tabaco, o bétele, etc.

Cânfora, bétele, kat, plantas com cafeína (café, chá, noz de cola, guaraná, cacau), tabaco, paricá, arsênico, mercúrio.

Fonte: **Phantastica. Droghe, stupefacenti ed eccitanti.** Luigi Lewin. Milão: Vallardi, 1928.

Classificação, segundo Escotado (2020), em três grupos:

“As drogas psicoativas ainda poderiam ser ordenadas por sua *psicoatividade* precisamente. Assim, sugiro considerar três esferas. O primeiro está relacionado ao alívio de dor, sofrimento e inquietação, chamando dor para a resposta imediata a uma lesão (uma martelada no dedo, por exemplo), sofrendo em resposta a uma perda atual ou possível (uma amputação ou doença crônica, por exemplo), e inquietação com o que impede de dormir, concentrar-se ou simplesmente existir sem angústia. A segunda esfera está relacionada com essa alienação que o poeta chamava "não desejar os desejos", entre cujas manifestações se encontram preguiça, impotência e tédio. A terceira esfera está relacionada à curiosidade intelectual e ao coração aventureiro, mal adaptados a uma vida imersa em rotinas e antecipada por outros, cuja aspiração é abrir seus próprios horizontes. As drogas do primeiro tipo fornecem - ou prometem - algum tipo de **paz** interior e incluem desde uma sutil hibernação à brutalização plácida. As drogas do segundo tipo fornecem - ou prometem - algum tipo de **energia** em abstrato, como um aumento de voltagem nos circuitos elétricos. Aquelas do terceiro tipo fornecem - ou prometem - algum tipo de **visão** em excursões a áreas intocadas da mente e da consciência” (ESCOHOTADO, p. 1190 e seguintes).

PAZ

1) Ópio

Morfina

Codeína

Heroína

2) Substitutos sintéticos do ópio = opióides (feitos de alcatrão de carvão e azeite pesado):

Metadona

Buprenorfina

Pentazocaína

3) Tranquilizantes «maiores» (neurolépticos, antieufóricos)

Tranquilizantes «menores» (ansiolíticos, ex. Valium):

Benzodiazepinas, em particular (ex. Diazepam)

4) Soníferos (hipnóticos, sedantes)

5) Os grandes narcóticos:

Clorofórmio

Éter

Gás do riso (óxido nitroso, experimentado por William James)

6) Vinhos e licores

ENERGIA

1) Café

2) Coca

No plano químico:

1) Cocaína

2) Crack

3) Anfetaminas

4) Cafeína

5) Estimulantes de ação muito lenta (ex. Prozac)

VISÃO

1) Visionários e alucinógenos (alface silvestre; brugmansia - trombeta dos anjos; beladona; mandrágora; datura; meimendro - *hyoscyamus niger*)

2) MDMA, *extasis*

3) Maconha (*cannabis*)

4) Haxixe (derivado do cânhamo)

5) Mescalina (no cacto peiote, experimentado por Huxley, na obra *Portas da Percepção*)

6) LSD (descoberto por Albert Hofmann)

- 7) Ergina (nas espécies *Ipomoea violacea* e *Turbina corymbosa*, talvez nos Mistérios de Elêusis, na bebida *kykeón*)
- 8) Cogumelos psilocíbrios
- 9) Ayahuasca, Iboga, Kawa

Fonte: **Historia General de las Drogas**. Antonio Escohotado. Barcelona: Espasa, 2020.

Para as experiências de Alteração do Estado de Consciência, o grupo 2 de Lewin (PHANTASTICA) e o grupo 3 de Escohotado (VISÃO) são aquelas substâncias que dão os melhores resultados. Há quem afirme que as substâncias desses grupos não causam dependência química³³, contrariamente aos demais grupos. O que seja o fenômeno da dependência está detalhado no Catálogo Internacional das Doenças. Os critérios da CID-10 para Dependência de Substâncias consideram que o diagnóstico deve ser feito se três ou mais dos seguintes elementos são experienciados ou manifestados durante o ano anterior:

1. Um desejo forte ou senso de compulsão para consumir a substância (Fissura).
2. Dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância em termos de início, término ou níveis de consumo.
3. Estado de abstinência fisiológica, quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado por: síndrome de abstinência característica para a substância, ou o uso da mesma substância (ou de uma intimamente relacionada) com a intenção de aliviar ou evitar os sintomas de abstinência.
4. Evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas.
5. Abandono progressivo de prazeres alternativos em favor do uso da substância psicoativa: aumento da quantidade de tempo necessário para obter ou tomar a substância ou recuperar-se de seus efeitos.
6. Persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de consequências manifestamente nocivas, tais como dano ao fígado por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos consequentes a períodos de consumo excessivo.

³³ “O consumo [dos psicodélicos] **não parece** produzir dependência química, o que não impede que produza prejuízos reais”, Daniel Cordeiro, Psiquiatra. “Apesar de atualmente ser claro que usuários de maconha podem apresentar uma síndrome de abstinência e dependência da droga, sabe-se que **nem todo usuário** tende a desenvolvê-la”, Zuardi *et alii*, Psiquiatra.



Fabricio Possebon tocando uma árvore de Jurema Preta. Das cascas e raízes se faz um enteógeno

Para concluir esse tema, reproduzimos um texto breve já publicado³⁴, para ampliar a compreensão da psicodelia, na dimensão temporal e espacial.

KIKEÓN, SOMA, AYAHUASCA

É bem conhecido o fato de os animais conhecerem por instinto a propriedade terapêutica de inúmeros vegetais. Ao adoecerem, eles sabem procurar a planta curativa para o seu mal específico e ingere-a na quantidade precisa para o seu restabelecimento. Igualmente motivadas, aves de rapina colhem ramos que

³⁴ Apresentação da obra **Ayahuasca: Gestando e Parindo**. Mariana Pereira Gonsalves. João Pessoa: Libellus, 2017, p. 11-19.

produzem aromas indesejáveis para certos insetos, de modo a higienizarem seus ninhos. Não deve ter sido diferente para o primitivo hominídeo, valendo-se também do seu instinto protetor.

Um fato misterioso entra no curso da história humana que é quando este primitivo começa a usar a sua habilidade mental. Distanciando-se da fonte instintiva, passa ele, de modo empírico, a experimentar a natureza, expandindo seu cabedal de saberes. Se foi assim mesmo que o processo se deu talvez nunca o saberemos. O que de concreto temos, já em épocas recentes da escrita, são os registros das antigas civilizações sobre o uso das plantas, nos mais variados nuances da vida social, e evidências arqueológicas encontradas sobretudo nos enterramentos.

Nestas antigas culturas aparece com grande destaque o uso medicinal das plantas. Não nos parece possível distinguir este uso terapêutico, em sentido estreito, de qualquer uso no contexto do sagrado, porque as sociedades tradicionais parecem não diferenciar de modo significativo uma coisa da outra. Um mau-olhado é tão concreto para eles quanto uma dor de dente, ainda que a moderna ciência médica possa não o reconhecer.

Sobressai, sem dúvida, entre as diversas possibilidades de manipulação dos vegetais, a forma líquida como uma bebida a ser absorvida pela via oral. Aqui nos interessa pôr em evidência a bebida de poder, capaz de curar inúmeros males, de toda ordem, mas sobretudo de facultar o acesso ao mundo do sagrado, da divindade e dos antepassados que já partiram.

Toda cultura tem a sua bebida mágica e, supomos, aquelas bebidas que hoje são tidas como sociais, como a cerveja e o vinho, se pudéssemos conhecer sua origem não seriam diferentes, com uso controlado entre os xamãs e os feiticeiros. O fenômeno da dessacralização, em nosso entendimento, retirou de muitas bebidas o seu estatuto de sagrado, dando-lhes uma dimensão puramente profana. Sirva de exemplo o vinho das missas como uma espécie de resistência à dessacralização.

Vejamos agora uma antiga bebida de poder em ação. Os gregos dos tempos homéricos, nos séculos IX-VIII a.C., conheciam uma bebida que podia ter seu uso potencializado com a inclusão de determinadas drogas. Estamos nos referindo ao *kykeón*: uma mistura de vinho de Pramnos, queijo de leite de cabra e farinha branca (conforme a fórmula dada na *Ilíada*, 11, v. 638 e seg.).

Uma passagem da *Odisseia*, ou seja, livro 10, 233 e seg., nos apresenta um episódio em que o *kykeón* se insere num contexto mágico. A feiticeira Circe acrescenta-lhe mel e algumas ervas, não nominadas, para provocar o encantamento dos marujos, transformando-os em porcos:

[Polita] os guiou e os acomodou em encostos e tronos.
Misturou queijo, farinha e pálido mel
com o vinho de Pramnos. Juntou nesta papa
drogas danosas, para esquecerem sua pátria.
Em seguida, lhes deu e eles a beberam, os tocou
com uma varinha e os prendeu em pocilgas.
E de porcos eles tinham cabeças, voz, pelos e corpo,
mas a inteligência deles permanecia como antes.

A curiosa passagem é desconcertante porque apresenta exatamente o contrário do efeito esperado das bebidas feitas com as plantas de poder. Normalmente, o indivíduo tem a sua consciência expandida, enquanto que na aparência ele permanece sempre o mesmo. Aqui os marujos têm seus corpos alterados, mas a sua inteligência, *noûs*, é a mesma, ou seja, eles continuam pensando como homens.

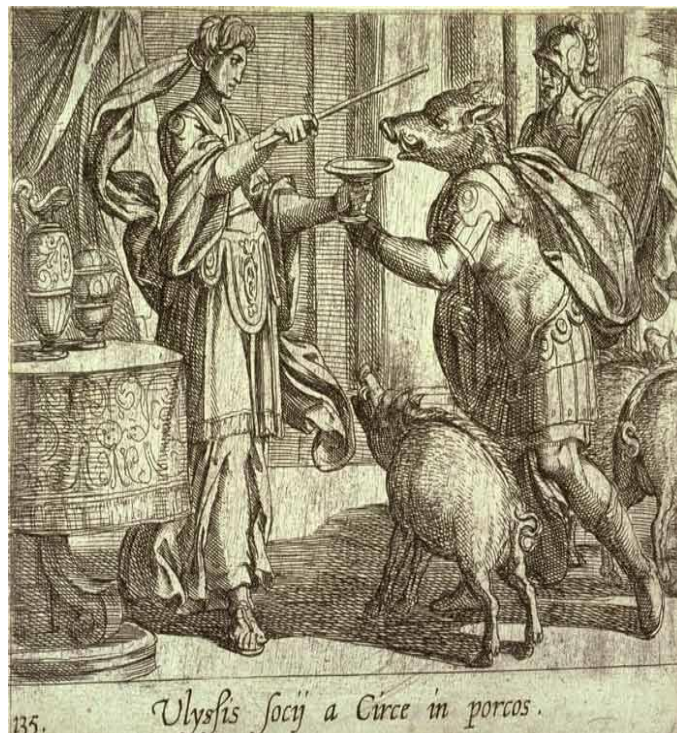


Ilustração de Antonio Tempesta (1555-1630), British Museum

Saltemos agora da Grécia arcaica para a Índia dos tempos védicos (2000 – 1000 a. C.). Lá encontraremos o Soma. É uma bebida sagrada e é também uma divindade, de fato, uma das mais importantes do *Rig-Veda* (A sabedoria das estrofes recitadas).

Em torno de uma arena sacrificial, posicionam-se diversos sacerdotes, os brâmanes, para a execução dos ritos: um recita o hinário, outro canta, outro manipula as oferendas, atirando-as ao fogo. Uma fogueira está então acesa (é o deus Agni), e os participantes ingerem o Soma. De igual importância neste contexto é o deus Indra, divindade celeste detentora do raio, *vajra*, irmão de Agni e bebedor do Soma, dito portanto *somapâ*. A força que Indra tem para derrotar seus inimigos advém do Soma.

Vejamos dois hinos para sentirmos a força da bebida de poder, na tradição indiana:

Rig-Veda, IX, 112: Soma

Diversos são os pensamentos e as vontades humanas;
o carpinteiro busca o que está quebrado; o médico, o fraturado;
o sacerdote busca o macerador. Para Indra, ó gota, circunflui. //1//

Com plantas secas, com plumas e com pedras,
o artesão, dia a dia, busca o rico em ouro.
Para Indra, ó gota, circunflui. //2//

Poeta sou eu; papai é médico; mamãe é moleira;
com pensamento vário, desejosos de bens, como vacas seguimos.
Para Indra, ó gota, circunflui. //3//

O cavalo de carga procura o leve carro;
os amantes, o gracejo; o pênis, as peludas ranhuras; a rã busca a água.
Para Indra, ó gota, circunflui. //4//

RIGVEDA, X, 119: Indra³⁵

Ocorreu-me de repente esta ideia: — Queria ganhar vacas ou cavalos, eu me disse.
Terei bebido soma? //1//
A bebida me levanta como um vento furioso, arrastando-me para cima.
Terei bebido soma? //2//
Como cavalos que arrastam um carro, as taças do soma que bebi me levam para cima.

³⁵ A tradução deste hino foi feita pelo Prof. Dr. Mario Ferreira, da Universidade de São Paulo. Foi extraído do material didático empregado em suas aulas, na sua disciplina Literatura Sânscrita Védica.

Terei bebido soma? //3//
Como uma vaca que muge, e se aproxima de suas ternas crias, o pensamento divino me invade.
Terei bebido soma? //4//
Como um carpinteiro, que lixa o assento do carro, dou bela forma a meus pensamentos.
Terei bebido soma? //5//
As cinco raças humanas não são dignas de que lhes lance sequer um olhar.
Terei bebido soma? //6//
Os dois mundos não valem a metade do que sou.
Terei bebido soma? //7//
Supero, em grandeza, tanto o céu como a imensa terra.
Terei bebido soma? //8//
Eia, eia, vou levantar a terra, por aqui e por ali.
Terei bebido soma? //9//
Vou dar grandes socos no dorso da terra, para a destruir.
Terei bebido soma? //10//
Uma de minhas metades está no céu, a outra está aqui embaixo.
Terei bebido soma? //11//
Sou imenso, enorme, eu toco as nuvens.
Terei bebido soma? //12//
Como uma casa forrada de alimento, levo as oferendas para os deuses.
Terei bebido soma? //13//

Nota-se então nestes fragmentos literários o poder criador da bebida mágica, transformando consciências e assim transformando o mundo. Não é conhecida a planta por meio da qual se fazia o Soma. Os registros antigos dizem que ela era macerada e depois purificada. Acrescentava-se leite se o Soma era oferecido a Mitra e Varuna, e mel se fosse para os Açvinas.

Por fim queremos apenas situar a ayahuasca das matas amazônicas neste grande contexto universal das religiões e práticas espirituais. *Grosso modo*, podemos dizer que, em todos os lugares e épocas, dos quais demos dois exemplos pontuais com o *kykeón* e o *soma*, faz-se uso de plantas de poder, quer pensando terapeuticamente numa enfermidade definida, quer pensando de modo holístico, no ser como um todo, portador de um elemento transcendente. Em nosso entendimento, profano e sagrado se fundem nas sociedades tradicionais.

Paralelamente à manutenção das práticas antigas, ainda conservadas por grupos indígenas mais ou menos isolados, vemos a explosão de novos movimentos religiosos, nos quais o uso da ayahuasca se destaca. Estamos nos referindo à União do Vegetal, Barquinha e Santo Daime. Saindo da floresta, a planta de poder adentra os espaços urbanos e produz incômodo no *status quo*. Diríamos numa linguagem simples, concluindo: chegou para ficar.



Amanita Muscaria, uma das plantas que se supõe ser a base do soma

REFERÊNCIAS

CUNLIFFE, Richard John. **A lexicon of the Homeric dialect**. Norman: University of Oklahoma Press, 1963.

FERREIRA, Mario; GNERRE, Maria Lucia Abaurre; POSSEBON, Fabricio. **Antologia Védica**. Edição bilíngue: sânscrito e português. João Pessoa: Libellus, 2016.

POSSEBON, Fabricio. **Rig-Veda. A sabedoria das Estrofes**. João Pessoa: Ideia / Editora da UFPB, 2006.

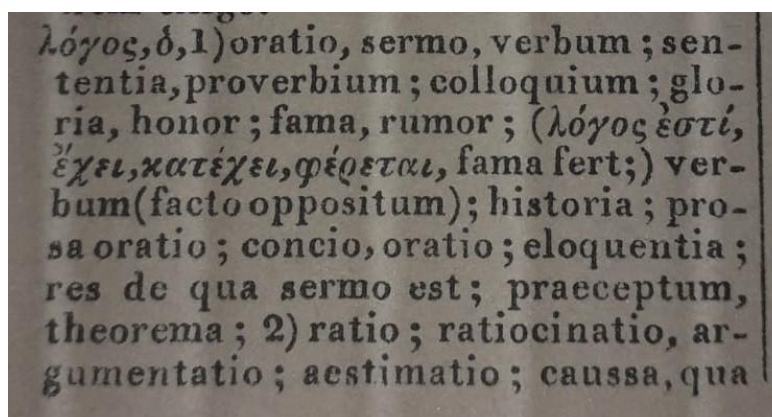
_____. **Tò Thaumastón: O Maravilhoso**. Introdução ao pensamento grego arcaico. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura / Editora da UFPB, 2008.

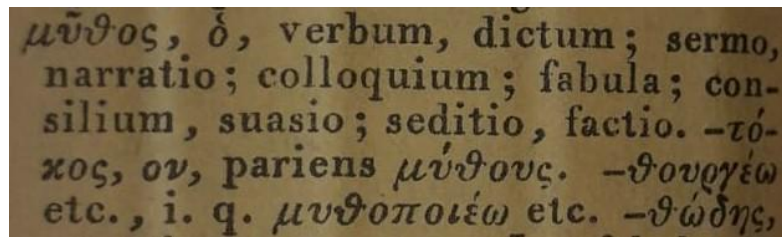
Existe uma via à transcendência pelo *lógos*?

Defendemos, nos itens anteriores, que a experiência transcendental é essencialmente uma experiência do universo das emoções e sentimentos, ou seja, do *páthos*. As práticas integrativas, na realidade brasileira, são oficialmente aceitas como recursos da prevenção e recuperação do estado de saúde, mas na medida em que cumprem essa função, tendo em seu arcabouço também a concepção do ser integral, elas igualmente são favorecedoras da busca pelo transcendente. Daí vem que elas dialogam harmoniosamente com a Educação Emocional, no sentido de equilibrar o ser. Estamos falando de um ser equilibrado fisicamente, emocionalmente, mentalmente e inclusive espiritualmente.

Trataremos agora do *lógos* e sua possibilidade de exercer uma função na busca pelo transcendente. Um das traduções do termo grego *lógos* feita pelos antigos latinos é pela palavra *ratio*, que significa razão, raciocínio, argumento, causa, preceito, etc. Nesse sentido, *lógos* designa as operações cognitivas, lógicas como: medir, pesar, comparar, julgar, analisar, deduzir, inferir, resumir, desenvolver, argumentar, etc. Isso significa que esse *lógos racional* é bem-vindo para a perfeita compreensão da experiência transcendente, mas não para a sua execução, que é vivencial, salvo talvez com relação àquelas pessoas que são pensadoras por natureza, ou desenvolveram fortemente essa aptidão. Nesse caso, o *lógos racional* é seu ponto forte, o elemento que pode desencadear mudanças comportamentais profundas.

Nos textos homéricos, isto é, os mais antigos da literatura grega, os termos *lógos* e *mythos* são intercambiáveis. Quando *lógos* quer dizer *mito*, os latinos traduziam por fábula, narrativa, dito.





Lexicon Graeco-Latinum Manuale. E. F. Leopold. Lipsiae: Sumptibus Succ. Ottonis Holtze, 1896.

NOSSO ENTENDIMENTO DE MITO

Entendemos mito, nas sociedades arcaicas, com a palavra revelada, sagrada, proferida pelas divindades, em um contexto epifânico. Em um dos nossos trabalhos³⁶, definimos

Assim, o mito é algo como um relato ou uma história sagrada que se diz ter ocorrido nos tempos primordiais, nos começos do universo, esse entendido como a realidade exclusiva de um dado povo. Assim, nesse tempo remoto, *in illo tempore*, os seres sobrenaturais teriam intervindo e, a partir dessa presença, estabeleceu-se o real, a existência, isto é, houve a criação. O mundo, então, é fundamentado no sagrado e todas as coisas podem ser explicadas por meio do elemento transcendental. A prova da veracidade do mito se encontra no próprio mundo, que está aí como testemunho, diante de todos. Não se trata, portanto, nessa concepção de sagrado, de estabelecer uma distinção entre narrativa falsa e verdadeira, o mito é sempre verdadeiro, não há outra explicação para os tempos primordiais. O mito, todavia, exige mais do que seu conhecimento, exige sua vivência. Se existe uma determinada data especial em que o mito é solenemente contado e alguns ritos são executados, isso não significa uma data comemorativa, no sentido moderno, mas sim uma data em que se repete o processo primordial, se recria o universo. A não realização do rito implica o risco da destruição, do caos. Evidentemente, essas narrativas simples, os mitos primordiais, associadas aos aspectos fundamentais da existência humana, portanto, mais suscetíveis da hierofania, vão se tornar, com o passar do tempo, mais complexas e os tais aspectos fundamentais vão sendo corporificados, como divindades de aparência e comportamento, que diríamos humanos ou antropomórficos. Assim, por exemplo, o *homo religiosus* que inicialmente fora tocado pelo encantamento do astro solar, crendo-o um deus, agora já o descreve como um jovem de grande beleza, com uma cabeleira radiante, percorrendo o céu com um carro puxado por quatro cavalos. Em síntese, os povos da Antiguidade viviam o sagrado de maneira plena, percebendo os aspectos importantes de sua existência como divindades, em outros termos, tinham uma visão sacralizada da vida. Em dadas circunstâncias (algumas vezes, provocadas pela ação de uma bebida sagrada ou uma planta alucinógena) e com determinados indivíduos (especialmente os

³⁶ Hero e Leandro de Museu. Edição bilíngue: grego e português. Fabricio Possebon *et alii*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 11-12.

sacerdotes, xamãs, iniciados), ocorreram hierofanias, estabelecendo uma comunicação entre os dois planos: o humano e o divino. Aquilo que o deus comunicou ao homem é o mito, ao qual foi respondido por um rito, conjunto de procedimentos que revelam a submissão ao sagrado. Para que o efeito positivo seja mantido e o malefício seja evitado, é necessária a repetição periódica do rito, no local e data sagrados, realizado por indivíduos especializados na arte do divino. Concluindo, a experiência do sagrado é tanto uma tradição recebida, quanto uma vivência que se pode ter a cada novo dia.

Com essa definição, podemos compreender o episódio epifânico do poeta Manuel Bandeira (1886-1968), que é emblemático na produção poética. Ele relata em sua autobiografia³⁷:

“A Última Canção do Beco” é o melhor poema para exemplificar como em minha poesia quase tudo resulta de um jogo de intuições. Não faço poesia quando quero e sim quando ela, poesia, quer. E ela quer às vezes em horas impossíveis: no meio da noite, ou quando estou em cima da hora para ir dar uma aula na Faculdade de Filosofia ou sair para um jantar de cerimônia ... “A Última Canção do Beco” nasceu num momento destes só que o jantar não era de cerimônia. Na véspera de me mudar da Rua Morais e Vale, às seis e tanto da tarde, tinha eu acabado de arrumar os meus troços e caíra exausto na cama. Exausto da arrumação e um pouco também da emoção de deixar aquele ambiente, onde vivera nove anos. De repente a emoção se ritmou em redondilhas, escrevi a primeira estrofe, mas era hora de vestir-me para sair, vesti-me com os versos surdindo na cabeça, descí à rua, no Beco das Carmelitas me lembrei de Raul de Leoni, e os versos vindo sempre, e eu com medo de esquecer-los, tomei um bonde saquei do bolso um pedaço de papel e um lápis, fui tomando as minhas notas numa estenografia improvisada, senão quando lá se quebrou a ponta do lápis, os versos não paravam ... Chegando ao meu destino, pedi um lápis e escrevi o que ainda guardava de cor ... De volta à casa, bati os versos na máquina e fiquei espantadíssimo ao verificar que o poema se compusera, à minha revelia, *em sete estrofes de sete versos de sete sílabas*.

A experiência epifânica ocorreu em 25 de março de 1942, segundo informou o poeta Bandeira, quando da publicação de seu poema. Analisando os elementos do episódio, temos que a divindade interpelante é a Poesia, elemento conceitual alçado à condição divina, isto é, adquirindo um concretude de manifestação. Interessa observar aqui o estado de consciência de Bandeira, que diz “exausto da arrumação e um pouco também da emoção de deixar aquele ambiente, onde vivera nove anos”. A mensagem da divindade Poesia é o poema “A Última Canção do Beco”, recebida intuitivamente, mas completa, verso a verso,

³⁷ *Itinerário de Pasárgada*. Manuel Bandeira. 1954, p. 92.

estrofe a estrofe. Não chega a ser uma psicografia. As intuições são basicamente subjetivas. Damos na sequência apenas a primeira estrofe, mas sugerimos que o leitor procure ler todo o poema:

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(Mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!

Manuel Bandeira é um homem moderno, não um membro de uma cultura arcaica e primitiva, todavia a manifestação artística, essencialmente emocional, parece ser a mesma, em toda parte e em todas as épocas. Esse é portanto o *lógos afetivo*, uma palavra revelada pela divindade, emocionada, verdadeira, autêntica, portadora de uma mensagem sagrada.

Do mesmo modo que o ritos, executados com perfeição, recriam e atualizam o rito original, que alguém executou respondendo ao apelo da divindade, firmando assim com ela uma aliança, igualmente, a leitura (ou escuta) do poema de Bandeira ergue a possibilidade de recriar em si mesmo tudo aquilo que o poeta recebeu da divindade Poesia, em outros termos, o leitor se emociona como o poeta se emocionou, e acolhe a mensagem, que o poeta recebeu.

O *lógos afetivo*, concluindo, é uma via à transcendência, porque envolve o leitor inteiramente, colocando-o em um estado sutil e elevado de consciência.

Em um dos nossos trabalhos mais recentes³⁸, ampliamos o entendimento de mito, para abranger não apenas as mensagens verbais, mas também as sensoriais. Assim dissemos:

Mito é a mensagem revelada por uma divindade a alguém que está em condições favoráveis para a recepção. Concretamente, é um texto (falado ou escrito, em prosa ou verso), ou um desenho, uma pintura, ou uma música, ou simplesmente uma ideia intuitiva, uma presença, um toque sutil, ou mais raramente um aroma ou um sabor, interpretados estes como fenômeno epifânico pelo interpelado. Todas estas recepções são normalmente particulares do indivíduo, portanto subjetivas, são vivências e experiências pessoais. O reconhecimento destas experiências em nível social depende muito da autoridade que o indivíduo ocupa em seu meio. Muitas vezes, o interpelado está num Estado Alterado de Consciência. Nesta definição, mito é sempre verdade, ou melhor, verdade revelada, para aquele que o recebe. E por rito é entendido o movimento corporal feito pelo interpelado, em resposta à mensagem revelada que recebe. Trata-se de uma

³⁸ **BIODANZA: jornada mítico-imagética.** Fabricio Possebon. João Pessoa: Libellus, 2022, p. 42-43.

dramatização, culturalmente localizada, mais ou menos sofisticada a depender da importância da mensagem, aprendida e passada entre as gerações. A eficácia do rito depende de sua precisão, envolvimento emocional e espiritual plenos. Já por divindade, entendemos qualquer elemento que se comunica, em dadas circunstâncias especiais. Não se pretende provar a existência das divindades, elas são aceitas funcionalmente, tudo se passa como se existissem. O elenco delas é imenso, igualmente são culturalmente definidas (por exemplo, orixás, no contexto das religiões de matriz africana; o espírito santo em contextos cristãos; o alienígena, no moderno mundo tecnológico; o deus interior, ou seja, o arquétipo, numa visão psicológica, etc.). O episódio da revelação da mensagem chama-se epifania, hierofania ou teofania, e estabelece o contexto do sagrado (lugar, tempo e muitas vezes um objeto envolvido).

Não aceitamos que um poema de grande qualidade possa ser produzido por um *lógos racional*, porque o elemento *páthos* (paixão, emoção, sentimento, afeto) precisa estar presente, é sua alma, por assim dizer. Poesia é arte, é emoção. O *lógos afetivo* é o *lógos* com *páthos*, ele nos emociona ao transmitir a sua mensagem.

O poema “Moisés e Siphorah” do prof. Francisco Valdomiro Lorenz, construído com leveza e beleza, encerra em seu arcabouço a grande mensagem do sábio Moisés. Não se trata de uma mensagem simples e direta, mas transmitida sob uma forma oculta e profunda. Para melhor compreender esse contexto, acrescentamos alguns fragmentos de textos do prof. Lorenz. Sua leitura é fundamental para aproveitar a mensagem do poema, que é essencialmente transcendente.

Moisés e Siphorah

Poema épico-ocultista

Francisco Valdomiro Lorenz

I PARTE

O Sonho de Termútis³⁹

Com um beijo que a sopita,
despediu-se o Sol da Terra;
de sonhos o ar regurgita,
e mil saudades encerra!
Pensa Termútis aflita
no esposo que está na guerra.

A folhagem verde treme,
por leve vento tocada;
a princesa triste geme
e suspira, visitada
pelas mágoas, cujo leme
em sua alma achou a entrada.

“Nem a áurea Vênus⁴⁰ mitiga
minha dor, minha ansiedade?!
Não vê meus olhos, que irriga
a mais amarga saudade,
desde que a força inimiga
o sagrado Egito invade?!”

Quantos mares já, Mavorte⁴¹,
bebeste de sangue quente,
votando ao suplício e morte
o covarde e o herói valente?!
Dos teus servos a coorte
não faz caso do inocente!

³⁹ *Termútis*, irmã do rei egípcio Ramsés II, e mãe de Moisés.

⁴⁰ *Vênus* é a formosa “estrela da tarde”, que se vê no Oeste logo depois do sol ter desaparecido no horizonte.

⁴¹ *Mavorte* ou *Marte*, gênio belicoso, designa aqui a guerra.

Zombas dos laços que ligam
o coração de quem ama;
não perguntas, se perigam,
queimados com tua chama;
queres que os povos prossigam
na rota que o Inferno trama!

Já três anos se sumiram
desde o momento abençoado
em que os deuses⁴² ah! me uniram
com meu Amra⁴³ idolatrado;
e trinta meses expiram
desde que têm-mo tirado!

De que me serve a nobreza,
se meu coração suspira
sempre em vão, e se sou presa
dum destino mau, cuja ira
esquece que sou princesa,
em que régio sangue gira?!

Eu sou filha de rainha,
meu esposo é homem nobre;
mas que triste é vida minha!
Mais feliz é esposa pobre,
ao consorte se acarinha
e o filho com beijos cobre!

Os meus ricos aposentos,
oh! que prisão tão pesada!
que fonte de sofrimentos!
Do marido separada
por esses deveres cruentos,
ai! como sou desgraçada!

⁴² Os antigos criam em muitos deuses, designando com esta palavra seres invisíveis no espaço que se relacionam mais um menos diretamente com a Humanidade. Modernamente chamam-se Arcanjos.

⁴³ Amra, esposo de Termútis, e pai de Moisés.

Todos os dias eu oro:
Volta-me, Ísis⁴⁴, meu marido!
Grande Osíris⁴⁵, eu te imploro,
pelo teu braço temido,
em que eu a Justiça adoro,
seja sempre protegido!

Já que ele, sem culpa, luta
defendendo a pátrio solo
contra injusta força bruta,
preserve-o de todo dolo
da inimiga gente astuta
teu escudo, bom Apolo!⁴⁶

Esta vez foi atendida
Termútis pelos celestes:
Um correio a toda a brida
vem, com palmas e ciprestes:
“Venceu na luta renhida
Amra forte, e volta prestes!”

Ouvindo a fausta mensagem,
Termútis com prece ardente
prostra-se grata ante a imagem
da Divina Mãe clemente
e, esperançosa e crente:

“Oh! Senhora dos Espaços!
Tu ouviste o meu gemido;
os teus bem-fazejos braços
protegeram meu marido
que, dos combates agraços,
volta vivo ao lar querido.

Pelo tão feliz sucesso
dou-te graças, jubilosa;

⁴⁴ Ísis, em egípcio *Issa*, a Divina Mãe, a Natureza personificada.

⁴⁵ *Osíris*, em egípcio *Uassar*, o Deus Supremo.

⁴⁶ *Apolo*, divinização do Sol, deus da sabedoria.

de adorar-te nunca cesso,
Protetora poderosa!
Mas inda um favor te peço:
Dá-me um filho, Mãe bondosa!

Se mo deres - que ventura! -
Juro que será votado
(a minha intenção é pura!)
ao teu serviço sagrado:
a sua vida e cultura
hão de ser de teu agrado”.

.....

Quando a noite progredia,
Termútis mais consolada,
sonolenta se sentia.
Mal tem tocado a almofada,
vem Morfeu⁴⁷, rei da Magia,
bate à porta e pede entrada.

O propósito seu ganho,
ante os olhos da princesa
desenvolve um quadro estranho,
obra de rara beleza:
Vê-se ela descendo ao banho
num rio sem profundeza.

Ao seu lado seis donzelas,
que lhe fazem companhia,
todas lindas como estrelas,
irradiam alegria,
elogiando as formas belas
de sua estatura esguia.

Todas sete se aspergiram
a testa, os lábios e o peito;

⁴⁷ Morfeu, deus do sono.

em seguida se imergiram
com gracejo e airoso jeito;
depois saltaram e riram
dos pulos que tinham feito.

Gozo inocente e sublime
acha a mocidade, quando
nada o coração oprime!...
Mas nisso calam pasmando
e olham: um berço de vime
pelo rio vem nadando!

Termútis vê que deitado
no berço está um menino
e que dorme descuidado.
Mas já acorda o pequenino,
por fresca vaga roçado
do líquido cristalino.

Inesquecível instante,
em que com doce ternura
encontrou-se o olhar do infante
co' o da sua mãe futura⁴⁸!
Oh! que olhar tão penetrante,
cheio de doce candura!

Sem saber como foi posto
nos seus braços, a princesa
beija o menino no rosto,
e com maternal simpleza
sente o coração disposto
a dar-lhe amor e defesa.

Contra o seio seu o aperta:
“Ó meu filho, meu tesouro!”
Lhe sorri - e se desperta.

⁴⁸ Termútis vê o espírito que se encarnará e vem a ser seu filho. As águas onde estava banhando-se eram as correntes do fluido astral, no qual a alma se acha sempre durante o sono do corpo. As seis companheiras são os seis princípios que acompanham o Espírito, que é o sétimo.

“Hórus⁴⁹, deus com raios d’ouro”,
diz Termútis, “fico certa
que me deste um bom agouro!”

Assim foi. Pois no outro dia
abraçou ao fiel esposo,
transbordando de alegria;
e num ano - mui ditoso,
o filhinho lhe sorria,
um forte rapaz formoso.

⁴⁹ *Hórus*, filho de Osíris e Ísis, era representado em forma duma criança; é a personificação do Sol nascente.

II PARTE

A Morte de Amra

Não gabeis a Sorte instável!
De nós todos ela zomba.
Se te deu um admirável
palácio, logo to arromba;
quem tem um trono invejável,
facilmente dele tomba.

O sorriso da Fortuna
dura apenas um momento
e, como a areia da duna⁵⁰,
move-se ao sopro do vento;
se um capricho a importuna,
transforma-o em sofrimento.

Sua roda sempre gira,
sem parar por um minuto;
dá um bem, e logo o tira;
e, como um rei absoluto,
não tem teu desejo em mira,
quando festa traz ou luto.

Desconfia à sua capa
como a caixa de Pandora!⁵¹
Nem a filha régia escapa
às artes da má senhora,
que dá golpes à socapa
no louco mortal que a adora!

⁵⁰ Dunas são colinas arenosas ao longo do mar.

⁵¹ *Pandora*, virgem formosíssima, recebera de Júpiter uma caixa fechada, que nunca devia ser aberta, porque nela estavam encerrados todos os males que podiam afligir a humanidade. Epimeteu (a personificação da curiosidade), a quem Pandora tinha entregado a caixa para guardá-la, abriu-a, e no mesmo instante escaparam dela todos os males e espalharam-se pela terra, para atormentar os homens.

Resolveu a deusa cega⁵²
realizar a sua muda.
Do castelo se sonega,
aonde veio Doença aguda,
e com esta a Morte chega,
a magra ceifeira ossuda.

E logo à sua chegada
despejou a sua sanha:
de Amra a vida foi cortada
pela terrível gadanha ...
Termútis desconsolada
num mar de pranto se banha.

Oh! se as lágrimas pudessem
ressuscitar a quem se ama!
Se seus lábios respondessem
à dor que queimando clama!
E se as carnes revivessem,
quando o corpo se embalsama!

Se um milagre tal se desse!
Mas a Morte não escuta
nem o pranto nem a prece
dos pobres mortais que enluta!
Nenhum pedido enternece
a sua mão resoluta ...

Termútis é separada
do esposo por toda a vida.
A alma dele foi julgada
por Osíris e absolvida,
e numa esfera elevada
com os justos é unida.

Cumpre-se a Lei do Destino,
que nos liga e nos separa,

⁵² Deusa cega - a sorte.

conforme o Plano Divino ...
Sufocando a dor amara,
a viúva fita o menino
que sorrindo a mãe encara.

E ela exclama, pensativa:
“Oh! meu filho, meu tesouro.
A sorte de mim se esquiva;
mas o amor imorredouro,
ao olhar-te, em mim aviva
um prazer que é vivedouro.

Hosarsiph⁵³, meu filho caro,
tu, meu sol, meu paraíso!
O que é o ouro para o avaro,
é para mim teu sorriso!
Tu serás o meu amparo
e meu amor indiviso.

Dos teus olhos o lampejo
me encobre um novo mundo;
cheios de enigmas os vejo,
como de água o mar profundo
que bálsamo bem-fazejo
dá-me teu sorrir jucundo!

Hei de viver, meu filhinho,
para criar e educar-te;
meu amor és tu sozinho,
da minha vida baluarte!
Tu terás, eu o adivinho,
o Saber por estandarte.

Antes de teres nascido,
já votei-te a Deus e ao Templo,
para seres instruído
pelas Leis e pelo Exemplo.

⁵³ O primeiro nome de Moisés era Hosarsiph.

Ri, sorri, filho querido,
se eu chorando te contemplo!”



Moisés com as tábuas das leis (Giuseppe Diotti, 1779-1846)

III PARTE

A Meninice de Hosarsiph

Desenvolve-se a plantinha
com orvalho, luz, quentura;
como cresce a criancinha
entre os prantos, a brandura
e as esperanças que aninha
na alma e materna ternura.

Muitas vezes lacrimeja
Termútis, fitando o infante.
Com as lágrimas despeja
da alma o peso sufocante,
quando o coração lateja
ao sopro da dor constante.

Sob a sábia curadia⁵⁴,
sob o materno desvelo,
Hosarsiph de dia em dia
desenvolve o corpo belo,
onde reside a Energia,
que na frente pôs-lhe o selo.

Os seus olhos penetrantes -
mesmo ao rir, como são sérios!
Parece que são amantes
dos mais profundos mistérios,
porque a todos os instantes
sondam espaços sidéreos.

Dos deuses a mensageira,
a Luz, procuram e miram.
A palavra que primeira
os seus lábios proferiram,
foi surpresa verdadeira
para todos os que o ouviram.

⁵⁴ Nota dos autores. Curadia = atenção, cuidado, proteção.

E pra mãe foi grande gozo!
Era numa noite quente
que, avistando o majestoso
arco da Lua crescente
e observando-o mui curioso,
“Ísis!”⁵⁵ disse claramente.

“Oh! meu filho!” a mãe exclama,
beija-o e lágrimas sufoca.
“Pela Mãe Celeste clama
desde já tua alma, e invoca
sua santa Luz! Quem a ama,
seu Amor recebe em troca”.

.....

Apenas pôde o menino
dar o seu primeiro passo,
por um impulso divino
correu - e sem embaraço -
ao Templo, onde o som dum hino
fazia vibrar o espaço.

Desde então, dia por dia,
entre as sagradas colunas,
dos seus mestres recebia
muitas lições oportunas,
e gradualmente subia
nas mais sublimes das Gunas⁵⁶.

Os seus mestres admiravam
seu luminoso intelecto;
muito contentes notavam
seu caráter justo e reto,
e cada vez mais amavam
o discípulo discreto.

⁵⁵ Segundo a crença vulgar dos egípcios, a Lua era a morada de Ísis.

⁵⁶ *Gunas* - Qualidades. A mais sublime é a Sabedoria.

IV PARTE

Hosarsiph e Orfeu⁵⁷

Hosarsiph já de menino
se fizera adolescente.
Inscrevera-lhe o Destino
na fronte proeminente
o símbolo de genuíno
pensador independente.

Não gosta de vã conversa,
nem de profano tumulto.
Aos brinquedos tergiversa,
não lhe são cousa de vulto.
A sua alma toda imensa
vive no estudo e no culto.

O trabalho não o enerva;
pensa muito, pouco fala;
foge da loquaz caterva;
com riso jamais estala,
sério sempre se conserva,
os segredos não propala.

Para a mãe, que gozo suave,
quando o filho, já levita⁵⁸
seguia com passo grave
ao lado da Arca bendita,
ou quando, sem todo entrave,
lia difícil escrita!

Hosarsiph não é vaidoso,
mas é muito concentrado,
mostrando um ar misterioso;
as mais vezes acanhado,

⁵⁷ *Orfeu*, poeta grego, estudou junto com Moisés no Egito.

⁵⁸ *Levita*, pessoa consagrada ao serviço divino.

outras vezes corajoso,
mas sempre é bem comportado.

Tem um só por companheiro
digno de sua confiança:
É um jovem estrangeiro,
mui claro e de índole mansa,
em que o Espírito fagueiro
com a Ciência bem se entrança.

Ele fala em tom seguro,
sonoro com o dum preste.
Seu cabelo de ouro puro,
seus olhos de azul celeste:
Que contraste com o escuro,
matiz que Hosarsiph reveste!

“Caro Orfeu! estou aflito!”
disse um dia o silencioso
sobrinho do Rei do Egito.
“Um problema ponderoso
leva-me a alma num conflito,
que me rouba o meu repouso.

Neste Templo fui criado
desde os meus mais tenros anos.
Aqui me foi desvendado
o que se oculta aos profanos,
de medo que, revelado
o mistério, faça danos.

Sei que no ciclo presente
nosso vulgo é muito ignaro,
de juízo muito indolente.
Mas eu acho, amigo caro,
que convém que já se tente
de lhe dar um bom preparo.

Uma imensa Voz me brada:
Não te prestes à mentira,
que ao Eterno desagrada!
Para sempre longe atira
esse culto que degrada
a quem à Verdade aspira!

Quanto mais os homens rudos,
em lugar da Divindade
adoram ídolos mudos,
a Desordem mais invade
o país, e os mais sisudos
duvidam da Autoridade!

Por que ocultar o lume
da Verdade santa às massas?
Por que dar por Voz do Nume⁵⁹
mitos, fábulas, trapaças?
Do Saber o bom perfume
mesclar com podres fumaças?!”

- “Avalio”, torna o amigo,
“o teu nobre pensamento;
bem que discorde contigo
nalgum ponto; pois sustento
que corre um grande perigo
quem quebra o juramento⁶⁰.”

Caro Hosarsiph, eu opino
que os nossos corpos docentes
deveriam dar ensino
em muitos graus diferentes,
segundo a moral e o tino
de cada um dos pretendentes.

Amo tudo que é humano,
mas não julgo que convenha

⁵⁹ *Nume* - Divindade.

⁶⁰ Os iniciados nos Mistérios haviam de jurar que não comunicariam aos profanos os ensinamentos secretos.

levantar o véu do Arcano⁶¹
a qualquer curiosa senha;
pois sei que o ideal do profano
só pelo seu “Eu” se empenha.

Suprimindo o Simbolismo,
e não havendo Segredo,
fortificas o Egoísmo
e, do que eu tenho mais medo,
abres as fauces do Abismo
em que o mundo cai bem cedo.

Para a mau, que diferença
entre o Paraíso e o Inferno?
Ele não discute a crença
se o Ser é ou não eterno;
nem esforço faz que vença
o seu tentador interno”.

- “Meu caro”, Hosarsiph objeta,
“A interna Voz me persuade
que um dia um forte profeta,
servindo à Humanidade,
nos dirá o que decreta
a santo Voz da Verdade.

- Deus é um, e é invencível, -
a Razão nos assegura;
como, pois, pode a seu nível
pôr-se alguma criatura?
Como expressar o indizível
por meio duma figura?!”

Tais ideias tormentavam
muitas vezes o levita
e nunca mais se apagavam.
Quanto mais ele medita,

⁶¹ *Arcano* - segredo.

mais fundo na alma se cravam,
bramando na mente aflita:

“Observa bem, bem estuda
tudo que te ensina a ciência;
mas pede a Deus que te acuda
sua Pura Refulgência;
Ele não quer que se iluda
com mitos nossa Consciência”.

V PARTE

Morte de Termútis

Hosarsiph entre os Hebreus

Hosarsiph em estatura
tem crescido, e já ostenta
traços da idade madura.
Mas com seus anos aumenta
também a mental tortura
da alma, do Saber sedenta.

O hierofante⁶² não restringe
as asas desse intelecto,
cujo voo o céu atinge,
e cujo espírito reto
lê os enigmas da Esfinge,
vendo o sentido secreto.

Ninguém, porém, lhe responde
quando o pensador indaga:
por que a Verdade se esconde
em tanta fábula vaga
e em mitos obscuros, onde
a melhor parte se estraga?!

Só da Voz que fala na alma,
ouve o conselho que o anima:
“Paciente conserva a calma,
e sempre a Verdade estima!
Verás que ela leva a palma,
embora que o mundo a oprima”.

Apesar da Voz que ouvia,
dessa ideia, que o devora,
seu pensar não se desvia,

⁶² *Hierofante* - o iniciador nos grandes Mistérios.

nem a dúvida minora.
Porém, eis que adoece um dia
a velha mãe que ele adora.

Os problemas do intelecto
calam todos, quando chama
atenção amor e afeto.
Quando o coração exclama,
deixa a mente o seu objeto,
e o homem corre ao ente que ama ...

Trinta vezes já surgira
do abismo do tempo a data,
a cuja volta suspira
a viúva e em pranto desata,
lembrando que Amra seguira
os passos da morte ingrata.

E hoje com a data mesta
veio a visita temida:
A Ceifadora funesta
olha a princesa e a convida:
“Não lamentes, mas te apresta,
com Amra serás unida”.

Hosarsiph, com dor no peito,
observa o amado semblante
de Termútis, que no leito
jaz febril agonizante;
não produzem já efeito
os remédios neste instante.

Hosarsiph a mãe abraça,
beija-lhe a mão, comovido;
sob o peso da desgraça
chora o varão aguerrido.
E ela desta terra passa
para onde está seu marido ...

O seu corpo embalsamado
dorme no sepulcro régio;
seu espírito elevado
vai gozar o privilégio
que Osíris tem reservado
para o caráter egrégio ...

Seu irmão Ramsés Segundo,
inda reina vigoroso,
o mais forte rei do mundo,
rico, potente, glorioso;
mas vive meditabundo
no meio de todo o gozo.

Além de ter mau vizinho,
que hostilidades prepara,
sente ciúmes do sobrinho:
vê, se co'o filho o compara,
que a alva túnica de linho⁶³
nem sempre o mental aclara.

Menephtah⁶⁴, não tendo dotes
de filósofo, se entrega
ao dispor dos sacerdotes;
a ele não desassossega
a contradição dos motes:
tudo crê que o Templo alega.

Perde o rei a calma e o sono,
esforçando seu sentido
para garantir-lhe o trono
contra os planos do partido
que parece muito prono
ao homem mais instruído.

Ponderando seu direito,
muito tempo o rei medita

⁶³ Os egípcios da classe mais alta vestiam alvas túnicas de linho.

⁶⁴ Menephtah, filho de Ramsés II.

e, para inibir com jeito
esse plano que se agita,
dos escribas o prefeito⁶⁵
faz o temido levita.

É o mais elevado posto
na escala da hierarquia;
proporciona nobre gosto
a quem pelo Bem vigia,
e a quem resolve, disposto,
problemas de alta valia.

Exige uma ciência vasta,
ao progresso erige esteios;
no programa seu engasta
da pública ordem os meios;
mas ao mesmo tempo afasta
da Corte e dos seus enleios.

Viaja Hosarsiph em pessoa
pelos nomos⁶⁶ e inspeciona
todos os bens da coroa
e o trabalho em cada zona;
ao povo as leis apregoa,
e a todos justiça abona.

Desse número das raças
que seu olho viu, da hebreia
mais lhe agradaram as massas,
por viverem para a Ideia⁶⁷
que as sustenta nas desgraças,
resistindo à força alheia.

⁶⁵ O cargo de prefeito dos escribas era o posto mais elevado para os sábios e eruditos, mas era totalmente alheio à política.

⁶⁶ *Nomos* - províncias.

⁶⁷ Essa ideia era a crença em um só Deus.

Esse povo que rejeita
os ídolos e os odia⁶⁸,
revolta-se onde suspeita
um sopro de tirania;
vive em comunas e aceita
só as leis da Sinarquia ...⁶⁹

Passando por entre oleiros,
viu Hosarsiph um soldado
batendo num dos obreiros,
que era um hebreu desarmado;
e, dando uns passos ligeiros,
exclamou, mui indignado:

“Não o firas, não o mates!
Por que esse duro castigo?!
Não admito que o maltrates,
se queres ser meu amigo!”
O outro grita: “Disparates!
Quem é que conta contigo?!”

E como furiosa fera
de novo ao hebreu agride
e sem piedade o verbera.
Vendo que a fúria progride,
Hosarsiph com mão severa
intromete-se na lide.

Tirando a espada ao soldado,
no braço forte a levanta
e dá-lhe um golpe pesado,
até que mesmo se espanta
vendo que ele cai cortado,
como sob a foice a planta.

⁶⁸ Nota dos autores: odia = odiava, trata-se de uma forma arcaica do verbo odiar.

⁶⁹ *Sinarquia* é o sistema político-social, onde todas as classes participam no governo, e onde o Saber é respeitado pelo Poder executivo.

Oh! ação irrefletida!
Como é mau o que fizeste!
Punindo, tiraste a vida!
Que é o que alcançar quiseste?!
Hosarsiph jamais te olvida:
pois no cárcere o puseste!

VI PARTE

Hosarsiph na prisão

Estende-se a noite escura
sobre a terra adormecida:
Hosarsiph na cama dura
da cela desguarnecida
se sentou, a alma em tortura,
pressentindo o fim da vida.

Seu coração se rebela
contra a morte que se avança ...
Pela grade da janela
seu olhar em vão se cansa;
não se vê nenhuma estrela
que lhe dê uma esperança.

“Karma⁷⁰ duro, sorte amara!
Desengano! dor aguda!
Força do Bem, que eu invocara,
não me veio dar ajuda!
Osíris me desampara,
Ísis conserva-se muda!

Ai! tendo-me consagrado
a servir o Ser Divino,
caí em seu desagrado,
desviando o meu destino:
socorri um maltratado,
e tornei-me um assassino!

Não quis matar o soldado,
mas a mão caiu tão forte
que o deixou inanimado ...
Condena-me, negra sorte!

⁷⁰ *Karma* é a Lei de “causa e efeito”, que determina a sorte dos humanos.

Eu me curvo, resignado:
Se matei, mereço a morte.

Se, porém, fui o instrumento
que Tu, ó Deus, empregaste
e com esse golpe cruento
a violência castigaste:
reconhece o puro intento,
e Nêmesis⁷¹ não se agaste!”

Hosarsiph assim falando,
sente os membros invadidos
por um sopro ardente e brando;
os nervos estremecidos
vibram e vão-se afrouxando ...
e adormecem-lhe os sentidos.

Uma forte luz o acorda:
Diante de si vê⁷² milhares
de pessoas - estranha horda
marchando, ao som de cantares,
num país à cuja borda
vê-se desertos e mares.

Que homem é que vai à frente
dessa caterva esquisita?
Oh! que figura imponente
que guia, comanda, excita,
de sua força consciente?!
Hosarsiph na face o fita ...

E *a si mesmo* reconhece,
bem que um tanto envelhecido.
A visão desaparece,
percebendo o seu ouvido
clara voz que do Alto desce:
“Viverás, ó ser querido!”

⁷¹ Nêmesis, deusa que castiga o crime.

⁷² Vê, numa visão profética, a sua missão futura.

Hosarsiph, recuperando
os sentidos seus murmura:
“O que vi, foi um nefando
jogo dum força impura,
que de mim está zombando
num acesso de loucura?

Ou será da Luz Divina
um bom presságio abençoado?
Foi verdade? Minha sina?
Vi um quadro do passado,
ou vi atrás da cortina
do futuro aproximado?

É possível que me evada
deste cárcere, e que um dia,
depois dessa culpa expiada,
venha a ser um chefe, um guia
da nação, predestinada
a implantar a Sinarquia?!

Não tenho esposa até ‘gora;
a mulher nada me liga:
De quem foi essa sonora
voz, tão firme e tão amiga,
que parece que memora
uma conhecida antiga?!”

Embrenhando em conjecturas,
Hosarsiph nem percebia
que abriam as fechaduras,
até que a seu lado via
três mascaradas figuras,
uma das quais lhe dizia:

“Mereces pena severa,
porque de sangue manchaste
a mão, em que Hermes pusera

os sagrados ramos e a haste
do saber e a vida vera,
e os quais assim profanaste!

Morte paga-se com morte.
Mas, porque agiste em auxílio
dum fraco contra um mais forte,
decide o Sacro Concílio,
dando jus ao nobre porte:
Viverás, mas em exílio!”

VII PARTE

Hosarsiph no templo Madiano

No país dos Madianitas,
faixa verde que se estende
desde o mar dos Elamitas
e ao deserto ao Norte pende,
onde o povo dos Semitas
contra o Egito se defende:

Vê-se um templo majestoso,
cujo umbral, estando aberto
sempre ao povo religioso
dos campos e do deserto,
aos cansados dá repouso
e oferece asilo certo.

Lá se adora a Divindade
no mais elevado aspecto:
o da absoluta Unidade,
acima de forma e afeto;
culto puro, que dissuade
de todo ídolo concreto!

.....

Já se imerge o Sol no Oceano,
extingue-se a luz do dia.
O sacerdote madiano
Jetro, do Templo o vigia,
ao Criador soberano
dirige uma prece pia.

Ia expirando já a hora
dessas práticas sagradas:
Nisto à porta, lá de fora,
são batidas três pancadas,

depois sete, e com demora
outras doze, bem marcadas.

Bate assim um iniciado.
Jetro vai abrir, e à porta
vê um egípcio ajoelhado
que, em voz que o cansaço corta,
diz: “Prostrou-me o adverso fado,
mas inda a fé me suporta.

De Deus a Graça é sublime
e como o Sol resplandece;
dos pecados nos redime
dá perdão a quem merece,
ou faz com que expie o crime;
boas obras não esquece.

Em Seu Nome, pois, te peço,
ó servo de Deus piedoso,
nesta casa dá-me o ingresso ...
E, se me achas criminoso,
faz-me ir, o réu confesso,
ao Êrebo⁷³ tenebroso.

Hosarsiph é quem te fala”.
Assim havendo concluído,
o ádvena egípcio se cala.
Diz-lhe Jetro, comovido:
“Levanta-te, e entra na sala;
o asilo te é concedido”.

À estendida mão contente
Hosarsiph uniu a sua.
Ambos entram, e o clemente
sacerdote continua:
Por veste de penitente
trocarás a roupa tua.

⁷³ Êrebo - a esfera astral inferior, o purgatório.

Tens água no lavatório:
lava-te, e o corpo recreia;
entra depois no oratório,
se por Deus tua alma anseia;
dali vem ao refeitório,
onde servirão a ceia”.

Hosarsiph a si entregue,
faz as abluções do rito
e, mudada a roupa, segue
firme ao altar do Infinito,
para que a Deus se conchegue
o seu coração contrito.

Abre a porta da capela,
mas detém-se logo e para;
pois com uma jovem bela
nesse santuário depara,
sentada à mesa singela,
que, como em êxtase, o encara.

A jovem se levantando,
diz ao homem surpreendido,
com acento claro e brando:
“Viverás, ó ser querido!”
Em seguida se assentando,
deixa-o muito confundido.

Da voz clara o timbre afável
no ádvena evoca a lembrança
dessa visão memorável
que lhe influiu a esperança
quando, preso e inconsolável,
da morte aguardava a lança.

Cai aos joelhos, graças rende
a Deus bom e compassivo,
que esperança nova acende

no coração redivivo,
e cujo favor suspende
o golpe do fado esquivo.



Viagem de Moisés ao Egito (Perugino, c. 1482), Siphorah está vestida de azul

VIII PARTE

Siphorah

Já três noites e três dias
Hosarsiph no templo passa,
apreciando as simpatias
com que lhe fala e o abraça
Jetro, de Alehim⁷⁴ vigia,
homem de etiópica raça.

“Entre estes povos errantes”,
Jetro lhe diz, “eu conservo
da tradição dos Atlantes⁷⁵
e dos Negros um acervo;
o Saber dos hierofantes;
do Único Deus sou o servo.

Se queres ficar comigo,
longe do humano tumulto,
meu irmão será e amigo;
e, aceitando o nosso culto,
o mais puro e o mais antigo,
nada te será oculto.

Para expiares o teu crime,
porém, provas três te aguardam.
Tua fé não desanime,
inda que em ti fogos ardam.
Os anjos do Mais Sublime,
se mereces, te resguardam.

Mas primeiro antes d’entrares
nas provas que se prescreve,
é mister que te prepares,
sabendo que quem se atreve

⁷⁴ *Alehim*, ou *Elohim*, o Ser dos Seres, a União coletiva das Forças criadoras; Deus, o Criador.

⁷⁵ *Atlantes*, nome da raça vermelha que ocupava o lugar do atual Oceano Atlântico. O seu continente, a Atlântida, submergiu-se, há dezenas de milhares de anos, em consequência dum grande cataclismo.

a transpor esses limiares,
puro e sábio achar se deve.

Para obteres bons efeitos,
ora, medita, analisa
tuas forças, teus defeitos;
o Bem em ti vigoriza.
Mais ensinosa e preceitos
ouvirás da profetiza⁷⁶.

Ei-la ali! vem do Santuário,
onde ora, medita e estuda,
em recolhimento diário.
Siphorah, vem cá, saúda
este homem; é necessário
que o teu gênio bom lhe acuda”.

A donzela sem demora
cumprimenta ao penitente
com branda voz e sonora:
“Sê bem-vindo! Deus potente
dê-te força e luz, e na hora
das provas, Ele te alente!”

Hosarsiph, ouvindo a afável
palavra, a si dirigida,
pensa: “Oh! esta voz amável
me parece conhecida!
Na visão inolvidável
já por mim foi percebida!

Esta profetiza linda,
- não há dúvida, - é aquela
que notei à minha vinda,
quando entrei nessa capela!
Certo estou agora que inda
não morreu a minha estrela!”

⁷⁶ As profetizas dos templos antigos eram clarividentes e clariaudientes.

E em voz alta lhe agradece.
Jetro diz: “É filha minha.
As leis divinas conhece,
Siphorah - minha Avezinha!⁷⁷
Guia os crentes e esclarece,
pois lê no Astral⁷⁸ e adivinha.

Nas horas que eu determino,
tu, Hosarsiph, a procura
para receber o ensino
que em tua missão futura
traga-te auxílio divino,
dê-te vitória segura”.

Depois desta frase dita,
Jetro da sala se ausenta.
A donzela madianita
sobre um banco ali se senta
e a face do egípcio fita
com olhar que muito o alenta.

“Nós dois conhecidos somos”,
diz-lhe, “já de muitas vidas.
Dum só tipo gêmeos gomos,
as nossas almas, crescidas
em dois bem distantes nomos,
nunca foram disjungidas.

Se pudesses, como eu posso,
ler nos eternos arquivos⁷⁹,
verias o que te esboço,
nesses quadros fugitivos,

⁷⁷ *Siphorah*, em hebraico, significa “avezinha”.

⁷⁸ *Astral*: com este nome se designam todos os seres e substâncias que não pertencem nem ao plano físico, aliás material, nem aos planos divinos, puramente espirituais.

⁷⁹ *Arquivos akáshicos*. Na substância supra-etérea são guardadas as impressões de todos os acontecimentos, como na chapa do gramofone se guardam os sons musicais. Quem sabe “ler” nestes arquivos etéreos, conhece o passado e compreende o “porque” dos acontecimentos.

olhando o passado nosso,
do nosso encontro os motivos.

Anos há que eu te procuro,
da minha alma caro amigo!
Vi-te, há meses, num escuro
cárcere, em grande perigo;
vi também o teu futuro,
vi que viverei contigo”.

Cheio de grata ternura,
o homem egípcio ajoelhado
beija-lhe a mão e murmura:
“Não lamento mais meu fado;
pois com tanta desventura
tanta sorte tem me dado!”

IX PARTE

A primeira prova

Foram dadas três semanas
ao penitente, de prazo
para longe das profanas
turbas, amantes do atraso,
vencer as paixões humanas
e elevar-se sobre o Acaso⁸⁰.

Concentrando os pensamentos
sobre a Fonte de Energia,
depurando os sentimentos
do egoísmo e vilania,
cheio de nobres intentos
ora, jejua e confia.

Sente a calma da consciência,
Siphorah lhe influi coragem:
A sua sagrada ciência
preserva-o da astral voragem⁸¹;
do bom êxito a vidência
da jovem da clara imagem.

Findo a prazo, Jetro chama
o penitente a uma mesa
e declara: “Se Deus te ama,
não te deixa sem defesa
quando Tífon⁸² te reclama,
para seres sua presa.

Eis dois copos, cada um cheio
duma certa beberagem:
Num há poção de recreio,

⁸⁰ O Acaso existe só para os que desconhecem as forças superiores em si e na Natureza. O hermetista vence ou corrige o chamado Acaso pela força de sua Vontade, apoiada no saber e na Prática do Bem.

⁸¹ Perigosas correntes astrais.

⁸² *Tífon*, o gênio do mal e da morte.

no outro uma mortal potagem.
Vê que saias deste enleio:
Escolhe um copo! Coragem!

Conserva o ânimo sereno,
confia em Deus, e sê forte!
Se beberes o veneno,
perdes o carnal suporte,
mas terás no astral terreno
abrandada tua sorte”.

Hosarsiph com incerteza,
- sua fé com medo mista, -
olha os copos sobre a mesa
e pede a Deus que lhe assista.
Nisto no ar - oh! que surpresa!
uma leve mão avista.

Vê que essa mão misteriosa
não é de carne formada;
é de origem vaporosa!
Ela foi no ar projetada
por vontade poderosa
da profetiza abençoada!

Hosarsiph a reconhece,
essa bela mão benigna
que de novo o fortalece,
essa mão de beijos digna;
como do céu ela desce
e um dos copos lhe designa!

Ele o agarra, e o esvazia.
“Bem!” diz Jetro, dando palmas.
“Vejo que Deus te auxilia,
e que o teu destino acalmas.
Vai rezar, e n’outro dia
irás visitar as almas”.

X PARTE

A segunda prova

Veio o dia destinado
à segunda, séria prova:
O nosso egípcio exilado
suas orações renova,
e depois, hipnotizado,
é deitado numa cova.

Num sarcófago repousa
sua carnal envoltura,
como uma já morta cousa
dentro duma sepultura;
mas o seu espírito ousa
ir à astral esfera escura.⁸³

Sete noites, sete dias
deve ficar demorando
naquelas regiões sombrias,
sua vítima buscando,
com ardentes preces pias
o ódio dela mitigando.

Sua alma achará defesa
contra todo astral perigo?
Voltará da audaz empresa,
trazendo o perdão do imigo?
Ou lá permanece presa,
tendo o remorso consigo? ...

.....

Em si o viajor absorto,⁸⁴
já topou com o soldado
que no Egito tinha morto:

⁸³ Onde residem as almas ainda não purificadas.

⁸⁴ Viajando em astral.

um espírito obcecado,
furibundo, sem conforto,
de hediondas larvas⁸⁵ rodeado.

Notando o seu assassino,
o soldado não o escuta;
num ímpeto repentino
de violência força bruta
ferve o seu sangue tigrino,
e enceta uma horrível luta.

Sobre o ádvena se arremessa,
como um fero lobo ulula,
grave insulto lhe endereça
e, agarrando-o, o estrangula;
seu mau hálito se espessa,
e um inferno ali pulula!

Rubras chamas⁸⁶ já envolvem
Hosarsiph, ao qual parece
que o seu corpo astral dissolvem.
Nisto Siphorah aparece:
As figuras se resolvem⁸⁷,
a alma tigrina estremece.

Luz celeste sobre as faces,
a donzela fita a testa
do soldado, faz uns passes,
magnetizadora lesta, -
e ele, tomado de enlaces,
cai como domada besta.

Em seguida a profetiza
sopra sobre o homem caído.
Vê-se logo o que ela visa:

⁸⁵ Larvas, seres malfazejos do Astral, que têm formas diversas e às vezes muito repugnantes.

⁸⁶ Não se trata de fogo material, mas sim de chamas astrais.

⁸⁷ A substância astral condensa-se e dispersa-se muito facilmente, segundo a vontade, mais ou menos firme, do operador. Assim se formam e dissolvem as chamadas imagens astrais.

Num instante decorrido,
o contato desta brisa
expurgou o ar corrompido!

A jovem vê que conquista
o terreno, e já pressente
que seu triunfo não lhe dista
na luta pelo amado ente:
O soldado, abrindo a vista,
tem olhar já diferente.

Percebe um anjo a seu lado,
cuja aparição o amansa.
Já se sente transformado,
não cogita mais vingança,
“Só a alma que tem perdoado”,
o anjo diz, “perdão alcança”.

Hosarsiph aos pés se atira
do imigo e perdão lhe pede
do golpe com que o ferira.
E, vendo que o anjo intercede,
vence o soldado sua ira,
e ao pedido feito acede.

E desde aquele momento
sério, solene e abençoado,
emudeceu o tormento
que a ambos tinha dominado,
sempre de dores sedento,
com dor nenhuma apagado!

.....

Inda Hosarsiph mais d’um dia
demorou-se nas esferas
onde almas em agonia,
sofrendo penas severas,

gemiam que parecia
ser um inferno deveras.

Viu ali os assassinos
de próprio sangue banhados;
viu ali os libertinos
com corpos mutilados,
sem poderem os indinos⁸⁸
seus instintos ser saciados.

Viu os avaros sequiosos
tendo ouro, morrer à míngua;
os falsos e mentirosos
abrir a boca sem língua;
o corpo dos orgulhosos
coberto de chagas e íngua.

Viu como todo malvado
sofre o choque de retorno;
o rico desapiedado
perde os bens e todo o adorno;
o cruel se vê lançado
vivo num ardente forno.

Compreendeu que são os atos
que o homem na terra pratica,
essa Lei que dita os tratos
que o Juiz Eterno lhe aplica;
nos campos do tempo latos
toda ação se multiplica.

Compreendeu que nada morre,
nada se perde no mundo.
Quem em crimes não incorre,
tem um futuro jucundo;
e quem aos outros socorre,
não poderá ir ao fundo.

⁸⁸ Notas dos autores. Indino = indigno.

Hosarsiph esclarecido,
por sua vez esclarece
o soldado convertido,
para que ele nunca cesse
de dar à consciência ouvido,
preparando boa messe ...

.....

Findou-se o sétimo dia:
A sepultura é aberta,
onde em grave letargia,
aguardando a sorte incerta,
Hosarsiph o crime expia:
E ei-lo, que vivo desperta! ...

O bom Jetro o felicita
com prazer e com apreço.
Mas o homem que ressuscita,
pensa: “Se viver mereço,
profetiza madianita,
eu sei que a ti o agradeço”.

XI PARTE

A terceira prova

Sete dias em seguida
tem Hosarsiph que descanse,
reforce do corpo a vida,
abalada pelo trance,
antes que a prova progrida
e ele o seu grau realcance.

Findo o prazo, e presente
uma dúzia de iniciados
- em cujo meio a Vidente, -
por Jetro ali convocados,
este entrega ao penitente
um dos papiros sagrados.

E lhe diz: “Hermes ensina,
como todos bem sabemos,
em tudo natura trina:
pois, além do corpo temos
a alma e a parte divina,
que desenvolver devemos.

O corpo é dos elementos,
nos quais por fim se dissolve;
a Alma vive em sentimentos
e nas emoções se envolve;
e é na Luz dos Pensamentos
que o Imortal se desenvolve.

Hosarsiph, tu na primeira
prova salvaste a matéria;
e na outra, do inferno à beira,

venceste a aura deletéria;
dá, pois, a prova terceira;
deves ler na Luz Etérea⁸⁹.

Nesta prova não periga
já tua vida terrestre;
não há mais mão inimiga
que seu uso te sequestre.
Recupera a Luz antiga,
mostra que és um sábio Mestre!

Se em tua alma brilha clara
a Luz que de Deus emana,
este Grêmio te declara
um dos seus; mas se te dana
falsa luz da mente ignara,
voltas à turba profana.

Toma o papiro que trago.
Ele a Criação descreve,
porém num estilo vago.
Na Áurica Luz ler-se deve.
Se és um Mestre, se é um Mago,
a interpretá-lo te atreve!”

O egípcio lê. Sua mente
desenvolve o que resume
a minuta deficiente.
Do seu espírito o gume
procura a Ideia latente,
e invoca a Fonte do Lume:

“Razão Divina,
oh! ilumina
o meu olhar,
o qual procura

⁸⁹ Aor, Akasha, luz árica.

a tua altura
pra ali pousar!

Minha alma espera
nessa alta esfera
achar a Luz
que nos expenda
bem o que a lenda
obscura aduz.

Tua harmonia
dê melodia
ao ritmo meu;
o fato aclara,
que a mente ignara
não entendeu.

Ó Verbo Eterno,
Espir'to terno
de puro Amor!
Princípio vivo,
Poder ativo
e Criador:

Dirige a minha
língua, e alinha
sua expressão,
que, em canto sério
narre o mistério
da Criação”.

E a Luz Divina penetra
o servo do Sempiterno
que, qual Krishna em Kurukshetra,⁹⁰
aos ouvintes dá o interno
sentido de cada letra
num claro estilo moderno:

⁹⁰ *Krishna*, reputado pelos hindus como encarnação humana do Espírito Divino, expôs a *Arjuna*, em Kurukshetra, a doutrina esotérica. Veja-se “Bhagavad-Gita”.

Fala Hosarsiph:

A Criação do Mundo

O PRIMEIRO DIA

Quando a profunda Cósmica Noite
como véu soturno tudo cobria,
quando nem Sol, nem Terra, nem astros,
nem qualquer ser no Céu existia:

Deus era tudo, sendo em Si mesmo,
para Si mesmo o Ser suficiente,
e contemplava Suas Ideias,
Forças eternas da Única Mente.

Inda o pesado manto das Trevas
ígneas sobre o futuro pousava
naquele infundo caos disforme,
quando já o Éter nele vibrava.

Que uma corrente de ondas de força
eletrizantes já percorria:
isto era a ação do Espírito Santo,
causa motriz da Suma Energia.

Expressa Deus a Sua Vontade
pelo Seu Verbo nesta corrente
e o Seu intento o Espírito Santo
logo concebe e torna patente.

Disse o Divino Verbo: “Apareça
a sempiterna Essência da Vida,
Luz Imortal, dos mundos a base,
o seu princípio, fim e medida!”

Visto que Deus falando, já cria
tudo que Sua Voz pronuncia,

resplandeceu a Luz pelo Espaço:
Áurica Luz, vital Energia.

E apareceram Santos Arcanjos
como os primeiros seres e formas,
manifestando uma Ordem perfeita
nos pensamentos, atos e normas.

Enchem os Céus de suave harmonia,
executando os Planos Divinos,
sendo graciosos seus movimentos,
e suas vozes, júbilos e hinos.

Vendo os Arcanjos o Áurico Lume
resplandecente, o qual irradiava
sua perfeita, pura beleza
e que os confins das Trevas roçava:

Deliberaram porem limites
entre essa escura e mórbida esfera,
e entre a região da Luz resplendente,
com cujo sopro a vida se gera.

Polarizaram o eixo da vida,
pois, e com ele o dúplice meio,
com fins inversos, obra diversa,
donde a riqueza em formas proveio.

Pela unânime Voz dos Arcanjos,
em que o Verbo de Deus se exprimia,
deu-se às Trevas o nome de “Noite”,
e deu-se à Luz o nome de “Dia”.

É pois o Dia o símbolo vivo
da positiva força que cria
inteligências, belas imagens,
atividade, gozo, alegria;

Como no Noite lembra-se a morte,
o negativo lado dos mundos,
a destruição dos seres mutáveis,
e dos seus ais os mares profundos.

Era, pois, Dia, o *Dia Primeiro*,
como os Arcanjos bem o chamaram.
E no seu mundo sempre têm Dia,
porque *perpétua Luz* conservaram.

O SEGUNDO DIA

Do Éter vibrante o Oceano Infinito
foi concentrando as ondas mais puras
onde os Arcanjos têm construído
suas formosas arquiteturas.

Naquela esfera mui rarefeita
vê-se o domínio da Ordem Suprema,
dando todas as classes dos anjos
da Sinarquia o lúcido emblema:

Quanto às funções e graus de potência,
há variedade muito notável;
mas quanto ao sentimento e vontade,
há unidade sólida e estável.

Entre o lugar das ondas mais puras
do Éter polarizado e disperso,
e entre a matéria cheia de trevas
que pendiam ao lado reverso.

Um núcleo neutro foi construído,
o qual separa logicamente
as tenebrosas partes impuras
da alva região da Luz resplendente.

Acham-se nesta os tipos-modelos
que, na Divina Mente enraizados,

são as eternas puras essências
de todo o rol dos entes criados.

Por ser a parte celsa e sublime,
fonte vital dos mundos e seres,
chama-se “Céu” na língua dos anjos,
os quais dispõem de excelsos poderes.

Ao separar a Esfera Celeste
dessa região das ondas mescladas,
pela uniforme Voz dos Arcanjos
foram canções a Deus entoadas,

Cuja potente Mão amorosa
dava princípio a mundos extensos,
que deviam encher no futuro
os infinitos espaços imensos.

Tal foi do Mundo o *Dia Segundo*,
que *secundou* a ação do primeiro
e *duplicou* toda a áurica força,
polarizando o Cosmos inteiro.

O TERCEIRO DIA

Disse depois o Verbo: Dos fluidos
escolhamos os mais condensados,
para formar aquosa matéria;
e esta apresentará dois estados:

Forma gasosa seja a primeira,
e seja líquido o outro atributo.
A água conflua, mares formando,
como haverá também sítio enxuto.

Este terá o nome de “Terra”,
pois será o degrau derradeiro
na involuntária escala dos seres,
da evolução o passo primeiro.

Assim foi feita a santa Vontade
do Criador, e os Anjos notaram
desenvolver-se o plano divino,
e que era muito bom, declararam.

Não era ainda o físico mundo,
tudo existia só astralmente,
nessa sutil e leve substância,
em que toda alma livre se sente.

E continuou a Voz Criadora:
“Seja esta terra a madre fecunda
pra conceber em si a semente
vegetal que no Empíreo⁹¹ abunda.

Seja a primeira dessas espécies
erva com seiva, seu alimento;
venha depois a classe gramínea,
da simples grama até o frumento.

Venham por fim as árvores todas,
tragam as frutas, delas pendentes,
e os vegetantes todas possuam
inatas em si suas sementes”.

Obedecendo a Terra fecunda
à Divina Vontade potente,
abriu seu seio, e foi produzindo
os vegetais em ordem crescente.

Foi a primeira dessas espécies
erva com seiva, seu alimento;
veio depois a classe gramínea,
das simples grama até o frumento.

⁹¹ *Empíreo* - o céu.

Foram crescendo as árvores todas,
com suas frutas, dela pendentes,
e os vegetantes todos traziam
inatas em si suas sementes.

Vendo os Arcanjos esta grande obra
do poderoso Impulso Divino,
reconheceram que eram perfeitas
todas as formas, como o destino.

Tal foi do Mundo o *Dia Terceiro*,
em que da *Terra* as forças maternas
deram aos vegetais existência,
realizando Ideias eternas.

O QUARTO DIA

Disse em seguida o Verbo Divino:
“A esfera astral será guarnecida
de inexauríveis focos de lume,
sedes centrais dos fluidos da Vida!

Os Arquitetos dentre os Arcanjos
formem orbes de luz resplendentes,
os quais emitam pelo mar do Éter
a seu redor seus raios ardentes.

Polarizados sejam e móveis,
reproduzindo noites e dias,
multiplicando as formas de vida
todas em suas sétuplas vias.

Astrais reflexos sejam do Empíreo,
de sua glória, seus aparatos;
sejam sinais de cíclica marcha
da evolução dos seres e fatos”.

Assim foi feito; pois os Arcanjos
logo de astral substância formaram

dois luminosos globos enormes,
que na esfera do Céu colocaram.

O maior destes, que é positivo,
simboliza o Período diurno;
o outro, menos sendo, é negativo
e simboliza o Ciclo noturno.

E, como belos poemas celestes,
agrupamentos lindos de estrelas
foram criados, núcleos brilhantes,
sempre vígeis e fieis sentinelas.

E neste quadro o Sol representa
o glorioso, Divino Messias,
emitindo seus raios afáveis
por toda a parte, todos os dias.

Quando se some num hemisfério,
seu lugar toma a pálida Lua,
que, governando na noite, o reflete,
e a conservar a luz, continua.

Durante o dia dum Universo
pode-se ver o Sol da Verdade;
tudo percebe o reto caminho,
e cada um do seu bem se persuade.

Quando, porém, a noite se estende,
obscurecendo as vistas e a mente,
dá-nos a Lua, dão-nos os Astros
luz e esperança sempre vivente.

Por mais que sejam densas as trevas,
sempre as penetra Luz inexausta;
por mais que seja negro o horizonte,
nele se oculta a sorte mais fausta.

Vendo os Arcanjos como esse plano
era tão sábio e tão majestoso,
a executá-lo já se puseram
entre indizível júbilo e gozo.

Tal foi o *Quarto Dia* do Mundo:
Quadro admirável de Arte Celeste,
e encaixilhado em *quatro* horizontes,
e estes são: Norte, Sul, Leste e Oeste.

O QUINTO DIA

Ao continuarem a Obra do Verbo
seus angélicos, santos Agentes
fazem surgir nas águas, nos ares,
peixes e vermes, ave, serpentes:

De movimento todos dotados,
todos possuindo cinco sentidos,
para nos elementos etéreos
viverem, pelo Céu protegidos.

Abençoando o Divino Conselho
seus protótipos, todos perfeitos,
disse: “Vivei nos cinco elementos,⁹²
que são os vossos campos e leitos.

Saturai com as formas de vida
todas as ondas do Éter, dos ares;
frutificai a vida das águas,
vitalizando todos os mares.

Todos os ditos da Ordem Divina
em ato logo são traduzidos:
Assim no *Quinto Dia* surgiram
formas vitais de *cinco* sentidos.

⁹² Os 5 elementos são: éter, ar, fogo, água, terra; todos em essência astral, não física.

O SEXTO DIA

Novo degrau na escada dos seres
formou-se no período sexto,
quando o sopro do Espir'ito no fértil
seio da terra foi manifesto.

Então segundo as ordens do Verbo
foi impregnada a terra sidérea
de almas de vários seres quadrúpedes
com os corpos de origem etérea.

Em seguida, os Supremos Agentes
da Criativa Santa Energia,
reunidos num Angélico Conselho,
naquele grande Cósmico Dia:

Deliberaram darem um chefe
às multitudes dessas criaturas,
para reger as já existentes
e ter domínio sobre as futuras.

Disse a Assembleia Santa dos Anjos:
“Seja o Tipo do Gênero Humano
por nós criado neste período,
segundo o Eterno e Lógico Plano.

Seu imortal espírito vista
um corpo de substância radiante
astral-etérea, pura, sem mancha,
e ao nosso deve ser semelhante.

Ele que reine sobre os espíritos
de todos os degraus inferiores;
seja senhor de todo elemento,
e reine sobre os seus povoadores.

Seja a todos um guia paterno
no seu caminho ao alvo da vida;

seja espelho da Luz sempiterna,
que em seu espírito é refletida”.

Fez, pois, o angélico Arqui-Conselho
aparecer o Gênero Humano,
e foi Adão seu tipo-modelo,
rei sobre as terras todas e o oceano.

Fora formado como os Arcanjos,
em semelhança do Ente Divino;
um corpo unia dois animoides:⁹³
um masculino, e um feminino.

E abençoaram os seus Criadores
todos os órgãos do Homem perfeito,
vigorando-lhe as forças da mente
e promulgando-lhe este preceito:

“Frutificai e multiplicai-vos
pelos espaços todos da Terra,
e sede os reis de todos os seres
que seu reino vastíssimo encerra.

Para alimento Deus vos destina
saborosos grãos, ervas e frutos:
Esta comida dá-vos vigores
e vos conserva os bons atributos.

Também dos outros seres viventes
a nutrição será semelhante,
sendo encontrada em todas as classes
de vegetal e grão germinante ...

Vede a pureza deste brilhante
éter que forma o vosso Universo,
onde gozais de dita perfeita;
sabei, porém que existe um reverso:

⁹³ Átomos de alma.

Tudo que aqui é Luz e Harmonia,
lá se reflete em mesclas impuras;
numa parte de Luz e de Vida
há cem de morte e trevas escuras.

No vosso mundo reina a Inocência,
e é amorosa toda Justiça,
lá reina a Força Bruta, e com ela
ódio, egoísmo, cega cobiça.

Cuidado, Adão⁹⁴, que lá não mergulhes,
não te aproximes dessas esferas
que te apresentam muitos encantos,
sendo por dentro cheias de feras!

Fiel te conserva à Luz da Unidade,
seja teu reino sempre indiviso,
sempre animado de Aura Divina:
Adão, conserva o teu Paraíso”

Por mais bela que seja a aparência
de qualquer dessas frutas malditas
que crescem fora deste recinto;
seus sucos geram horas aflitas!

Se, obedecendo à Voz tentadora
do mundo material, dessa fruta,
apesar destas ordens, comeres,
pagará caro a tua conduta.

Seres humanos, deste domínio
de Éter tão puro logo lançados
ver-vos-íeis ao fundo do Caos
dos elementos muito pesados.

⁹⁴ Adão - Humanidade.

Onde teríeis corpos espessos,
à morte e muitos males sujeitos,
cegos à Luz e surdos aos Anjos:
Evitai esses tristes efeitos!

Obedecei à Lei Infalível,
reconhecei a Sua ternura,
que vos deu o imortal Paraíso
e vos prepara a Suma Ventura!

.....

Ai de ti, Homem! não conservaste
o dom de tua pura inocência;
teu Paraíso no Éter perdeste,
porque perdeste tua obediência!

Faze, porém, oh! faze os esforços
para outra vez poder merecê-lo!
Abre a tua alma ao Sol da Verdade,
que em ti derreta os erros e o gelo!

Reconhecendo a Senda Sublime,
une-te com os bons Peregrinos
que dum exílio longo regressam
à sua Pátria, aos mundos divinos.

Quebra os encantos desta ilusória
carne que tanto sobre ti pesa!
Tira-lhe o véu, e fixa teus olhos
nos bens eternos da Ordem ileza!

Ouve do Amor a Santa Harmonia!
Readquirindo da Alma a candura,
segue a Luz do Saber e Verdade,
e marcha ao Sumo Bem e Ventura!”

(Aqui termina o discurso de Hosarsiph).

.....

Em silêncio a Assembleia
ouviu a palavra clara
dessa Cósmica Epopeia,
a exposição fiel e rara
da Grande Divina Ideia,
de que o mundo se formara.

Satisfeitos se sentiram,
elogiaram seu conceito,
ao orador aplaudiram,
apertando-o contra o peito,
e em união lhe conferiram
o grau de “Mestre perfeito”.

“Hosarsiph tem merecido”,
disse Jetro, “que retome
o grau que tinha perdido;
e desde que o reassome⁹⁵,
salvo está e renascido:
Moisés⁹⁶, pois, será seu nome!”

⁹⁵ Nota dos autores. Reassome (forma arcaica) = reassume (assumir de novo).

⁹⁶ Moisés significa “salvo”.

XII PARTE

Moisés desposa Siphorah

Como Jetro lhe dissera,
encontrou Moisés no asilo
uma amizade sincera,
e pôde estudar aquilo
que sempre aos profanos era
inacessível sigilo.

Seu amigo, o hierofante
Jetro, do templo o vigia
e da tradição atlante,
notava com simpatia
como o zeloso estudante
o santo Saber sorvia.

Decorrendo vão dois anos
desde que Moisés obteve
a hospedagem dos madianos.
Já conhece o nome d' IEVE⁹⁷,
os seus mistérios e arcanos.
“Iod” é o ser, e as formas “E’ve”.

Não há Ser sem Atributo;
Iod com E’ve está unido.
Com forma dota o Absoluto
tudo que tem concebido.
Este divino estatuto
não pode ser transgredido.

Iod com E’ve num abraço
eterno criam os mundos
espalhados pelo espaço,
nos planos vitais rotundos;

⁹⁷ *Iéve*, soletrado: Iod-Hé-Vau-Hé, é o nome sacrossanto de Deus, o princípio de vida e amor, um dos mais misteriosos da teologia hebraica. A sua primeira letra *I*, ou *Iod*, corresponde ao Espírito Absoluto; E’ve, Hé-Vau-Hé, simboliza a Natureza Divina.

e em tudo se vê um traço
destes mistérios profundos.

“Há dois polos na Unidade”:
eis um outro grande Arcano.
Como o Bem com a Verdade
se unem no Celeste Plano,
a Razão com a Vontade
se unem no espírito humano.

Esta santa união persiste
indissolúvel no Eterno;
nesta união no Céu consiste
todo o matrimônio interno,
como o Mal unido existe
à Falsidade no Inferno ...

A Alma de Moisés se sente
por Divina Ordem unida
já com a alma da Vidente,
que lhe tem salvado a vida,
e cuja afeição patente
não pode ser desmentida.

O casto olhar da donzela,
suas palavras afáveis,
o saber da alma singela,
suas maneiras amáveis;
que tesouro se revela
nessas virtudes estáveis!

“Oh! como há de ser ditoso
a quem couber o direito
de chamar-se seu esposo
e de apertá-la a seu peito!”
- pensa Moisés - “e se eu ousar
pedi-la, serei aceito?”

Ela me ama, não duvido;
mas eu temo que se ofenda
o seu pai com meu pedido ...
Não tenho terras nem renda;
o que tive, está perdido;
apenas possuo uma tenda” ...

Muito tempo vacilando,
afinal Moisés se anima
e pede ao pai venerando
a mão da que ama e que estima.
Responde Jetro, o abençoado;
“A dúvida não te oprima!

Desde há muito já percebo
que o Céu assim determina.
Minha Siphorah, mancebo,
com amor a ti se inclina;
eu por genro te recebo
que Deus mesmo me destina”.

E chamando a filha amada,
ternamente os abençoa,
invoca a bênção sagrada
de sua cônjuge boa,
que ao Céu já foi transportada,
e à qual sua mente voa.

Satisfazendo o desejo
de sua filha querida,
prepara o nupcial festejo:
os bons amigos convida,
e das virgens o cortejo
para tão solene lida.

Descrever quem poderia
os encantos dessa festa?
Por toda parte a alegria
risonha se manifesta

e delícias irradia;
doces gozos tudo atesta.

De coroas adornado
o casal, num trono assente,
é de crianças rodeado,
cujo canto docemente
se liga com o hino, entoado
pelos músicos de frente.

Entra o bom Jetro, trazendo
um vaso com vinho puro,
e aos noivos o oferecendo,
diz-lhes: “Ao feliz futuro!
Eu de contente resplendo,
grandes glórias vos auguro!”

Os nubentes esvaziaram
esse vaso de esperança;
em seguida permutaram
ambos seus anéis de aliança,
e esposos se declararam
com amorosa confiança.

E viveram sempre unidos
pelos numerosos anos
que lhe foram concedidos,
sendo um exemplo aos madianos,
e modelos escolhidos
de veros casais humanos.

XIII PARTE

A missão de Moisés

Mui lento o tempo se escoia
no vasto mar do passado,
se uma tempestade zoa,
se nos oprime um cuidado!
Mas como rápido voa
ao sopro dum belo fado!

Para quem ventura goza,
corre o tempo tão ligeiro!
A sua asa milagrosa,
faz passar um lustro inteiro
de existência venturosa
como um dia prazenteiro!

O décimo ano se finda
já de amorosa ternura,
sem que um acidente cinda
a merecida ventura
de Moisés e sua linda
cônjuge, bondosa e pura.

O seu lar feliz radia
a aura da angélica esfera,
onde mútuo amor se cria.
A concórdia lá impera
com permanente harmonia
e amizade fiel, sincera.

Onde a Harmonia palpita,
forma com o Amor as bases
duma persistente dita.
Do Amor aumentando as fases,

Vênus⁹⁸, que o casal visita,
deu-lhes dois belos rapazes.

Crescem os filhos, e aumenta
com seu corpo da alma o lume.
Dos pais a instrução atenta
cuida que a mente se aprume,
dá-lhe o saber que a alimenta,
e lhe implanta o bom costume.

Enquanto aos filhos ensina
as regras da vida, sente
Moisés que Deus o destina
a ensinar a muita gente,
promulgar-lhe a Lei Divina,
Lei de Justiça Imanente⁹⁹ ...

Andou num dia de estio
ao pé do sagrado monte:
O seu pensamento pio
sorvia da Eterna Fonte;
o olhar, em longo desvio,
percorria o horizonte.

Nisso a atenção sua chama
uma vista surpreendente:
Envolvida em clara flama,
percebe uma sarça ardente
que raios de luz derrama,
sem se queimar entremente.

Admirando a rara cena,
vê Moisés que o fogo vivo
não é de origem terrena.

⁹⁸ *Vênus* - a deusa do amor.

⁹⁹ Karma.

Achega-se pensativo,
porém com mente serena,
e percebe um ente divo¹⁰⁰.

É dele que se despende
aquela aura luminosa
que pela sarça se estende
como chama prodigiosa.
O hermetista bem entende
a visão maravilhosa.

Dos Empíreos¹⁰¹ é um filho,
mandado à terra por Iéve.
Sua veste tem um brilho
mais alvo que pura neve.
Moisés, a quem tapa o trilho,
a fitá-lo não se atreve.

O anjo diz: “Iéve me envia
para firmarmos aliança
e para seres o guia
dos que n’Ele têm confiança,
vendo só na Sinarquia
do progresso a segurança.

Não vaciles, nada temas;
aceita a missão sagrada!
A Luz das Forças Supremas,
por tua alma assimilada,
solve os mais duros problemas,
no Invisível dá-te a entrada.

Os hebreus e os outros crentes
deverão sair do Egito
e tornar-se independentes;
apagar o falso rito

¹⁰⁰ Divo - Divino.

¹⁰¹ *Empíreo* - céu.

e impregnar as suas mentes
dos ensinamentos do Infinito.

Sei que é difícil e grave
a tarefa que te trago;
Lutarás com muito entrave,
com revoltas sendo pago;
mas do êxito tens a chave;
tua Vontade de Mago!

Não te assustem loucos brados,
nem os furores desfeitos!
Muitos são os chamados,
poucos porém os aceitos
para os graus mais elevados
no Conselho dos Eleitos.

Iéve quer que lhe prepares
um povo que represente
pelas formas seculares
essa Ordem que eternamente
pregam os Seus Avatares¹⁰²,
e que ao Bem Geral assente”.

Moisés humilde se inclina;
resoluto diz que aceita
as ordens da Voz Divina.
O anjo põe-lhe a mão direita
sobre a testa, e determina
como a Obra deve ser feita.

.....

Consagrou o Eleito a vida
à execução desse plano,
que lhe dera a Voz descida
do mundo super-humano:

¹⁰² Avatar - encarnação divina, Espírito Superior.

Salva a nação escolhida,
tirando-a do meio insano.

Com o apoio e com ajuda
do bom pai da profetiza,
e certo que Deus o escuda
no que as Suas Ordens visa,
a situação bem estuda
e o projeto realiza.

Quando o Egito entrou em guerra
contra os povos do Ocidente,
nos quais suas unhas ferra,
vem Moisés e põe-se à frente
duma multidão que encerra
cem miríadas de gente.

Do amparo divino certos,
passam pelo Mar Vermelho
e atravessam os desertos.
Muita vez ao guia velho
entristecem os libertos
que desprezam seu conselho.

O profano povo ingrato
desconhece o seu amigo,
das tentações ao aflato
dá no coração abrigo,
e até anela, insensato!
pelo cativo antigo!

A tarefa do profeta
é pesada e muito dura.
Mas a Mão de Deus secreta
sempre a sua mão segura,
e esta santa união direta
o salva em toda a aventura.

À voz de Moisés atentos,
os Poderes Superiores
trazem ao povo alimentos,
ferem seus perseguidores,
fornecem água aos sedentos,
curam-lhe as chagas e as dores.

Apesar que o povo via
tantos milagrosos feitos,
em descrença recaía,
esquecendo os seus efeitos,
a miúde, como esquecia
do Decálogo¹⁰³ os preceitos.

Dói a Moisés e o desgosta
esta ingratidão imensa,
e tão errada resposta
dada a uma Bondade extensa;
porém intrépido arrosta
com o desvario e ofensa.

Institui a Sinarquia,
que é da Justiça o governo,
no qual o Saber chefia,
baseado no Amor paterno,
e onde sobre o Bem vigia
sempre a Lei do Sempiterno.

O claro olho do vidente
penetrando no futuro,
percebe que no presente,
tão fugaz e tão escuro,
não pode ver florescente
da Ordem o conceito puro.

Sente que apenas semeia
numa terra que precisa

¹⁰³ Decálogo - os dez mandamentos divinos.

séculos, para que a Ideia
nasça e cresça pura e lisa,
visto que a atual mente hebreia
sua missão não divisa.

Mas o Eleito não ignora
que seu Ideal não declina,
não morre pela demora:
nas almas sábias germina,
e, quando vem a sua hora,
desabrocha a flor divina.

XIV PARTE

Conclusão

Lustros dez em companhia
da cōnjuge boa passa
dos hebreus o velho guia.
A ambos róí do tempo a traça
dos seus musc'los a energia,
mas o Amor não desenlaça.

Com a física mudança
não mudaram os afetos
em que a ventura descansa
nos seus mais belos aspectos,
e os quais aumenta a esperança
que dão os filhos diletos.

Não se apaga o fogo aceso
da fé que milagres obra.
O profeta tem-se teso,
mas a velhice se cobra,
e o seu corpo sob o peso
dos trabalhos já se dobra.

Toda vez quando um instante
oneroso o debilita,
tem conforto vigorante
na amizade da bendita
Siphorah que, sempre amante,
consola sua alma aflita.

Dos mortais, porém, é a sorte
que, embora vivam cem anos,
sucumbem um dia à morte,
que não conta com seus planos
e que deita com seu corte
os santos como os profanos.

Febre perigosa ataca
os filhos da profetiza:
A maligna não aplaca,
o seu fogo os martiriza,
dos corpos a força saca,
mortalmente a tez matiza.

Dia e noite a mãe bondosa
ao leito dos filhos vela,
e, apesar de ser morbosa,
com esforços seus debela
a enfermidade dolosa;
mas esta se vingará nela.

Dos filhos salvando a vida
desce a mãe à sepultura.
Quem será que se decida
a medir a mágoa dura
da família entristecida
pela lúgubre aventura?!

.....

O profeta viúvo sente
que o dia já não retarda
em que seu Ego¹⁰⁴ contente
deporá do corpo a farda
e entrará na Astral corrente,
onde Siphorah o aguarda.

Pela sexta vez é cheio
o farol do céu noturno,
quando vê Moisés que veio
falar-lhe um anjo soturno,
e declara sem receio:
“Agora, sei, é meu turno.

¹⁰⁴ Ego - o “Eu”, é o Espírito individual do homem.

Mensageiro de Caronte¹⁰⁵,
pronto estou, não temo nada”.
- O Anjo então o põe num monte,
mostra-lhe a terra anelada
que resplende no horizonte,
pelo Sol iluminada.

“Eis a terra prometida”,
o Anjo diz, aos teus sequazes
na presente térrea vida.
Tu, porém, que te desfazes
da matéria corrompida,
não procuras bens fugazes.

Ouve, pois, meu vaticínio:
A tua Pátria é mais bela,
é do Espírito o domínio,
onde o Eterno Sol revela
brilho maior que o apolíneo¹⁰⁶,
e cada alma é uma estrela.

Lá encontras a quem amas,
para viverdes unidos
pelo Amor, com cujas chamas
os bons Anjos são nutridos
e que em melodiosas gamas
alegra e encanta os ouvidos.

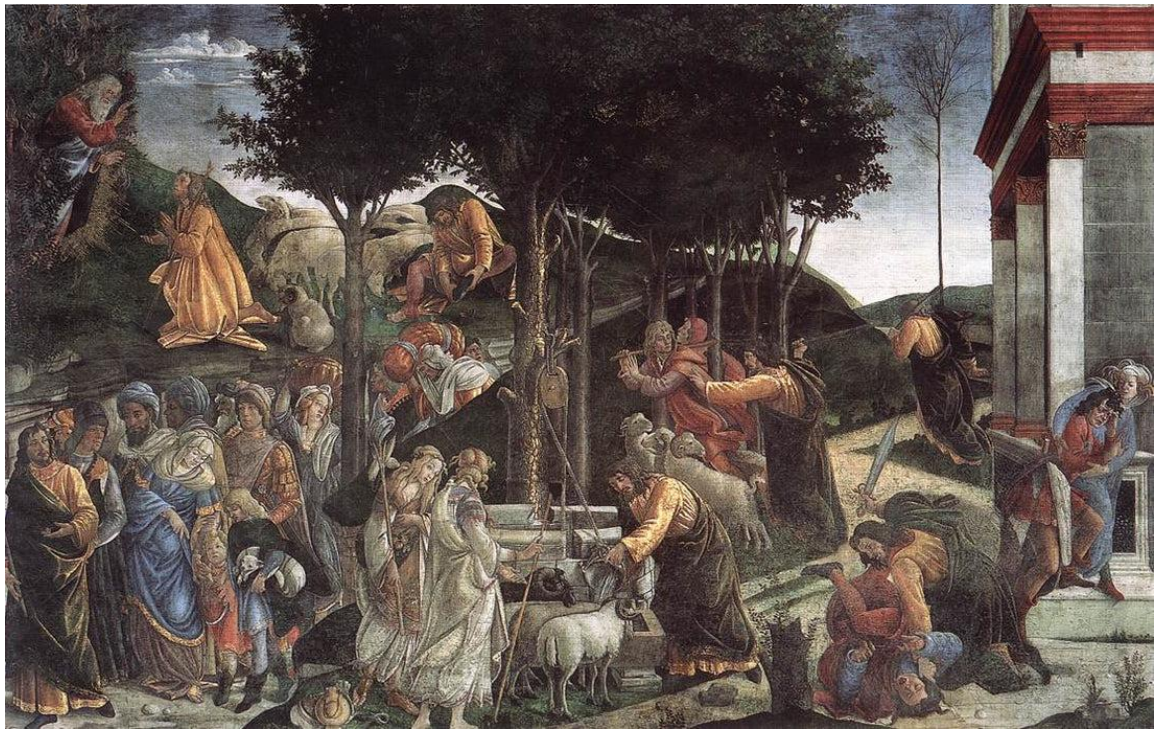
Lá verás realizada
tua Ideia plenamente.
Lá o Mal não tem entrada,
e no Bem ninguém dissente.
Vamos, pois. Eu sei a entrada,
que conduz ali o crente”.

¹⁰⁵ *Caronte*, na mitologia antiga, é o nome do piloto que governa a barca em que vão as almas através das negras águas que separam a via da morte.

¹⁰⁶ *Apolíneo* - do Sol físico.

Sua mão ao Anjo entregue,
o profeta sobe e mira ...
Sobe mais, embora ofegue ...
Vê que à porta de safira
o aguarda a esposa ... Prossegue,
corre a seus braços ... e expira ...

FIM



As provas de Moisés, de Sandro Botticelli

ANEXOS

QUE É O OCULTISMO¹⁰⁷

Francisco Valdomiro Lorenz

Não pense o benévolo leitor que o Ocultismo queira ocultar alguma verdade ou algum saber; pelo contrário, como todos os estudos, também o Ocultismo trata de expor à luz da Razão as suas doutrinas, tendendo a torná-las cada vez mais conhecidas. Por que, pois, esse nome? Porque trata dos conhecimentos que estão *naturalmente ocultos*, isto é, ocultos para quem não se dá ao trabalho de estudá-los por meio dum método apropriado, porém que deixam de ser ocultos para quem conseguiu compreendê-los. Assim como os mineiros procuram os minerais ocultos na mina, para estes serem “desocultados” e aproveitados na vida industrial, os ocultistas extraem dos domínios “ocultos” da Natureza e da alma os valiosos conhecimentos e poderes, que podem ser utilizados na vida do corpo, no desenvolvimento da alma e no progresso da sociedade humana.

O Ocultismo, no verdadeiro significado da palavra, é a ciência que estuda os mistérios da Natureza e o desenvolvimento dos poderes “psíquicos”, isto é, poderes latentes na alma humana. Esta ciência ocupa-se das coisas que estão fora da percepção dos sentidos físicos e dos fenômenos e fatos que as Ciências Oficiais ignoram ou não podem explicar. Alguns conhecimentos que anteriormente pertenciam ao domínio do Ocultismo passaram, nos últimos decênios, ao plano das Ciências Oficiais, como, por exemplo, o hipnotismo.

Alguns autores do campo antiocultista consideram as doutrinas ocultistas como imaginárias; mas, longe disso ser verdade, essas doutrinas são muito reais, e as respectivas forças são perigosas nas mãos de quem não faz delas o uso devido.

Convém distinguir três espécies de Ocultismo: prático, filosófico e esotérico.

O Ocultismo prático compreende o magnetismo, o hipnotismo, a sugestão, a psicurgia (comunicação com as almas desencarnadas), a alquimia, a astrologia, a cartomancia, a quiromancia (ou quirosófia), a fisionomia, a grafologia, a magia.

O Ocultismo filosófico trata de moral, sociologia, metafísica e teologia.

O Ocultismo esotérico trata de penetrar no mais íntimo de todas as ciências, crenças e pesquisas.

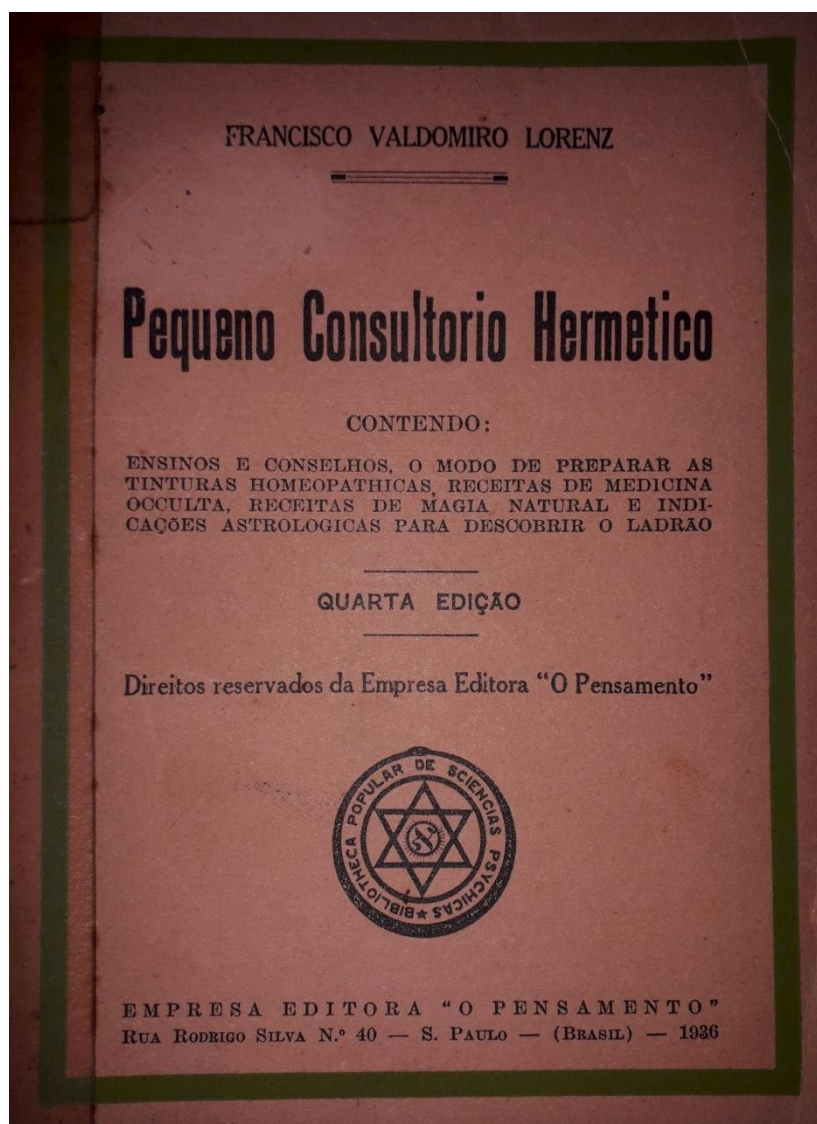
[...]

O Ocultismo ensina o conhecimento das forças e influências secretas das coisas da Natureza, em qualquer dos seus Reinos; ocupa-se com o estudo dos mundos suprafísicos, isto é, dos mundos que estão acima do mundo físico, que se serve apenas dos sentidos do corpo denso.

O Ocultismo revela ao estudante a Natureza tal como é na realidade, e não tal como se costuma julgá-la pelas aparências; ele, além de estudar os fenômenos físicos,

¹⁰⁷ Capítulo extraído de **Lições Práticas de Ocultismo Utilitário**. São Paulo: Ed. Prof. F.V. Lorenz, 1991, p. 7-8.

procura as suas causas, desconhecidas ao simples estudo material; e, enquanto a ciência materialista conhece só as aparências e formas, o Ocultismo considera a *Vida* que se manifesta por essas formas.



A primeira edição do Pequeno Consultório Hermético é de 1919

CABALA - A TRADIÇÃO ESOTÉRICA DO OCIDENTE¹⁰⁸

Francisco Valdomiro Lorenz

Cabala¹⁰⁹ é a tradição oculta ou esotérica dos Hebreus. Conforme afirmam os rabinos, Enoque a ensinou ao patriarca Abraão¹¹⁰ e este a transmitiu oralmente a seus filhos e netos. Os livros fundamentais em que se acha exposta são os livros de Moisés (*Sepher Mosheh*, o Pentateuco).

O grande libertador dos israelitas, que tinha penetrado no Santuário do Egito e fora iniciado nos Mistérios, escreveu os seus livros em estilo simbólico, servindo-se da língua egípcia. Esta língua, porém, que havia chegado ao mais alto grau de perfeição, não pôde conservar-se em sua pureza nas mãos de um povo grosseiro, que passava a vida nômade nos desertos da Idumeia.

Moisés o sabia e, por isso, prevendo a sorte que aguardava o seu livro e as falsas interpretações que se lhe iam dar no decorrer dos tempos, confiou as chaves da sua obra a homens seguros, cuja fidelidade tinha sido comprovada, dando-lhes de viva voz os esclarecimentos necessários para a compreensão da Lei (Torá).

Os discípulos de Moisés confiaram esses ensinamentos secretos a outros homens que, transmitindo-os, por sua vez, de geração em geração, fizeram com que chegassem à posteridade mais longínqua. Esta doutrina esotérica, que os rabinos afirmam se conservou pura até nossos dias, é a CABALA.

Na época em que vivia Moisés, o templo de Tebas (capital do reino) continha os arquivos sacerdotais da extinta raça vermelha ou atlântica e os da Igreja de Ram, cuja sede era na Índia.

Moisés foi iniciado em todas essas ciências; e, além disso, colheu os mistérios mais puros da raça negra no templo de Jetro, que foi o último sobrevivente dos hierofantes desta raça. Assim, a tradição oral que o célebre legislador deixou aos setenta eleitos continha os pontos essenciais de todas as tradições ocultas que haviam aparecido no globo terrestre.

É admitido pelos ocultistas que os livros de Moisés foram escritos em caracteres Vattam, e que, mais tarde (no século VI antes de Cristo), Esdras os substituiu pelos caracteres hebraicos quadrados, em que os achamos escritos atualmente.

¹⁰⁸ **Noções Elementares de Cabala: a tradição esotérica do Ocidente.** São Paulo: Pensamento, 2010, p.11-17. Primeira edição: 1912.

¹⁰⁹ Esta palavra, que provém do verbo hebraico *Kabôl* = transmitir, também se escreve *Qabbalah*.

¹¹⁰ O mito de Abraão indica, como demonstrou St. Yves d'Alveydre, a passagem da tradição hindu ou oriental ao Ocidente, *Abraão* = *Ab-Ram*, o pai *Ram*, ou talvez *Brahman*.

Moisés entregou a Josué as chaves da tradição oral; mas não foi nas mãos da tribo sacerdotal de Levi que se conservaram, mas sim nas comunidades leigas de profetas e videntes, das quais a mais notável foi a seita dos Essênios.

Para conservar-se inalterado o texto dos Livros Sagrados, eram os seus leitores e copiadores obrigados a observar certas regras fixas sobre a maneira de ler e escrever, as quais constituíam uma parte da tradição — e chamavam-se *Massorah*.

Os livros de Moisés eram lidos publicamente ao povo, todos os sábados, na sinagoga; os comentários que se lhes fazia eram, a princípio, orais, porém mais tarde foram escritos, e assim se formou uma literatura escolástica, conhecida sob o nome de Talmude, que consta de quatro partes:

- 1) *Mishnah*, ou Tradição primitiva de Moisés e dos grandes profetas, tratando das sementes, das festas, do matrimônio, dos processos, das oferendas sagradas e das purificações.
- 2) *Ghemarah*, um verdadeiro compêndio de jurisprudência.
- 3) *Midrashim* e *Targumim*, comentários e paráfrases.
- 4) *Thosiphthah*, suplementos.

Assim como a *Massorah* forma o corpo da Tradição, tratando de tudo o que se refere à parte material da Bíblia, o Talmude representa a vida, por ser o seu objetivo a jurisprudência, os costumes, as cerimônias e as relações sociais.

A Cabala ou Doutrina Secreta, porém, é a alma ou o espírito da Tradição; é a sua parte religiosa e filosófica.

DIVISÃO DA CABALA

O ensinamento tradicional na Antiguidade era trino; isto é, ao mesmo tempo histórico, moral e místico, de maneira que as Escrituras Sagradas contêm um triplo sentido, a saber: o literal, histórico (*pashut*), que corresponde ao corpo e ao átrio do Templo; o moral (*derush*), que se dirige à alma e pertence ao Lugar Santo do Templo; e o místico (*sod*), que representa o Espírito e o Santíssimo.

Começando com Esdras, a interpretação dos textos sagrados tornou-se quádrupla, porque entre o sentido literal e o moral incluía-se o sentido alegórico (*remmez*).

O sentido místico encontra-se na Cabala, que se divide em teórica e prática.

I — CABALA TEÓRICA

Esta parte contém as tradições patriarcais sobre o santo mistério da Divindade; sobre a criação espiritual e a queda dos anjos; sobre a origem dos caos e da matéria, e sobre a renovação do mundo nos sete dias da criação; sobre a criação do homem visível,

sua queda e os caminhos divinos que conduzem à sua reintegração. Em outras palavras, a Cabala teórica trata:

- 1) da obra da criação — (*Maasseh Bereshit*).
- 2) da Essência Divina e seus modos de manifestação, a que os cabalistas dão o nome de Carro Celeste (*Merkabah*).

A obra da criação é descrita no *Sepher Ietsirah* (Livro da Formação), que explica a formação de todos os entes e de todas as coisas, e trata dos 32 Caminhos da Sabedoria e das 50 Portas da Inteligência.

A descrição do "Carro Celeste" é contida no *Sepher-ha-Zohar* ou Livro do Esplendor, que trata dos atributos da Divindade (as dez *Sephiroth*), dos quatro mundos, do bem e do mal, da alma humana e da salvação final.

Este livro foi escrito por Simeão ben Jochai, por ordem vinda de cima, quando a tradição oral não podia mais perpetuar-se no meio da dispersão do povo israelita.

Os cabalistas cristãos ajuntam a estas duas obras principais (*Sepher Ietsirah* e *Zohar*) ainda o Apocalipse de S. João, que desvenda as realizações da Ciência no campo do Amor e da Caridade.

Todas as três, porém, têm por base a Cosmogonia de Moisés (*Sepher Bereshit* ou Gênese).

II — CABALA PRÁTICA

A parte prática ou mágica da Cabala ainda é pouco conhecida, porque se conserva secreta, sendo apenas indicada em alguns raros manuscritos, conhecidos sob o nome de Clavículas de Salomão.

A Cabala prática explica o sentido espiritual da Lei, prescreve o modo de purificação que assimila a alma à Divindade e ensina a meditação sobre os símbolos e nomes sagrados, como o meio de agir nas esferas visível e invisível. Para este fim, estuda a semântica das letras hebraicas, trata de várias transposições de letras que constituem palavras e das operações teosóficas de adição e redução dos números correspondentes às letras.

A obra mais importante que serve de chave a estas operações é o Tarô, livro hieroglífico e numeral, que consta de 22 folhas e que os Boêmios nômades possuem ainda hoje. O Taro é o pai de todos os nossos jogos de cartas; as cartas espanholas conservam os principais signos do Taro primitivo.

Os Tarôs mais antigos eram medalhas, das quais mais tarde se fizeram talismãs.

As Clavículas de Salomão compõem-se de 36 talismãs com 72 figuras análogas do Tarô.

RELIGIÃO DOS EGÍPCIOS¹¹¹

Francisco Valdomiro Lorenz

No sistema religioso dos antigos egípcios temos de distinguir entre a religião do povo e a dos sacerdotes. Esta era monoteísta, mas a religião popular era politeísta.

Os sacerdotes adoravam um só Deus, do qual tinham ideias espiritualistas, mas revelavam esta verdade só aos Iniciados, aptos para compreendê-la. A respeito do Deus único e verdadeiro, lê-se nos livros sagrados dos antigos egípcios: “As nossas mãos não podem tocá-lo. Tudo que existe está em seu seio”.

Como o povo não era capaz de compreender tal concepção abstrata, era necessário dar-lhe uma imagem simbólica, e os antigos sacerdotes egípcios escolheram para tal fim o Sol. A base de sua doutrina secreta era que “Deus manifesta-se pelo Sol”. O Sol era, pois, a figura de manifestação divina, o corpo de Deus. Em um dos papiros está dito: “Deus se esconde na pupila do astro-rei e irradia por seu olho luminoso”.

A Divindade assim figurada chamou-se *Amon-Rá*. O Sol exprimia o movimento eterno pela sua aurora e seu ocaso. E conforme as várias fases do drama solar, a Divindade recebia vários nomes.

Quando o Sol estava inclinando-se para o Ocidente, tinha o nome de *Rá*; quando entrava no crepúsculo da noite, chama-se *Tum*, ou *Atum*; o Sol invisível era *Osíris*; e, quando renascia no Oriente, era simbolizado por um menino-deus, com o nome de *Hórus*.

A mitologia apresentava *Osíris* (em egípcio *Uassar*) como o deus supremo, filho de *Seb* (Saturno), manifestado pelo fogo celeste, e de *Nuit*, matéria primordial do espaço infinito. E dizia-se que *Osíris* tomou forma humana e foi o primeiro rei do Egito; era casado com a sua irmã *Ísis*, a mãe de todos os seres e personificação da Natureza e da Vida. Ambos viviam em feliz matrimônio. *Osíris* civilizou o seu povo, purificando-lhe os costumes, e ensinando-lhe a plantar trigo e vinha; e *Ísis*, dona duma sabedoria extraordinária, ensinou o povo a moer o trigo, fazer o pão e a tecer.

A *Osíris* e *Ísis* correspondiam, no mundo subterrâneo, *Set* (aliás *Tifão*), deus do deserto, e *Hator*, deusa da magia.

Narra a lenda mitológica que *Osíris*, como rei do Egito, empreendeu uma longínqua viagem, com o fim de espalhar as luzes de seu espírito também em outros países. Entregou, pois, a administração do país à sua sábia esposa, deixando-lhe como conselheiro o célebre *Hermes Trismegisto*, e confiando o supremo comando das forças militares ao heroico *Hércules*. Visitou a Etiópia, onde elevou as margens do Nilo e fez muitos canais para prevenir as inundações frequentes daquele rio e para regularizar a distribuição da água; ensinou aos etíopes a arte de cultivar a terra; e edificou ali várias cidades. Depois, foi à Arábia e à Índia, e percorreu toda a Ásia. Regressando ao Egito, foi

¹¹¹ Capítulo X da obra **A voz do Antigo Egito**. Rio de Janeiro; FEB, 1980, p. 55-64. Primeira edição: 1946.

morto por *Set*, seu irmão escuro e invejoso, o qual cortou o corpo de *Osíris* em 26 pedaços, espalhando-os em todas as direções.

Ísis, sabedora do que ocorreu, pôs-se a procurar o corpo do seu querido esposo, e, quando juntou todos os pedaços, entregou-os a *Anúbis*, que era o guia dos caminhos de Além-túmulo. Este os embalsamou e disse que *Osíris* ressuscitou, porém em forma de um menino radioso, o belo *Hórus*: o irmão-marido converteu-se em filho. *Hórus* matou a *Set*, o assassino, e fez reinar justiça no mundo.

No solstício de inverno, isto é, no dia do Natal, a imagem de *Hórus*, em forma de criança recém-nascida, era tirada, anualmente, do santuário e exposta à adoração do povo egípcio. *Osíris*, *Ísis* e *Hórus* constituíam, para esse povo, a Trindade Divina.

Anúbis, o guia dos caminhos de Além-túmulo, era filho de *Set* e *Néftis*, e esta era irmã de *Ísis*, e personificação da natureza subterrânea.

Neit ou *Nuit* era venerada como a deusa da Lua e rainha do Céu. Representavam-na frequentemente armada com um arco e flechas, na sua qualidade de deusa da guerra e das artes, análoga à *Minerva* dos romanos, e *Palas Atena* dos gregos.

O mais poderoso de todos os deuses egípcios era *Amon* (ou *Amum*), ou *Amon-Rá* (que significa “Sol oculto”); a ele eram subordinados todos os deuses e deusas.

Os antigos egípcios veneravam também alguns animais, principalmente o touro *Ápis*, o pássaro *íbis*, os gatos, as serpentes, o crocodilo, e o escaravelho.

O touro *Ápis* (cujo nome significa Forte) era símbolo da Força Criadora. Havia de ser preto, exceto um triângulo branco sobre a testa; havia de ter um crescente no flanco direito, e debaixo da língua uma excrescência, com a forma dum escaravelho; a crina da sua cauda tinha de ser de duas cores. Assim que se descobria um *Ápis*, iam buscá-lo com grande solenidade, para o trazer a um edifício, onde era sustentado durante quatro meses; depois era levado à cidade de *Heliópolis*, onde era alimentado pelos sacerdotes, no templo, durante 40 dias, e, em seguida, levavam-no para *Mênfis*, onde ficava no santuário de *Ftá* e recebia as adorações de todo o Egito. Quando morria, havia luto geral, até que se encontrasse outro *Ápis* novo. O morto era sepultado no templo de *Serápis*, ou no túmulo dos reis.

Os motivos que levaram os egípcios a venerarem certos animais eram diversos: assim, os gatos gozavam desse privilégio, porque exterminavam os ratos; as serpentes, porque representavam o tempo; os crocodilos, porque conservavam potável a água do Nilo, devorando os cadáveres que ali caíam; o *íbis*, grande ave branca, com a cabeça, o pescoço e a cauda pretos, porque destruía os répteis que infestavam as margens do Nilo; os escaravelhos, porque representavam a força criadora.

O alto sacerdócio era espiritualista e compreendia que as divindades, adoradas pelo povo ignorante, apenas representavam as forças naturais. Para ocupar o lugar no alto sacerdócio, porém, era necessário ser iniciado nos Mistérios, o que exigia provas rigorosas e estudos prolongados por muitos anos. Só os iniciados nos primeiros graus e

os sacerdotes simples sacrificavam aos deuses. Os que haviam passado por todos os graus de iniciação faziam parte do corpo sacerdotal científico; viviam plenamente para a ciência e tratavam dos assuntos mais importantes para a vida espiritual e material dos egípcios. Os iniciados não podiam nunca e a ninguém revelar os conhecimentos adquiridos nos Mistérios; as descobertas filosóficas e científicas ficavam nos santuários; o povo recebia apenas os resultados práticos, porque, na opinião dos sacerdotes, não possuía inteligência suficiente para compreender os ensinamentos iniciáticos.

Os antigos egípcios acreditavam na imortalidade da alma, nas recompensas e castigos numa outra vida, e na reencarnação. Tinham constante preocupação a respeito da vida depois da morte corporal; a sua vida era um incessante esforço para bem morrer. Conheciam as ciências psíquicas, o destino das almas no mundo invisível, e a comunicação entre os encarnados e desencarnados. Em todas estas coisas, naturalmente, só os altos iniciados possuíam conhecimentos claros; o povo, em geral, contentava-se com lendas, símbolos e, principalmente, com as pomposas festas.

A oeste de Tebas, nos montes Líbias, eram situadas extensas *catácumbas*; ali, havia passagens subterrâneas de uma légua de comprimento, e em alguns lugares andares sobrepostos; as paredes estavam cobertas de pinturas que representavam a sorte das almas no outro mundo. Nestas pinturas vê-se a “Sala da Verdade”, que representa o mundo espiritual. Nesta sala está colocada uma balança na qual dois deuses (ou anjos), *Hórus* e *Anúbis*, pesam o coração do falecido, na presença de *Osíris*, o Senhor da vida, e do monstro da Morte.

Ao julgamento assistem vários juizes e um escrivão (*Tot*). Quando, pelo peso do coração, ficou provado que o falecido tinha sido bom homem, devolve-se-lhe o coração e ele entra no reino dos bem-aventurados, para gozar da vida; se, porém, a sentença foi desfavorável, o monstro da Morte devora-lhe o coração.

Depois de passar longo tempo no mundo espiritual, a alma, segundo as crenças dos egípcios, renascia em novo corpo na Terra. Por isso cuidavam de embalsamar e conservar os corpos dos mortos; pois pensavam que a alma não precisaria reencarnar enquanto estivesse conservada a sua múmia. Por isso também cada rei, quando subia ao trono, começava, antes de tudo, a construir o seu túmulo, em forma duma pirâmide, a qual, porém, servia também para estudos astronômicos e ocultistas.

Os Templos, nas épocas em que a civilização egípcia estava em seu apogeu, não eram só lugares do culto, mas eram também as únicas escolas e, além disso, eram gabinetes zoológicos, observatórios astronômicos, exposições de obras de belas-artes, e até casas de saúde.

Entre os templos egípcios e as igrejas cristãs dos tempos posteriores, nota-se, pois, uma diferença muito grande; e, além do que já dissemos, havemos ainda de notar que o povo não tinha o direito de entrar nesses templos; somente os sacerdotes podiam fazê-lo, e só os sacerdotes dos graus mais altos, como também o rei, tinham o direito de

levantar o véu que encobria a Arca Sagrada e os seus mistérios. O povo podia apenas entrar no vasto pátio quando se celebravam certos ritos; se, porém, os ritos eram puramente sacerdotais, até o pátio era vedado aos profanos.

Vejam, como Saint-Yves d'Alveydre descreve (no seu livro "Mission des Juifs") uma dessas procissões puramente sacerdotais, onde o Deus social é levado solenemente nos livros das Sagradas Doutrinas:

"À frente marcha o Reitor dos Matemáticos. Diante dele são carregados os atributos da Música e os livros de Hermes, que tratam da Aritmologia e da Morfologia, quantitativas e qualitativas, os hinos dos Deuses segundo os modos aritmeticamente e geometricamente apropriados à sua esfera de Vida cosmogônica, e, enfim, as regras da vida real ...

Em seguida vem o Horóscopo, grande Mestre das Ciências genetliacas. Precedem-no o relógio e a palmeira, e os livros que contêm a Cosmogonia biológica e fisiológica do nosso Sistema Solar, ao duplo ponto de vista: hiperfísico e físico.

Depois vem o Escriba sagrado, grande Mestre da Ciência e da Arte hierogramática, da Simbólica sob todas as suas formas. A pena, a régua, o tinteiro são os seus emblemas. Os seus livros, com as chaves hieroglíficas, tratam da Cosmografia, da Geografia, dos Ciclos solares, lunares e planetários, da Corografia, da Hidrografia, dos instrumentos de Física e Química, das regras positivas dos ritos sagrados, dos lugares apropriados, dos números, pesos e medidas, e da Estética do cerimonial em todas as suas espécies ...

Depois do Escriba vai o grande Mestre de Justiça, com os seus símbolos: o côvado, representando a igualdade perante a Lei, a equidade da Lei mesma; o cálice, representando a participação do Conselho dos Deuses à grande Comunhão sacerdotal com a Vida Espiritual do Universo, pela Iniciação à Sabedoria e à Ciência integrais. Os livros tratam do Direito sagrado e do profano, do culto dos Deuses, dos sacrifícios, da regra das reuniões judiciárias, etc., etc.

Enfim, o Profeta encerra a fileira. Os levitas levam os seus emblemas: um jarro de ouro, e pães de Comunhão. Como Pontífice, tem a seu cuidado os dez livros sacerdotais, reservados à iniciação suprema, e levados na Arca Sagrada. Não citarei senão quatro destas ciências: Teurgia, Magia, Terapêutica sagrada, Alquimia".

Os sacerdotes, no Antigo Egito, ensinavam ao povo as virtudes e a vida moral, não por meio de sermões, mas pelo exemplo de sua própria conduta. Eram sábios e sadios, alimentando-se, pela maior parte, de vegetais, e manifestando sempre grande domínio de si mesmos.

FILOSOFIA E REFORMA RELIGIOSA, NO ANTIGO EGITO¹¹²

Francisco Valdomiro Lorenz

O primeiro grande filósofo que a história egípcia menciona foi *Ptah-hotep*, notável pensador há cerca de 3.000 anos antes de Cristo; era o primeiro ministro do faraó, e, quando se retirara da vida ativa, escreveu um *livro de sabedoria* para seu filho. Diz no prefácio:

“A velhice está chegando, e quem é velho tem o corpo enfraquecido: os olhos não percebem distintamente os objetos, os ouvidos tornam-se moucos, as pernas frouxas, o coração é visitado pela tristeza. Mas o pensamento está cheio de sabedoria da experiência. Meu filho, ouve com atenção as palavras de teu pai, para que sua experiência possa conduzir os teus passos no caminho da vida”.

Eis algumas das máximas que o filósofo apresenta ao filho:

“Não sejas orgulhoso por teres adquirido saber, nem desprezes aqueles que sabem menos do que tu; porque para o saber não há limite; e há ocasiões em que até mesmo os ignorantes podem ensinar aos sábios”.

“As palavras bondosas têm valor maior do que esmeraldas, e um coração gentil é mais precioso que um grande tesouro”.

“Sempre é lembrado com amor o caráter dum bom filho”.

“Cuida bem de tua casa; ama tua esposa, e não te juntes a outras mulheres”.

“Fala quando tiveres a dizer alguma coisa agradável; no caso contrário, guarda silêncio”.

“Se quiseres governar outros homens, aprende a obedecer e a cultivar a bondade”.

“Em todas as ocasiões aprende a sabedoria do domínio sobre as próprias paixões. Este é o meio de ser feliz e obter êxito”.

Apresentemos também algumas máximas herméticas dos Sacerdotes Egípcios Iniciados:

“Nada está parado; tudo se move; tudo vibra”.

“Tudo é duplo; tudo tem dois polos; tudo tem o seu oposto; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todos os paradoxos podem ser reconciliados”.

“Tudo tem fluxo e refluxo; tudo sobe e tudo desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas”.

“Tudo tem o seu princípio masculino e o feminino”.

¹¹² Capítulo XII da obra *A voz do Antigo Egito*. Rio de Janeiro; FEB, 1980, p. 77-82. Primeira edição: 1946.

“A mente pode ser transmutada de estado em estado, de grau em grau, de condição em condição, de polo em polo, de vibração em vibração”.

“O Universos é mental; ele está na mente do Todo”.

“Tudo está no Todo, e o Todo está em tudo”.

“O que está em cima é como o que está em baixo; o que está em baixo é como o que está em cima”.

“Toda causa tem seu efeito; todo efeito tem sua causa; todas as coisas acontecem de acordo com a Lei” ...

No tempo da XVIII dinastia, começou a sentir-se no Egito uma decadência da vida religiosa. Muitos sacerdotes eram indignos da confiança do povo, devido à sua moralidade muito afrouxada e à cobiça de riquezas materiais. Apareceram novos ideais religiosos, principalmente a ideia monoteísta, e o filho do faraó Amenhotep III, o jovem príncipe idealista *Akhenáten*, que depois da morte do pai subiu ao trono, com o nome de Amenhotep IV, tomou parte na reforma. Com audaz radicalismo quis simplificar o sistema politeísta e restaurar o antiquíssimo monoteísmo. Declarou que o verdadeiro Deus era o único Criador de todo o Universo, e que Sua Força vivificante manifestava-se no Sol, o qual, embora longínquo da Terra, está onipresente, por meio dos seus raios.

No seu *Hino ao Sol*, dizia Akhenáten: “Fulgindo no céu, ó Áten (Disco Solar), disseminas a vida. Sobes, e na tua beleza governas o mundo. Brilhas, excelso, acima do país, abraças tudo que criaste; todavia, enquanto teus raios tocam a Terra, tu te conservas distante. E quando nos deixas, pelo poente, o mundo mergulha em trevas, como se fosse o fim de tudo. Os homens jazem, tristes, nos seus aposentos; se alguém lhes tirar o que têm debaixo da cabeça, nem o perceberão. Mas, depois, quando regressas, as trevas somem-se, as duas regiões desfrutam os teus raios. Todos se levantam, porque tu os atraís. Lavam-se, vestem-se e, orando, erguem para ti os braços, ó Radioso! O povo se entrega à sua tarefa, o gado saboreia o pasto, os campos e as ervas reverdecem, os cordeiros saltitam, os pássaros voam dos ninhos e te louvam como o ruflar das asas. Todos os caminhos estão abertos, porque tu brilhas. As embarcações sulcam o Nilo em dois sentidos, os peixes saltam na correnteza, já que os teus raios penetram até o fundo do mar. Sazonas o fruto no seio das mães e o aquietas nas entranhas maternas, para que não chore. Depois lhe dás fôlego e, quando o filho nasce, abres-lhe a boca e o supres do que lhe é preciso. Dás ao pinto o ar na casca e a força de quebrar o ovo; e, logo que sai à luz, ei-lo correndo e debicando”.

“Imenso é o que criaste: a Terra, com os homens e os animais, grandes e pequenos, todos os seres que nela pisam e tudo quanto voa sob o firmamento; as regiões da Síria e da Núbia, a plaga do Egito! A todos puseste no lugar adequado e proveste do necessário! Separaste os povos pelo idioma, diferençaste-os pela forma e pela cor. Criaste o Nilo no mundo inferior e de lá o trouxeste, pela tua vontade, para nutrir os homens, tu, Senhor

de todos eles! Colocaste um Nilo no céu, a fim de que desça, forme nos montes vagas como nos mares e regue as campinas, segundo as necessidades. Destinaste o Nilo celeste às regiões montanhosas e a todo o gado que ali lhe corre aos pés. Mas, o Nilo inferior, deste-o ao Egito”.

“Fizeste o céu distante, para subires às suas alturas e contempares, sozinho, o que criaste. Todos os olhares convergem para ti, ó Sol do dia! Vives no meu coração. Ninguém te conhece como o teu filho Akhenáten. Tu o iniciaste nos teus planos, tu, vida nossa, de que vivemos”.

A “Nova Religião”, ou Reforma Religiosa, que pregava a crença num só Deus, puro Espírito, Pai de toda a Humanidade, cuja adoração deve ser feita pela pureza do coração e confirmada por ações de amor ao próximo, não agradava ao sacerdócio decadente. No décimo sétimo ano de seu reinado, Akhenáten foi obrigado, pelos sacerdotes, a abandonar o seu palácio real de Tebas e ir morar em Tel-El-Amarna, sendo acompanhado apenas da sua fiel esposa, a formosíssima Nefretit. E o povo voltou à adoração dos deuses em formas humanas e animais, como anteriormente estivera acostumado.



Elisa Gonsalves, na planície de Giza, Egito

A BÍBLIA E O ESOTERISMO¹¹³

Francisco Valdomiro Lorenz

A Bíblia, que é o conjunto das Escrituras Sagradas dos cristãos, é um livro verdadeiramente extraordinário. O seu nome, que provém do grego, significa “os livros”, ou o Livro por excelência. Mas apenas a menor parte da Bíblia, a saber, o “Novo Testamento”, foi escrita originalmente em grego; o chamado “Velho Testamento” foi composto em hebraico, e constitui a Escritura Sagrada dos israelitas, a quem chamam “A Lei, os Profetas e outros escritos” (em hebraico: *Thôráh nebíím u-khethubîm*).

Ao passo que a maioria dos representantes da Ciência oficial não dá apreço maior à Bíblia do que a qualquer produção literária antiga, apontando os numerosos tópicos em que a Bíblia está em desacordo com os fatos e ensinamentos da Ciência, há um grande número de cristãos, de várias denominações, igrejas e seitas, que consideram este livro como Obra Divina, a única, verdadeira e inspirada Palavra de Deus.

Os cientistas dizem que não se pode admitir, por exemplo, que Deus tenha feito a luz no primeiro dia da Criação, e o Sol e a Lua somente no quarto dia, quando é claro que sem estes astros não haveria dia e noite. Igualmente não puderam as plantas aparecer na terra no terceiro dia, isto é, antes da criação do Sol, porque sem raios solares não há vegetação.

Os crentes religiosos, em geral, dão preferência ao que acham na Bíblia, que interpretam literalmente, não se importando com as objeções da ciência. Mas a interpretação literal produziu um grande número de seitas, das quais cada uma julga possuir a verdade, e declara que as outras estão em erro. Assim temos as interpretações bíblicas dos católicos romanos, dos católicos gregos, dos anglicanos, dos luteranos, dos reformados, dos metodistas, batistas, adventistas, etc., e todos eles encontram os pontos de apoio na Bíblia, lida e compreendida como um livro histórico. Já este fato por si mesmo seria suficiente para provar que as Verdades bíblicas não consistem em narrações de acontecimentos, de que hoje é difícil dizer, se foram ou não reais; e é uma fatal aberração do espírito humano, julgar que a nossa salvação depende da crença em tais acontecimentos.

As controvérsias de fundo bíblico provocaram dissensões, e até guerras sangrentas; mas também não se pode negar que a Bíblia serviu, em muitas ocasiões, de archote de liberdade e civilização. A sua influência sobre as formas sociais, políticas e morais da humanidade é inegável. Por isso os esoteristas harmonizam as duas opiniões contrárias, em referência ao valor da Bíblia: a opinião religiosa e a científica; eles nos dizem que o estilo da Bíblia é, em alguns lugares histórico, mas em muitos outros lugares

¹¹³ Capítulo extraído de **Raios de Luz Espiritual. Ensinos Esotéricos**. São Paulo: Pensamento, s.d., p. 144-156. Primeira edição: 1944.

simbólico, e que então deve compreender-se espiritualmente. Assim como ninguém chama mentirosas as fábulas, em que se apresentam animais falando, mas todos reconhecem que elas contêm verdades morais, também nas Escrituras Sagradas apresentam-se-nos verdades eternas sob o véu de mitos, alegorias e parábolas.

Este estilo, obscuro, incompreensível e absurdo aos profanos, que ignoram seu sentido espiritual, foi preferido pelos antigos Mestres, por ser adaptável a *vários graus* de interpretação conforme o desenvolvimento pessoal dos que procuram a verdade.

Provaremos, com as palavras da mesma Escritura Sagrada, que os seus autores não queriam descrever coisas pertencentes ao domínio dos sentidos exteriores, que são o único critério para as pessoas sensualistas, mas que esses autores falam do mundo interior, espiritual, supra-sensual, metafísico.

O grande apóstolo S. Paulo diz: “A letra mata, o espírito vivifica” (II *Coríntios* III, 6), repetindo assim as palavras que Jesus Cristo disse na ocasião de acharem alguns dos seus discípulos difícil crer em Suas afirmações. (Ver o *Evangelho de São João*, VI, 63).

Nos Evangelhos lemos que num dia, quando se ajuntou muita gente ao pé de Jesus, entrou Ele num barco e se assentou, e toda multidão estava de pé na praia; e Jesus falou-lhe de muitas coisas por parábolas, como era de seu costume. E depois, acercando-se dele os discípulos, perguntaram-lhe: “Por que falas ao povo por parábolas?” E Ele respondeu: “Porque a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus (isto é, do mundo espiritual), mas a eles não é dado (porque não estão ainda maduros para isso); é uma regra do mundo superior que aqueles que têm entendimento, se dará mais, e terão em abundância; mas aqueles que não têm (tal entendimento), até aquilo que têm lhes será tirado (porque têm só ideias falsas, e hão de abandoná-las). Por isso falo por parábolas ao povo, porque se usasse dos termos próprios, nada entenderiam absolutamente; porque eles, vendo (com os olhos carnis), não veem (o que é real); e ouvindo (exteriormente), não ouvem nem compreendem (no espírito). E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: “Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis; e vendo, vereis, mas não percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos, para que não vejam com os olhos e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e Eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque veem, e os vossos ouvidos, porque ouvem.” (Veja-se *Mateus*, capítulo XIII; *Marcos*, capítulo IV; *Lucas*, capítulo VIII).

Jesus distingue duas classes de homens: uns espirituais, representados pelos apóstolos, que conhecem a vida espiritual, o mundo superior, e compreendem o que ali veem ou ouvem; outros, carnis, sensuais, representados pela multidão que, tendo endurecidos os corações, fecham as vistas à claridade da Luz Eterna, que os ofusca, e não admitem a realidade da vida espiritual, contentando-se com o uso dos cinco sentidos exteriores, por meio dos quais julgam conhecer a verdade, ignorando que estão sonhando, submergidos nas ondas das ilusões.

Jesus sabia que não era possível falar bastante claro a tal gente, porque, quem está sonhando, não entende a voz dos acordados. Por isso não falava ao povo sem parábolas, para que se cumprissem as palavras, ditas por um profeta: “Abrirei em parábolas a minha boca, e publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo.” (*Mateus*, XIII, 34-35).

Igualmente São Paulo distingue as duas classes de homens. Aos Coríntios diz: “O homem (ou natural) não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porquanto se discernem espiritualmente. Porém o espiritual discerne bem todas as coisas” (*I Coríntios* II, 14-15). “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis.” (*I Coríntios* III, 1-2).

Os coríntios não eram capazes de compreender, ao princípio, as verdades espirituais; por isso disse São Paulo que havia de tratá-los como crianças, acostumando-os pouco a pouco ao alimento espiritual.

Jesus, despedindo-se de seus discípulos, disse “Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora. Porém, quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a parte.” (*São João*, XVI, 12-13). “Disse-vos estas coisas por parábolas; chega, porém, a hora em que vos não falarei mais por parábolas, mas abertamente falarei acerca do Pai.” (*São João*, XVI, 25).

Já antes, tendo sido interrogado pelos fariseus, sobre quando havia de vir o Reino de Deus, Jesus explicara: “O Reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui, ou, ei-lo ali; porque eis que o Reino de Deus está dentro de vós.” (*Lucas*, XVII, 20-21).

Os que querem, pois, compreender a Escritura Sagrada, que trata deste Reino de Deus, situado no interior das almas, não devem procurar no exterior, porque está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios (cuja sabedoria é exterior), e aniquilarei a inteligentes mundanos.” - E também: “A loucura de Deus é mais sábia do que os homens.” (*I Coríntios* I, 19 e 25).

Deus oculta as Suas obras aos sábios materialistas e inteligentes egoístas, mas releva-as aos que O amam como os meninos amam a seu pai. (*Mateus*, XII, 25).

“As coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam, porém Deus nô-las revelou pelo Seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, e até as profundezas de Deus.” (*I Coríntios* II, 9 e 10).

Os fariseus, pretendendo serem sábios e conhecedores da Lei de Deus, eram os maiores inimigos do Divino Mestre. Uma vez disseram-lhe os Seus discípulos: “Sabes que os fariseus, ouvindo as tuas palavras, se escandalizaram?” Ele, porém, respondeu: “Toda planta que Meu Pai Celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são condutores cegos, ambos, cairão na cova.” (*Mateus*, XV, 12-24).

Deixemos, pois, de entender a Bíblia literalmente, e procuremos descobrir o sentido espiritual. Há na Escritura Sagrada dois elementos: um divino, e outro humano. Deus, o Espírito do Bem e da Verdade, inspirou os escritores; mas estes, sendo homens, não podiam exprimir-se senão em formas humanas. Há muitas coisas no Reino do Espírito, que não é possível designar com as palavras das nossas línguas; daí a necessidade de símbolos e parábolas. Além disso, a linguagem simbólica, sendo capaz de vários degraus de interpretação, conforme o entendimento mais ou menos desenvolvido, e conforme o ponto de vista tomado (por exemplo, segundo o ponto de vista biológico, cosmológico, moral, metafísico, etc.), é mais apropriada aos que se referem a fatos universais e eternos, do que a linguagem ordinária. Se um livro científico chega às mãos de um indivíduo que não é preparado para o compreender, fica totalmente ignorado por este; ao passo que uma leitura fácil, composta de termos conhecidos embora não deixe no intelecto do leitor a ideia que o livro científico produz na mentalidade culta, sempre lhe será mais útil; e mais tarde, quando o espírito do leitor se tornar mais lúcido, poderá explicar-se-lhe mais, e assim gradativamente se elevará ao nível dos cultos.

O Velho Testamento foi escrito originalmente em hebraico; e a língua de Moisés era, como afirmam Fabre d'Olivet, Saint-Yves d'Alveydre, Sédin e outros, o puro idioma dos antigos egípcios. Este idioma foi enxertado num povo que transportou através das idades, o que nele fora depositado, sendo este depósito coberto de um tríplice véu. O hebraico, tendo saído do Egito, onde usavam ao mesmo tempo da escrita hieroglífica e de caracteres literais, oferece uma imagem simbólica em cada uma de suas palavras, se bem que sua frase conserve em seu conjunto toda a eloquência da língua falada.

A língua de Moisés é tão lógica, que até cada uma das letras que compõem as palavras, já tem um sentido natural.

Conforme os rabinos, deixou Moisés, para a compreensão de seu livro, explicações orais, cuja transmissão constitui a Cabala. Estas explicações esotéricas foram esquecidas, com pequenas exceções, pelos exegetas posteriores; somente alguns iniciados as conservam. Com o decorrer dos séculos ia mudando-se o caráter da língua do povo hebreu, misturando-se sempre mais com elementos estrangeiros, de maneira que 600 anos antes de Cristo, os judeus não compreendiam mais a língua de Moisés, pois usavam de um dialeto siro-caldeu.

Quando depois do cativeiro babilônico, foi reconstruído o Templo de Jerusalém, foi composto, graças aos esforços de Esdras, Nehemias e outros homens de grande representação judaica, um exemplar dos cinco livros, atribuídos a Moisés, e denominados "Pentateuco"; porém os samaritanos, que possuíam um exemplar do Pentateuco hebraico, declaravam que só o que eles possuíam, era autêntico, e desde aquele tempo havia hostilidades religiosas entre as duas nações.

A crítica imparcial prova que, tanto no Velho, como no Novo Testamento, há interpelações e confusões, devidas ao fato de se haverem ajuntado algumas palavras, que

ao princípio eram apenas anotações marginais dos copistas, e tirado arbitrariamente certas partes, com a pretensão de serem apócrifas.

A primeira tradução que foi feita do Pentateuco hebraico ao idioma grego, data do ano de 280 antes de Cristo, e é chamada “Septuaginta”, porque a elaboraram 70 tradutores, por ordem de Ptolomeu Lagos, rei do Egito; ela foi aprovada pelo Sinédrio de Jerusalém. Os tradutores, que eram Essênios do monte Moria, gozavam de uma merecida reputação de homens de ciência e virtuosos. Segundo eles, o Livro de Moisés compunha-se de *espírito*, isto é, o sentido espiritual oculto e ignorado pelo vulgo, e de *corpo*, isto é, o sentido material da língua hebraica. A sua fé religiosa proibia aos tradutores comunicar os mistérios divinos; a ordem do rei, porém, mandava que traduzissem o Livro Sagrado. Para cumprirem a ordem do rei, sem traírem a lei de sua própria consciência, fizeram uma tradução literal, tão exata como puderam na expressão restrita e corporal das palavras hebraicas, mas não revelaram o seu sentido espiritual, para não profanarem os mistérios.

Da tradução grega, foi feita mais tarde uma tradução latina; São Jerônimo, notando horríveis erros da tradução grega, estudou a língua hebraica com um rabino da escola de Tiberíada, e fez uma nova tradução do Pentateuco, que ficou intitulada “Vulgata” e declarada autêntica pelo concílio de Trento, e desde então é considerada, pelos católicos romanos, como a Palavra de Deus.

Nem a tradução de Martinho Lutero, nem a versão inglesa, feita por ordem do rei James, apresentam outra coisa do que expressão, em línguas vernáculas, do texto latino, comparado, sob forma literal, com o grego e o hebraico.

O livro cabalístico “Zohar” (Esplendor) diz: “Ai do homem que vê, na Escritura Sagrada, somente simples narrativas e palavras ordinárias! Porque se, em verdade, estas formassem todo o seu conteúdo, poderíamos escrever ainda hoje um Livro Sagrado, muito mais digno de admiração. Mas não é assim. Cada palavra da Sagrada Escritura tem uma significação elevada e um mistério sublime ... As narrativas da Escritura Sagrada são as suas vestiduras. Ai de quem toma estas vestiduras pela Escritura mesma! ... Os simples notam somente os ornamentos e as narrações do Livro Sagrado; não sabem nada mais; não veem o que está errado nessas vestiduras. Porém o homem mais instruído não presta atenção às vestiduras, mas sim ao corpo que elas encerram.”

Estas palavras dão a entender claramente que o verdadeiro significado da Escritura Sagrada não é o literal, mas o oculto; e que as narrativas que ali encontramos, muitas vezes não devem ser tomadas como fatos históricos, mas como alegorias que simbolizam acontecimentos, fatos e verdades espirituais.

São Paulo, o mais erudito dos apóstolos de Jesus Cristo, diz na Segundo Epístola aos Coríntios, versículos 13 e 14: “Não somos como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, porque os filhos de Israel não podiam suportar a Luz; e assim a inteligência deles

permaneceu obscurecida; porque até a estes dias, quando leem o Velho Testamento, o mesmo véu fica permanecendo sobre o seu coração, não sendo ainda levantado.”

Só os judeus *não* iniciados continuavam ignorando a verdadeira significação do Velho Testamento; como diz S. Paulo, nos versículos 15-17 do citado capítulo: “Até os nossos dias, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles; porém quando se converterem ao Senhor, o véu será tirado. O Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.”

Como um exemplo do sentido alegórico do Velho Testamento, cita e explica S. Paulo, na Epístola aos Gálatas, IV, v. 22-29, a lenda de Abraão e seus dois filhos, dizendo: “Está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. O que era da escrava, nasceu segundo a carne; porém o que era da livre, nasceu por promessa. O que se entende por alegoria; porque estes são dois concertos: um, do monte Sinai, gerando para a servidão, que é Agar. Ora, Agar é Sinai, um monte da Arábia, e corresponde à Jerusalém que agora exista, que é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima, é livre; a qual é a mãe de todos nós ... Nós, irmãos, somos filhos da promessa de Isaac. Mas como então, aquele que era gerado segundo a carne, perseguia o que era gerado segundo o Espírito, assim também agora.”

Há, pois, na Bíblia muitas passagens que devem ser compreendidas alegoricamente; outras devem entender-se ao pé da letra; e para saber distingui-las e decifrar as profundas verdades, veladas no que muitas vezes parece ser insípido, impossível ou inaceitável, é mister possuir a chave oculta.

O sábio vidente sueco, *Emanuel Swedenborg*, tentou desvendar os mistérios, contidos na Bíblia. Ele diz:

“Quem ignora que no Verbo (isto é, na Bíblia) há um sentido espiritual, como a alma em seu corpo, não pode julgar da Sagrada Escritura senão pelo sentido literal, o qual, porém, não é mais que a envoltura, que contém coisas preciosas, encerradas no sentido interior. Ignorando-se o sentido espiritual, só se pode julgar da Santidade do Verbo como se pode julgar de uma pedra preciosa pela matriz que a envolve, a qual muitas vezes tem o aspecto de uma pedra comum. A envoltura do Verbo, isto é, a sua letra, pode comparar-se com uma caixa, feita de jaspe, lápis lazúli, amianto ou ágata, dentro da qual se acham, colocados por sua ordem, diamantes, rubis, sardônica, topázio, etc. Quem ignora o que contém a caixa, ou quem pensa que ela nada contém, naturalmente só aprecia segundo o valor material o que a compõe. Assim é também com o Verbo (a Bíblia), a respeito de seu sentido literal; e com o fim de dissipar a dúvida a respeito de sua Santidade e Divindade (diz Emanuel Swedenborg), me foi revelado o seu sentido interior, que em sua essência é espiritual, e acha-se dentro do sentido exterior, que é o sentido natural, como a alma se acha em seu corpo. O sentido espiritual é o espírito que dá a vida à letra, e este sentido pode, portanto, dar testemunho da divindade e santidade da Bíblia, e convencer até o homem meramente carnal, se é que quer deixar convencer-se.”

Segundo Swedenborg, a Bíblia acha-se escrita exclusivamente mediante *correspondência*, isto é, num estilo em que as palavras que mencionam coisas do mundo físico, significam coisas espirituais; como, por exemplo: a palavra “coração” não se refere ali ao órgão central da circulação do sangue no corpo, mas designa, por correspondência, a *caridade*; os braços e as mãos significam o *poder*; os olhos, o *entendimento*; os ouvidos, a *obediência*; o nariz, a *percepção*; o jardim, a *sabedoria*; o bosque, a *inteligência*; a oliveira, a vide, o cedro, o álamo e o orvalho significam o *bem* e a *verdade* da Igreja: celestial, espiritual, racional natural e sensual; o cordeiro, a *inocência*; etc., etc.

Swedenborg opinava que somente a ele foi dada a revelação dos mistérios, contidos na Bíblia; existiram, porém, já antes do tempo dele e, podemos dizer, desde os tempos mais remotos não deixaram de existir, sociedades ocultas, como os Gnósticos, os Cabalistas, os Rosacruzcianos, etc., que eram guardas e conhecedores desses mistérios.

Os homens carnis, lendo a Bíblia, interpretavam-na segundo a letra; pensam que Adão e Eva foram os primeiros dois seres humanos do mundo; que o Paraíso era um jardim; que uma serpente seduziu a Eva a comer uma fruta proibida; que os primeiros filhos deste primeiro casal humano foram Caim e Abel; que o mais velho matou o seu irmão; que Noé foi um homem que se salvou do dilúvio; que Deus exigiu que Abraão matasse seu filho único, para lhe oferecer em holocausto, etc., etc.

As mentalidades infantis acreditam nestas histórias; mas as mentalidades esclarecidas sentem que lhes é impossível considerarem essas narrativas como fatos históricos; e tem razão. Eis como devem ser entendidos, segundo o grande esoterista Saint-Yves d’Alveydre:

Adão. Basta ler a palavra, pela qual os tradutores samaritanos traduziram este nome: o *Universal*, para ver que não se refere a um indivíduo, nem a um homem, feito de limo. *Adão* significa Homem Universal ou o Universo mesmo, considerado como um Ser animado. Semelhança de IEVE, masculino e feminino, como Ele, Adão representa a alma inteligente do Universo, o Verbo universal que anima a totalidade dos sistemas solares, não somente na Ordem visível, mas também na Ordem invisível; ele é a Essência celeste donde emanam todas as Humanidades passadas, presentes e futuras, não só nesta Terra, mas através da imensidade dos Céus. Ele é a Alma universal de vida dessa Substância homogênea, a que Moisés dá o nome de *Adamah*, e que Platão chama “a Terra Superior”.

Eva é o Princípio Feminino, tanto no Universo Infinito, como nos seres individuais. É a mesma palavra que se acha no Sagrado Nome de Deus: IEVE, ou Iod-Hé-Vau-Hé.

Adão-Eva significa, pois, o Universo Vivo, em que agem em harmonioso equilíbrio ambos os Princípios: o masculino ou ativo, e o feminino ou passivo (receptivo). Moisés manifesta este Universo vivo pelos três termos: Caim-Abel-Set. *Caim* é o Princípio do Tempo, oposto ao Princípio do Espaço etéreo, que é *Abel*. Seu pai é o Universo animado, Adão, inseparavelmente unido à sua Faculdade de animação: Eva. O seu meio é a Terra celeste, *Adamah*, a Substância universal.

Dizer que Caim matou a Abel significa: o Tempo devora e transforma. *Abel* é o Princípio libertador e espiritual por excelência, Causa da força centrífuga universal, ao passo que *Caim* é a Causa da força centrípeta universal. *Set*, que participa de ambos os seus “irmãos”, é nascido da morte de Abel e significa o Espaço ponderal, sideral, duplo e sêxtuplo. Mas esses Princípios não são materiais, não os esqueçamos, pois trata-se de Biologia do Universo, ou Cosmogonia.

Na ordem androgônica, Caim é Cronos, o Centralizador universal, o Coroado; Abel morto é ali a Descentralização, e Set é a Vida local estabelecendo a relação do Centro à Circunferência e reciprocamente.

Desçamos ainda um degrau, até o antropomorfismo puro e simples; então Caim não é senão um simples Rômulus matando o primeiro Remus; é o tipo de todos os Khans, de todos os Khongs, de todos os Kings, de todos os Césares e todos os reis. Ele subjuga a Vida livre, funda a Cidade central, subjuga as Coletividades disseminadas e leva-as pela Força, à Unidade física ou política. Set participa dos dois Princípios, o Centralizador e o Descentralizador, e é nele que se efetua a conciliação possível da Centralização como o seu Princípio antagônico.

Não prosseguiremos na explicação, dada por Saint-Yves d’Alveydre, por ser de uma profundidade que exige grandes conhecimentos filosóficos, históricos, matemáticos, físicos e químicos, etc.; dos trechos acima os leitores perspicazes poderão fazer a ideia do altíssimo grau de estudos, a que levam as chaves, aplicadas nessas interpretações. Contentemo-nos com as interpretações seguintes, embora sejam de um grau menos alto:

Adão, como homem, representa o *juízo*, a razão ou o entendimento humano, e *Eva*, sua mulher, a sua parte efetiva, o *sentimento*. Observemos estas duas *qualidades principais* do homem mental ou espiritual no jardim em que foram colocadas, isto é, na situação que lhes é dada para a sua atividade, inocentes e puras, cercadas de toda a espécie de felicidade, porque são boas e verdadeiras, não estando ainda em contato com o mal e com a falsidade. Ao ente humano, cujo juízo é representado pelo tipo de homem (*Adão*), e cujos sentimentos ou afeição são representados pelo tipo de mulher (*Eva*), diz a Consciência (ou Deus) que pode fazer uso de todas as suas faculdades e forças, mas que, se não quiser perder o seu estado espiritual, imortal (porque consciente de sua origem divina), não deve empregar as forças que misturam o bem com o mal. Assim, como *Adão* e *Eva* simbolizam a razão e o sentimento, cada animal representa uma das outras qualidades ou forças que constituem a natureza humana, e que devem ser todas dominadas pelos dois princípios superiores. A *serpente* representa a sensualidade; esta é boa em seu lugar, isto é, quando subordinada à razão e ao sentimento; mas torna-se má, se alcança a superioridade. E vejamos como isto se dá: A sensualidade (serpente) tenta a faculdade afetiva (a mulher), produzindo delícias na imaginação. Esta sucumbe à tentação, e experimenta uma ação, cujos resultados produzem, em companhia de algum bem também um mal. As afeições, assim corrompidas, apresentam ao juízo, seduzido

pelo sentimento, aprova a coisa, proibida pela Razão Divina, e assim se efetua a queda do homem que peca, isto é, do espiritual se torna sensual o animal, e por consequência lógica, não pode mais permanecer no estado feliz, próprio aos seres espirituais, inocentes e puros; é, pois, expulso do paraíso. A mulher fica, desde então, sujeita ao homem: isto é, o sentimento deve ser governado pelo juízo (pela razão). A serpente da sensualidade é condenada a andar de rojo sobre o seu ventre e comer a terra, isto é, pertence às esferas baixas, e deverá ser calcada pela força afetiva. O homem cultiva a terra com suor, isto é, o juízo encontrará muitas dificuldades em busca da verdade, enquanto não voltar ao seu estado primitivo.

Deus não quer, porém, a morte do pecador, mas quer que ele emende a sua conduta. Expulsando-o do paraíso, não o deixa sem consolo; promete-lhe a salvação que lhe é certa, quando as suas afeições esmagam a cabeça da tentação.

Da união do juízo (Adão) com o sentimento (Eva) nasce a *Aquisição do saber*, representado por *Caim*, e destinada a reconduzir o homem ao estado de felicidade. Depois nasce também a *Caridade*, simbolizada por *Abel*. Para mostrar, porém, como facilmente se pervertem todos os bons dons naturais, apresenta-nos a Bíblia a seguinte cena: Caim, isto é, a Vontade de saber, entrega-se a cultivar a terra, quer dizer, a formar teorias, e oferece ao Altíssimo um sacrifício dos produtos de seus labores, isto é, dogmas e doutrinas egoísticas; ao Supremo não agrada essa oferta.

Abel, isto é, a Caridade, oferece entretanto os mais belos dos seus cordeiros, que representam o meiguice e bondade. Este sacrifício é aceito pelo Céu. Em vista disso, a força doutrinária enche-se de raiva e inveja e, voltando a face para longe da Divindade, entrega-se a todas as teorias de sua natureza inferior, e um dia mata a Caridade no coração humano.

Com o nome de Adão foi designada a primeira civilização; depois dela vieram outras, e todas se tornaram corruptas, e por isso pereceram; até que de tanta maldade se formou um dilúvio de perversão, ameaçando fazer desaparecer totalmente a espiritualidade dos cérebros humanos. Salvou-se porém Noé com a sua família e com os animais que tomou consigo na arca; isto é, a vida espiritual manifestou-se nos que eram *pacíficos* e capazes de elevar seus pensamentos acima da corrupção.

O sacrifício de *Isaac* tem o seguinte sentido: Ao homem que quer elevar-se espiritualmente (*Abraão*), diz a Consciência: “Vai à terra da divisão, isto é, dedica-se às contemplações; e sacrifica ao Altíssimo o teu *prazer* (em hebraico: *Isaac*).” Quando o homem obedece a esta voz do seu interior e está pronto a sacrificar o seu prazer mais predileto, aparece-se-lhe um anjo e lhe diz: “Basta sacrificares o prazer animal (simbolizado pelo carneiro); o prazer espiritual (teu filho) te será conservado eternamente.”

A COSMOGONIA DE MOISÉS. GÊNESE, CAPÍTULO I¹¹⁴

Francisco Valdomiro Lorenz

1. No princípio, criou Eloim a Coletividade das Divinas Potências, a essência do Céu e da Terra.

2. Mas a terra não existia ainda senão em contingência e potência; a escuridão encobria a face do Infinito, e o Espírito Divino vibrava sobre as águas, (isto é, sobre a matéria-prima homogênea).

3. E disse Eloim: "Haverá luz (espiritual)", e houve luz.

4. E considerando Eloim esta essência luminosa como boa, determinou um meio de separação entre a luz e as trevas.

5. E chamou Eloim à luz dia (manifestação fenomênica positiva), e às trevas chamou noite (manifestação negativa). E tal foi a concepção e a realização do primeiro dia cósmico, isto é, da primeira manifestação fenomênica.

6. E disse Eloim: "Haverá uma esfera da rarefação no centro das águas (da matéria-prima), e haverá uma força operando separação entre águas e águas", produzindo assim diferenciação na matéria até então homogênea.

7. E fez Eloim a essência dessa esfera de rarefação, e produziu uma separação entre as águas (etéreas) que estavam abaixo e as que estavam acima da esfera de rarefação. E assim foi.

8. E chamou Eloim à esfera de rarefação céu (o que significa); e tal foi a concepção e a realização do segundo dia cósmico, isto é, da segunda manifestação fenomênica.

9. E disse Eloim: "As águas (etéreas) que estão debaixo do céu confluirão a um só lugar, e aparecerá a aridez." E assim foi.

10. E chamou Eloim à aridez terra (termo do movimento), e à confluência das águas chamou mares (manifestação do elemento plástico e formador). E considerando Eloim estas coisas, viu que eram boas.

11. E disse Eloim: "A terra fará vegetar erva vegetante e germinante de um germe inato, e uma substância frutífera que dê frutos segundo a sua espécie, cuja semente estará nela, sobre a terra." E assim foi.

12. A terra produziu, pois, do seu seio, erva vegetante e germinante de um germe inato, e uma substância frutífera, possuindo em si a semente segundo a sua espécie. E Eloim viu que assim era bom.

13. E tal foi a concepção e a realização do terceiro dia cósmico.

¹¹⁴ **Noções Elementares de Cabala: a tradição esotérica do Ocidente.** São Paulo: Pensamento, 2010, p. 83-87. Primeira edição: 1912-13. Explica o prof. Lorenz que esta tradução foi baseada nos trabalhos de Fabre d'Olivet e St. Yves d'Alveydre, com o objetivo de mostrar o sentido esotérico, que se situa além do literal.

14. E disse Eloim: "Haverá na esfera rarefeita do céu focos de luz destinados a produzir a separação entre o dia e a noite, e servirão de sinais do futuro e para as divisões temporais, e para as manifestações fenomênicas universais e para as mudanças antológicas dos seres.

15. E constituirão centros de luz na esfera rarefeita do céu, para fazer resplandecer a luz sobre a terra." E assim foi.

16. E fez Eloim a essência do par dos grandes focos luminosos: a essência do foco maior para ser símbolo e modelo do dia (manifestação positiva), e a essência do foco menor para ser símbolo e modelo da noite (manifestação negativa); como também a essência dos astros (que são as faculdades virtuais do universo).

17. E Eloim os pôs na esfera rarefeita do céu para fazerem resplandecer a luz sobre a terra.

18. E para servirem de modelos de dia e de noite, e para operarem a separação entre a luz e as trevas. E viu Eloim que assim era bom.

19. E tal foi a concepção e a realização do quarto dia cósmico.

20. Disse depois Eloim: "As águas produzirão, em grande abundância, uma produção vermiforme, possuindo o sopro de vida, e aves que voem sobre a terra na esfera rarefeita do céu."

21. E criou Eloim a existência potencial dessas imensidades corporais, legiões de monstros marinhos, e a existência potencial de toda alma animal, animada de um movimento reptiforme, que as águas produziram abundantemente, conforme as suas espécies; e considerando estas coisas, viu Eloim que eram boas.

22. E Eloim os abençoou, dizendo: "Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas dos mares; e a espécie volátil se multiplicará na terra."

23. E tal foi a concepção e a realização do quinto dia cósmico.

24. E disse Eloim: "A terra produzirá do seu seio o princípio vital conforme a sua espécie: quadrúpedes e répteis, e toda animalidade, conforme a sua espécie." E assim foi.

25. Determinou, pois, Eloim a existência potencial dessa animalidade terrestre, conforme a sua espécie, e a dos quadrúpedes, conforme a sua espécie e a de todo movimento vital do elemento adâmico; e viu Eloim que era bom.

26. E disse Eloim: "Faremos Adão (o Homem Universal) à nossa imagem refletida, segundo as leis da nossa ação assimilante; e dominarão sobre os peixes dos mares, e sobre as aves do céu, e sobre o gênero quadrúpede, e sobre toda a terra e todas as criaturas que se movem na superfície da terra."

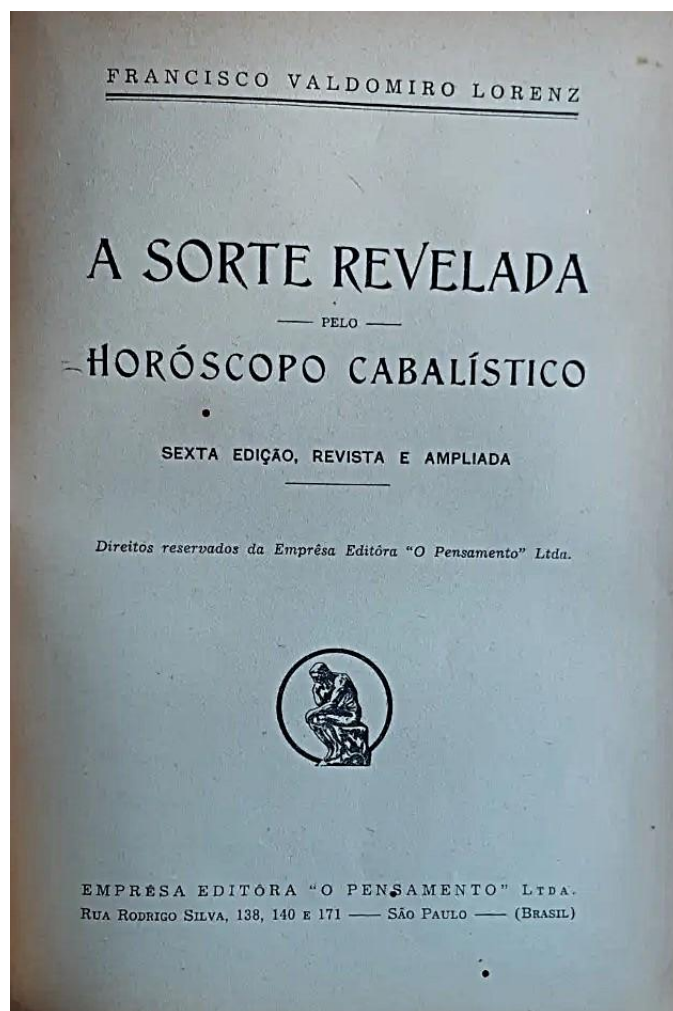
27. E criou Eloim a existência potencial de Adão, o Homem Universal, à imagem Divina o criou; e criou a sua coletividade masculina e feminina.

28. E abençoou Eloim a sua existência coletiva e disse-lhes: "Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a: e dominai sobre os peixes dos mares, sobre as aves do céu e sobre todo o animal que se move na superfície da terra."

29. E continuou Eloim, dizendo: "Eis que vos tenho dado toda a erva germinante de um germe inato, que está na superfície da terra inteira, assim como toda substância vegetal em que há fruto; toda substância vegetal que tem em si sementes vos servirá de alimento.

30. E a toda animalidade terrestre, a toda espécie volátil e a todo ser reptiforme que se move na terra e possui em si o princípio inato de um sopro animado da vida, tenho dado a totalidade da erva verdejante para servir-lhes de mantimento." E assim foi.

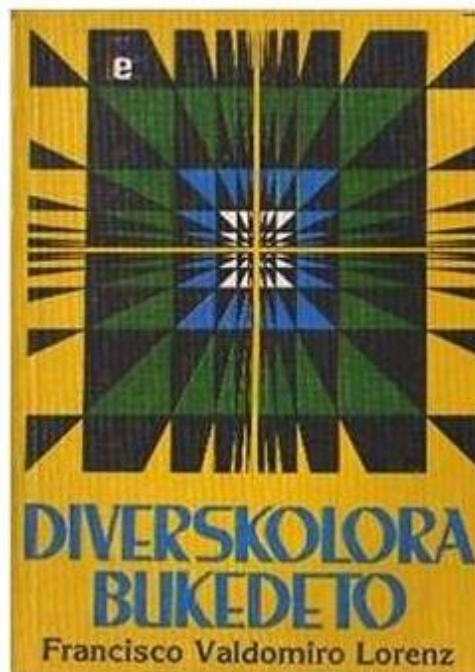
31. Então, considerando Eloim todas as coisas que tinha feito em potência, viu que eram muito boas. E tal foi a concepção e realização do sexto dia cósmico.



A primeira edição desta obra é de 1926

CRONOLOGIA DO POETA FRANCISCO VALDOMIRO LORENZ

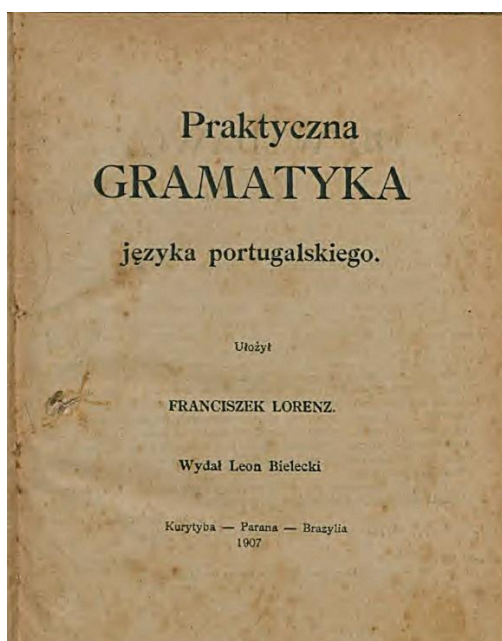
- 24/12/1872 Nascimento de František Vladimír Lorenc, em Zbislav, na Boêmia, Áustria (hoje República Tcheca).
- 1890 Publicação do primeiro manual de Esperanto para Tchechos: *Úplná učebnice mezinárodní řeči dra. Esperanta. Plena Lernolibro de la lingvo internacia de dro. Esperanto*. Aprovação nos exames ginasiais. Segundo sua própria declaração, dominava todas as línguas eslavas, latim, grego, alemão, chinês e hebraico (Novinski, p. 16).
- 1893-1894 Emigração ao Brasil, com passaporte falso, fugindo do regime austríaco autoritário. Instala-se em Porto Alegre (RS).



Coleção de poemas traduzidos de 40 línguas (antigas e modernas, ocidentais e orientais) ao Esperanto, 1941.

- 08/07/1894 Mudança para a Colônia São Feliciano, interior do estado, tornando-se agricultor, localidade hoje chamada Dom Feliciano.

- 1896 Instalação de uma escola “não oficial”, em uma propriedade particular, ministrando aulas pela manhã e trabalhando na lavoura pela tarde.
- 1902 Mudança para a sede da Colônia, instalando-se em uma residência própria, construída em regime de mutirão. Sua escola funcionava em um salão ao lado da casa.
- 09/05/1903 Oficialização da escola, tornando-se pública, e designação de Lorenz como seu responsável interino.
- 28/06/1906 Após sua aprovação em concurso público, nomeação de Lorenz como professor efetivo do Estado.
- 1907-1910 Elaboração e publicação de uma gramática de português para poloneses, *Gramatyka Języka portugalskiego*, e de um dicionário polonês-português, *Słownik Polsko-Portugalski*, para ajudar na comunicação dos imigrantes poloneses.

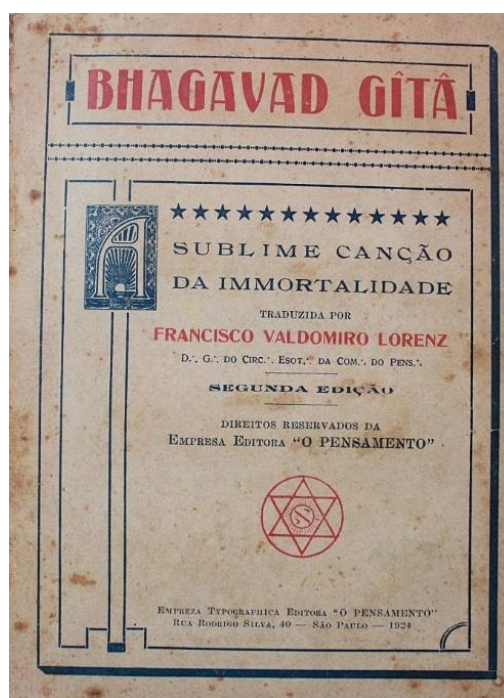


Gramática do português em língua polonesa, 1907.

1910 Encontro com Antônio Olívio Rodrigues, criador da editora “O Pensamento” (1907). Lorenz será colaborador da editora por toda a sua vida. Filiação ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

1912 Tradução do *Bhagavad Gita*, publicado em 1913, pela editora “O Pensamento”. Publicação da primeira obra original em língua portuguesa sobre Cabala, pela mesma editora: *Noções Elementares de Cabala. A tradição esotérica do Ocidente*. Ambas ainda estão em catálogo.

Responsável pela parte astrológica do *Almanaque do Pensamento*, um anuário científico, astrológico, filosófico e literário, criado neste mesmo ano, até 1964, embora tenha falecido em 1957. Autorização oficial para clinicar, sendo ele mesmo o farmacêutico de fitoterápicos e medicamentos homeopáticos (Novinski, p. 26).

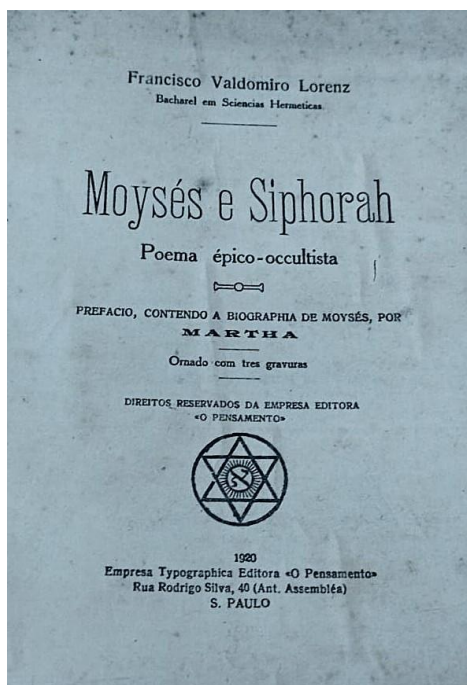


Publicação da tradução do Bhagavad Gita, 1913.

1910-1920 Tradução e publicação, pela editora “O Pensamento”, de inúmeras obras do Yogue Ramacháraca, sendo estas as primeiras obras sobre o Yoga introduzidas no Brasil.

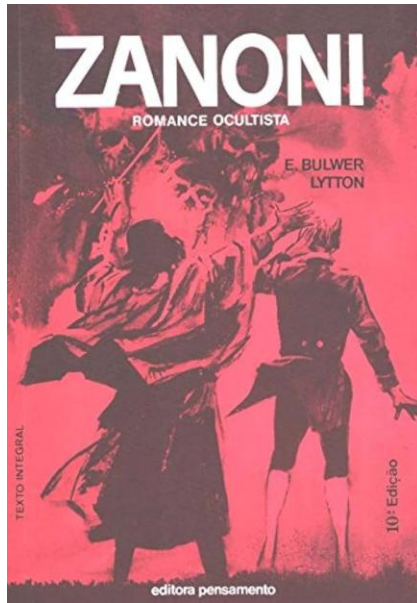
1918

Criação de uma espécie de vacina, para o enfrentamento da Gripe Espanhola, tendo havido sucesso com centenas de curas (Novinski, p. 26).



Poema original de Lorenz sobre a vida de Moisés e sua esposa Zípora, 1920.

Fevereiro/1929 Aprovação com distinção nos exames públicos, para efetivar-se como Diretor do Grupo Escolar, sendo nomeado no ano de 1930. No episódio do exame, em Porto Alegre, a respeito de seu conhecimento linguístico, Lorenz declarou aos examinadores: “entendo e escrevo em cinquenta e duas [línguas]. Entretanto, devo confessar que estou empenhado em aperfeiçoar-me na pronúncia das que eram faladas pelos Maias, Astecas e Ameríndios”. Foi “testado” no domínio de várias, inclusive do japonês (Novinski, p. 31).



Tradução de Lorenz do romance ocultista de Edward B. Lytton.



Inspirado no original, Lorenz escreveu sua continuação.

07/01/1943

Aposentadoria como Professor, aos 70 anos de idade.



Prof. Lorenz com seus filhos, em 1947.

24/05/1957

Falecimento, aos 84 anos de idade, em Porto Alegre. Em vida, publicou 31 livros, em vários gêneros: ensaios, contos, romances, poesias, dicionários, gramáticas, obras médicas, etc., além de inúmeras traduções principalmente do inglês, para a editora “O Pensamento”. Publicou também muitos artigos em revistas e no Almanaque “O Pensamento”. Deixou muitos manuscritos, alguns publicados e outros ainda não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMÁSIO, António. **Em Busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e Emoções**. Campinas: Alínea, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2017.

LORENZ, Francisco Valdomiro. **Moisés e Siphorah**. Poema épico-ocultista. São Paulo: Pensamento, 1920

NOVINSKI, Luciana. **Francisco Valdomiro Lorenz**. Um homem além do seu tempo. Porto Alegre: Odisseia, 2020.

POSSEBON, Fabricio; POSSEBON, Elisa Gonsalves. **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. João Pessoa: Libellus, 2017.

POSSEBON, Fabricio; POSSEBON, Elisa Gonsalves. **Vivência Emocional**. Teoria e Prática da Educação Emocional. João Pessoa: Libellus, 2024.

POSSEBON, Fabricio. **FRANCISCO V. LORENZ: NOSSO PRIMEIRO YOGUE?** In Revista Conceitos, n. 29, ano XXVIII, outubro de 2024. João Pessoa: ADUF, p. 94-105.

SOBRE OS AUTORES



ELISA GONSALVES POSSEBON é Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde integra o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000). Possui Licenciatura em Pedagogia (1989), Especialização em Pesquisa Educacional (1991) e Mestrado em Educação (1996) pela Universidade Federal da Paraíba. É facilitadora Didata de Biodanza e especialista em Educação Biocêntrica pela *International Biocentric Foundation*. Coordenou o Grupo de Trabalho Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação-ANPEd e foi diretora da Associação Nacional de Administração da Educação-ANPAE-seção São Paulo. É pesquisadora do Núcleo de Educação Emocional do Centro de Educação da UFPB e do Grupo de Pesquisa Educação Emocional UFPB/CNPq. É autora de vários livros, dentre eles “Educação e a Curva Pedagógica” (2014), “Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica” (2012), “Educação e Emoções” (2014), dentre outros. Atualmente coordena o projeto Vivência Emocional na Interface com as Mídias Digitais.

FABRICIO POSSEBON é Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Estudos da Religião, Centro de Educação (atualmente aposentado). É graduado em Letras: Grego Clássico e Português pela Universidade de São Paulo (1999), em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2000) e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Possui especialização em Dependência Química pelo Colégio Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, RS; especialização em Naturopatia pelo Centro Universitário - UNIESP-PB; e especialização em Psicologia Transpessoal pela Faculdade Unyleya. Colabora com o Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC-CE-UFPB). Trabalhou também no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa "Espiritualidade e Saúde". Tem 41 artigos acadêmicos e 38 livros (como autor ou coautor) publicados e orientou 48 alunos de mestrado e doutorado. É naturopata e facilitador de Biodanza. Desenvolve o projeto "Experiência Emocional na Interface com a Mídia Digital". Possui formação complementar em yogaterapia (66 horas), aromaterapia (24 horas), florais de Bach (20 horas), fitoterapia (300 horas), reflexologia (16 horas), introdução ao yoga do som (20 horas), terapia Marma (40 horas), dança criativa (58 horas), constelação familiar sistêmica (120 horas), Reiki (24 horas), entre outras.

Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/2781959905615456>

Email: fabriciopossebon@gmail.com

WhatsApp: +55839981084421



Fabricio Possebon no Poço de Jetro, Monte Sinai, Egito

CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-coordenadora

Taísa Caldas

Equipe editorial

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonsalves

Fabricio Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Secretaria editorial

Maria Emanuela Lima

Dedjany de Mendonça Delgado

